

De olhos
FECHADOS

SPIN-OFF DA SÉRIE *Pandora*
THALISSA BETINELI



De olhos
FECHADOS

SPIN-OFF DA SÉRIE *Pandora*
THALISSA BETINELI

De olhos
FECHADOS

Copyright © 2019 THALISSA BETINELI

Capa: Thalissa Betineli

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

DE OLHOS FECHADOS

1ª Edição - 2019

Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Young and Beautiful - Lana Del Rey.
Video Game - Lana Del Rey.
Ultraviolence - Lana Del Rey.
Summertime Sadness - Lana Del Rey.
Born to Die - Lana Del Rey.
R U Mine? - Arctic Monkeys.
Do I Wanna Know? - Arctic Monkeys.
Use Somebody - Kings of Leon.
Lose Yourself - Eminem.
Not Afraid - Eminem.
Love The Way You Lie - Eminem feat Rihanna.
Love The Way You Lie - Part II - Eminem feat Rihanna.
Pray - JRY.
Dusk Till Dawn - Zayn feat Sia.
Crazy in Love - Beyoncé.
High of This - The Weeknd.

Para ouvir a playlist de De olhos fechados no Spotify, abra o aplicativo no seu celular, selecione “buscar”, clique na câmera e posicione sobre o code abaixo.



Sinopse



Zoe Brooks cresceu com seus sonhos dentro do peito. Sonhava em encontrar o amor da sua vida, sentir-se amada e apaixonada. Contudo, sua vida desmoronou pelo caminho, e precisando de dinheiro, aceitou uma oferta tentadora, seduzida por uma mulher manipuladora e inteligente. Pandora, um clube secreto de sexo, onde apenas pessoas de elite são sócias, aproveitando do anonimato de máscaras para realizar suas fantasias. Esse se tornou o mundo de Zoe, tornando-a uma mulher sedutora, confiante e ambiciosa. Mas a vida prepara surpresas, e diante de um contrato de não se apaixonar, conflitos acontecerão quando Zoe conhece um sócio: Eduardo Constancer. Eduardo perdeu o amor da sua vida. Ou quem ele achava que era. Destruído, se deixando ser manipulado por uma mulher dominadora, encontrará uma nova paixão ao conhecer Zoe, sem perceber que a mulher enlouquecedora também faz parte de Pandora, oculta por uma máscara. O quanto eles abririam mão por amor? O que fariam por uma paixão repentina e intensa? De olhos fechados traz o mundo de Pandora outra vez, revelando sobre a vida de uma mulher do clube, e de como o amor não escolhe hora nem lugar.



**É necessário ter lido os livros:
Quente e O mundo de Tom
para ter compreensão dessa história
e conhecer os personagens.
Ambos os livros estão disponíveis na Amazon.**



**Este livro é dedicado
a todas as leitoras apaixonadas
pela série Pandora.
Vocês me ajudaram a criar esse mundo.
Obrigada.**



**A vida
é como um romance,
não é?! Está cheia de suspense.
Você não faz ideia do que vai acontecer
até virar a página...
Sidney Sheldon.**

SUMÁRIO

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

EPÍLOGO

EM BREVE

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

OUTRAS OBRAS



Você não tem ideia de que é
a minha obsessão?
Sonhei com você
todas as noites esta semana.

Do I Wanna Know - Arctic Monkeys.

Eduardo Constance

Fitei a caneta rodopiar entre os meus dedos. Meu irmão não calava a maldita boca, e pela segunda semana consecutiva, ele insistia que eu deveria dar um tempo. “*Esfriar a cabeça*”, palavras dele.

Armando continuava com a ladainha de que aquela mulher não merecia o meu sofrimento, muito menos esse amor louco. Mal ele sabia como era ter a sensação de ter a mulher da sua vida em suas mãos... Em sua boca, e deixá-la escapar, ser pega por braços de um homem que eu jamais acharia digno do amor dela.

Não. Tom jamais amaria Alice da maneira certa, porque ele não mudara totalmente. Continuava a merda do mesmo possessivo de sempre. Era só abrir as revistas que eu podia ver Alice estampada em alguma matéria, sobre sua barriga de grávida, ou sobre algum edital. Ou então sobre mais empreendimentos em que ela assinava, tomando a frente de muitos negócios do Haltender. Ele tinha orgulho em deixá-la na frente de muitas coisas, mas ainda assim, estava ao lado, tomando conta, da sua maneira possessiva.

Isso me deixava furioso. Ela não respondia mais minhas mensagens, na verdade, nem ela nem Dana. Fui excluído de tudo, e sentia que tinha dedo do Tom nessa história.

— Vai me ignorar mesmo? — Armando chamou a minha atenção e levei os olhos até ele, parado de braços cruzados no meio do escritório.

— Não estou com cabeça para ouvir você...

— Nunca está, Eduardo! — Ele espumava pela boca. — Ontem perdeu a reunião. Semana passada, as secretárias disseram que podiam sentir o cheiro de álcool de longe. Semana retrasada você se perdeu durante a pauta do fechamento dos negócios e precisei me desculpar em seu maldito nome. Estamos perdendo dinheiro, enquanto você fica alimentando sua fossa.

Encarei-o apático. Não queria revidar, porque no fundo sabia que estava certo. Eu saía do trabalho todo fim de tarde, e me embebedava nos lugares. Transava com mulheres diferentes, e no fim da noite acabava aceitando aquele maldito telefonema.

Desviei o olhar ao pensar naquela mulher. Seria minha ruína.

— Você voltou a conversar com ela, não voltou? — Meu irmão pareceu adivinhar e fitei as nuvens escuras pelo vidro.

— Não...

— Falarei com Anya.

— Sua dominadora? — zombei, olhando-o com raiva. — Sua dona, Armando?

Ele cerrou os dentes.

— Foda-se. Você está afastado daqui — rosnou e deu as costas. Parou diante da porta, abrindo-a. — Arrume suas coisas. Assinarei para o seu afastamento até melhorar, e acredite, nossos pais estão de acordo.

— Falou com eles?

— Pelo amor de Deus, Eduardo. Até um cego vê a forma como as coisas estão indo. Precisei aguentar nosso pai no telefone por duas horas.

— E o que você falou?

Armando riu debochado, com uma pontada de raiva na risada.

— Falei que você está pensando com a cabeça de baixo, e que eu não precisava de um inútil como você.

— Como você ficaria se Anya te desse um chute na bunda? — Levantei-me, contornei a mesa e parei a passos de Armando. — Você aceitaria numa boa?

— Acredite — disse, se virando. — Eu não lamentaria por tanto tempo como você. A mulher está com um filho do marido no ventre, começando a exhibir a barriga que começa a crescer... E você está aí, apenas babando nas revistas, mandando mensagens que ela nunca ouvirá — hesitou, estreitando os olhos. — Você voltou a falar com aquela mulher, não voltou?

— Não.

— Anya disse que ela ainda está na cidade.

— Depois do fiasco no casamento da Alice, eu me afastei — menti.

— Por que não consigo mais acreditar em você? — Era decepção estampada no rosto de Armando. — E sabe o que é pior, Eduardo? É que estou desistindo de me preocupar. Desistindo de pedir para os meus amigos se você foi preso, ou se enfiou a cabeça de vez na merda.

Uma batida na porta nos interrompeu e Armando vacilou, segurando a fechadura.

— Vou arrumar minhas coisas e irei para o nosso outro apartamento. Deixarei você sozinho por lá, para começar a pensar que Alice nunca voltará para você. Ela está feliz, vivendo a vida dela, e você está perdendo a sua. Talvez se eu, a única pessoa preocupada com você, se afastar, você perceberá quem realmente está do seu lado — Armando declarou e abriu a porta, dando de cara com a secretária.

— Sr. Constancer, há uma candidata para o estágio.

— Acompanhe-a para a minha sala, Viviane, irei em seguida.

— Estou afastado? — perguntei irritado.

— Sim, você está. Não voltará até que eu ache que está pronto — Armando respondeu irredutível e me olhou pelo canto do olho. — Você parece um adolescente.

Fechou a porta com força, me deixando sozinho. Suspirei, levantando a cabeça, pensando em como estava chegando no fim da linha. Meu celular vibrou no bolso e eu sabia que não deveria pegá-lo, pois a mensagem era da pior pessoa com quem eu poderia me envolver.

Puxei do bolso, ciente do quão errado eu estava e abri a mensagem.

Estou esperando por você.

Simples, direta e uma droga viciante.

Na primeira vez em que me envolvi, sabia que era loucura. A mulher vivia pela aparência, vivia se divertindo com os outros, esbanjando o dinheiro. Ela vivia apenas pela diversão.

Depois, me deixou bêbado todos os dias. Viciado em seu corpo e no uísque caro que nos acompanhava. Em seguida, perdi a cabeça e invadi o casamento da mulher que amava.

Fui afastado, todos estavam contra mim, e consegui dizer não.

Esse não perdurou por algum tempo, estava conseguindo me colocar nos trilhos. Até ver a gravidez de Alice, a sua felicidade estampada em viagens, lugares, abraçada com Tom.

Esfreguei o rosto. E então o convite para mais uma rodada de bebida e sexo pareceu ser promissor. Eu precisava afastar as lembranças.

E agora não conseguia me livrar mais de Mercedes.



Capítulo um

Olha, se você tivesse uma chance
Ou uma oportunidade
para ter tudo o que você sempre quis
um momento
Você pegaria, ou deixaria escapar?

Lose Yourself - Eminem.

Zoe Brooks

Meses antes

Minha mãe um dia disse que fracassamos no momento em que deixamos de sonhar.

Queria acreditar que ela estava certa. Desejava que onde estivesse, ainda acreditasse que eu conseguiria ser alguém na vida. Mas estava tão difícil, que quando o belo homem sentado atrás da mesa, com os olhos castanhos mais hipnotizantes, disse não, senti meu mundo ruir mais uma vez.

Era a décima vaga de emprego que eu estava tentando. A faculdade trancada significava o prelúdio da ruína dos meus sonhos.

O primeiro, falecido quando descobri estar sendo traída. Meu noivado voou pela janela, e me encontrei na cama vazia.

O segundo, quando perdi meu antigo emprego. Era com ele que conseguia me manter na cidade e pagar os estudos. Desempregada, estava contando os míseros centavos para continuar a pagar o pequeno apartamento enquanto deixava a faculdade para segundo plano.

Assim, apenas assenti quando o Sr. Constancer me acompanhou até a porta e deu as costas. Saí porta afora, com os sonhos entalados na garganta, prestes a chorar por mais um dia inteiro.

A secretária do lugar me acompanhou pelo corredor, e assim como eu, uma outra mulher se juntou. Observei-a de canto. Mais uma milionária daquele

lugar, com sua bolsa caríssima, lábios carnudos, cabelos que pareciam saídos de salões e uma roupa tão sofisticada quanto sensual.

Ela retribuiu o olhar e abriu um sorriso assim que parou ao meu lado na porta do elevador. Adentrei, seguida por ela.

— Está trabalhando para Armando agora? — A voz rouca me fez fitar a boca dela, que exibia um sorriso malicioso.

— Ah, não. Acabei não conseguindo a vaga — murmurei, encarando os números do elevador.

— E precisa de um trabalho?

Assenti, sem entender o interrogatório.

— Meu nome é Anya, e o seu? — Estendeu a mão na minha direção. Anéis grossos e de ouro reluziam em seus dedos. Retribui o cumprimento.

— Sou Zoe.

— Zoe — disse assim que soltou a minha mão. — Se precisar de algum emprego, no qual ganhará muito — o sorriso se formou. — Muito bem — hesitou, abriu a bolsa e puxou um cartão dourado. — Ligue para mim.

— Por quê? — peguei o cartão.

— Porque você é bonita. — Anya fechou o semblante. — As mulheres bonitas precisam aproveitar as oportunidades da vida.

— Beleza nem sempre...

— É o suficiente? — completou, arqueando as sobrancelhas. — Não é mesmo. Mas para mim, isso já basta no momento. Se tiver talento, eu encherei o seu bolso.

— Eu... — comecei a falar, aturdida, contudo, as portas do elevador se abriram e a mulher saiu, como se nunca tivéssemos conversado. Fitei-a rebolar pelo hall do prédio, atraindo a atenção de todos os homens, enquanto as mulheres cochichavam algo.

Parei ao lado de uma secretária que organizava pastas. Olhei para o cartão, que dourado, possuía entalhada a escrita: *Anya Lehanster*.

— Essa mulher é o diabo na Terra — a secretária murmurou.

— Como assim?

— Nunca ouviu falar sobre ela? — Olhou-me como se eu fosse de outro planeta. E de certa maneira, eu era. Era tão diferente das dezenas de mulheres dali que desfilavam com um corpo monumental, roupas que custavam o aluguel do meu apartamento, e dinheiro que poderia resolver toda a minha vida.

— Não.

— O que ela tem dinheiro, tem de loucura — disse entre risos e voltou a me ignorar.

Guardei o cartão, como se algum dia fosse possível eu precisar ligar.

Não, desejava que jamais precisasse pedir favores a algum desconhecido. Tinha ainda mais duas entrevistas no dia, e com toda a positividade que minha mãe me ensinou a ter, fui em busca de resolver a minha vida.

Vida essa que parecia me jogar na cara todo o azar, destruindo aquela mesma positividade. As entrevistas se transformaram em desastre, e terminei o dia devorando chocolates e chorando sozinha na cama.

O pequeno quarto estava acumulado de livros, sonhos guardados dentro de apostilas sobre Literatura. Me sentia devastada, e não queria olhar para quem um dia desejei ser, pois estava inalcançável. O celular vibrou e fitei o nome no visor.

— Não estou muito bem — resmunguei com a boca cheia de chocolate.

— Outros não? — Louise perguntou.

— Eu deveria entrar para o Guinness com o tanto de não que recebi essa semana, sabia? — sorri pela primeira vez na noite.

— Soube que eles pagam bem até.

— Preciso que paguem meus estudos e meu aluguel, será que conseguem? — Não era exatamente uma piada, e por isso, o silêncio foi perturbador.

— Você vai conseguir algo, Zoe. Sabe disso. Trabalhou seis anos naquele maldito lugar.

— Isso não está contando muito nas entrevistas.

— O que acontece? Eles...

— Não sei — murmurei amargurada. — Respondo tudo certo, preencho todos os requisitos, mas a resposta ainda é não.

— Sabe que pode voltar para cá, não sabe?

— Não quero ir para uma cidade pequena, Lou. Quando finalmente consegui me mudar, foi uma realização. Se eu voltar, será como voltar à estaca zero.

— Às vezes é melhor recomeçar.

— Não sei se conseguirei. Maison ainda está aí, namorando aquela vadia, não está?

Ela não respondeu de imediato e peguei o controle, ligando a televisão.

— Não queria ter que te contar assim...

— Ele morreu?

— Não. Ele casou, Zoe. Com aquela mesma vadia com quem traiu você.

— Alguém está feliz — zombei, enfiando mais um chocolate na boca.

— Ele não vale nada, logo trairá aquela lá também. Você se livrou...

— Não parece, Lou. O que parece é que a vida andou para todo mundo, menos para mim. Ainda sou a mesma Zoe, baixa, de cabelos escuros e com uma aparência meiga, que todo mundo acha que é virgem, que nunca vai conseguir acabar a faculdade e que se casará com qualquer homem, porque não conseguirá o príncipe.

— Você é nova.

— Vinte e seis anos é nova, eu sei. Mas não me imaginava assim... — suspirei. — Desculpe-me, você não me ligou para ouvir as minhas reclamações.

— Amigas são para isso.

Remexi o travesseiro no meu colo.

— Tem algo que aconteceu hoje, Lou, que achei bem estranho. — Aquilo tinha me remoído o dia todo, durante todas as entrevistas.

— Conheceu algum homem maravilhoso?

Dei risada.

— Não. Na verdade, recebi uma proposta de trabalho.

— Isso é estranho para você?

— É estranho o jeito que foi.

— É um emprego, Zoe. Tem que aproveitar! — Como não respondi, ela completou: — Por que foi estranho?

— Fui abordada pela mulher dentro do elevador, ela disse que eu era bonita, e podia ganhar dinheiro com isso. Me ofereceu o cartão — disse, e me estiquei, peguei a bolsa e retirei o cartão de dentro. — Ela se chama Anya Lehanster. Me disseram que é muito rica.

— Já foi pesquisar sobre ela? Não posso negar — riu. — É uma proposta bem estranha. Talvez seja para modelo? — Sua pausa fez eu pensar no mesmo.

— Oh meu Deus, nem pense nisso! — Bradei e dei uma gargalhada.

— Vá, pesquise sobre ela, Zoe, e depois me conte se ela é alguma prostituta.

Desliguei, e puxei o laptop da ponta da cama. Fitei outra vez o cartão e digitei na busca o nome.

Abri a boca, atordoada com as imagens. Aquela mulher no meio de dois homens espetaculares, louros e de olhos verdes. Li a legenda. Eram seus irmãos.

Donos de vários empreendimentos, praticamente metade da cidade.

Outras fotos a mostravam com o Sr. Constancer, o homem que me deu um não hoje, fora outros homens que nunca vi na vida, mas todos muito lindos.

Tentei mudar a busca, no entanto, nada de útil aparecia, e depois de vários minutos, desisti. Fechei o laptop e coloquei de canto. Deitei e fitei o cartão.

Minhas economias davam para apenas mais um mês de aluguel, e depois precisaria repensar em tudo. Seria despejada, iria voltar para a minha cidade natal, o fim do mundo do qual saí. O fim do mundo ontem meu ex noivo casava com a noiva, minha mãe falecera em um acidente e meu pai anos antes em uma cama de hospital.

E entre as minhas mãos brilhava um cartão que parecia me chamar, dizia que o futuro estava ali.

Talvez não fosse o que eu imaginava. O que custava ligar, perguntar?

Eu já não tinha mais nada a perder.

Disquei.

— Boa noite — um homem atendeu o telefone. Olhei para o bilhete, afastei o celular e conferi os números. Estavam certos.

— Boa noite.

— Gostaria de falar com quem?

— Anya Lehanster? — indaguei.

— Ela passou o número para você?

— Entregou um cartão.

— Um momento — esperei, e comecei a imaginar se por acaso não poderia ser um dos irmãos dela. Dois louros maravilhosos...

— Zoe? — A voz rouca me acordou do devaneio.

— Isso, sou eu — sorri sozinha no quarto. — Você me entregou o cartão, oferecendo...

— Sei o que fiz — ela me interrompeu e pisquei várias vezes, surpresa com a cortada. — Está precisando mesmo.

Fiquei sem fala.

— Antes de explicar o emprego, precisamos conversar pessoalmente.

— Poderia ao menos me dizer sobre o que seria? — perguntei educada.

— Disse que envolvia muito dinheiro.

— E envolve.

— Gostaria de saber...

— Você não está contratada. Nem sei se será. Por isso preciso conversar pessoalmente. Demonstrou precisar de dinheiro, e urgente. Eu o tenho, tenho a quantia certa que a manterá numa vida luxuosa. Contudo, não contrato e nem explico sem antes conhecer a pessoa.

Estava petrificada, sentada na cama. O que era tão sigiloso assim?

— Podemos... nos ver pessoalmente — concordei e automaticamente pensei: em um lugar público.

— Passe o seu endereço por mensagem, amanhã o meu motorista irá pegá-la às sete horas da noite — dito isso, desligou sem esperar alguma resposta minha.

Abri a boca mais uma vez. O que tinha sido tudo isso?

Na noite seguinte eu soube.

Descobri um mundo onde o dinheiro comprava o anonimato, o prazer e toda a liberdade. O que Anya me ofereceu foi uma vida entre máscaras, com nomes em sigilo, corpos libertos e sem pudores.

Demorei dias para aceitar. No entanto, não houve mais nem uma única proposta, apenas a dela.

E uma semana depois da sua oferta, eu adentrei no mundo de Pandora.



Capítulo dois

Querida, querida, não há problema
Mentindo para si mesma.

Carmen - Lana Del Rey.

Zoe Brooks

Atualmente

Larguei minha Dolce & Cabbana sobre o sofá de couro preto da minha sala e deixei os saltos em um canto do tapete. Precisava de uma taça de vinho cheia e algum remédio forte para a enxaqueca.

Durante aqueles sete meses, nunca tivera problemas em separar quem eu era com a máscara, e a Zoe da vida real. Até encontrar um sócio que me fez implorar por cada evento, que me fez desejar ser olhada por ele.

Contudo, em todos os eventos que ele ia, os quais eram raros, estava acompanhado de uma mulher que jamais o deixaria olhar para o lado.

— Pensei que iria passar outra noite fora — A voz grossa de Ray cortou o silêncio da minha sala, e ele adentrou pela grande janela da varanda, que mostrava os prédios ao redor, mais abaixo da cobertura em que eu morava.

— Eu sabia que estaria aqui — sorri. — Pegou algum vinho bom?

— O que você gosta — respondeu, passou pela bancada da cozinha e acendeu as luzes.

— Estava pensando hoje — sentei na banquetta enquanto falava. Ray puxou duas taças, o vinho, e nos serviu, sentando na minha frente.

— O quê? — sorriu, paciente.

— Tive sete meses para retornar à faculdade... E não o fiz.

— Porque não quer mais, ou porque não consegue separar sua vida?

— Um pouco de ambos — confessei.

— Sei que trabalha em algo relacionado ao corpo, Zoe — falou sério e tocou na minha mão. — Por isso nunca exigi um relacionamento fechado. Temos nossas vidas, somos vizinhos e temos muita diversão.

— Eu sei.

— Mas se o seu sonho foi cursar literatura, faça isso.

— É mais complicado do que isso.

— O que é complicado?

Como eu poderia dizer que Pandora não apenas consumia quem eu era, ela me transformava. Lá dentro eu criava um monstro que se sentia bela, que acreditava em poder conquistar o mundo.

Contudo, quando eu tirava a máscara e o couro, quando o espetáculo acabava, eu lembrava que era a velha Zoe.

— Onde você trabalha?

— Ray, sabe que não posso dizer.

— Não confia em mim? — Arqueou as sobrancelhas e sorri.

— Assinei um contrato. Nem nome tenho nesse lugar. Nem identidade. Não importa o que é, apenas que sustenta — abri os braços, olhando ao redor. — Toda essa vida luxuosa. Não nasci rica como você. Comprei essa cobertura com o dinheiro que ganho. Vivo me cuidando para poder ganhar mais.

— Mas e se não for o seu sonho? — Ele pareceu incomodado e peguei as suas mãos.

— Descobri que sonhos não pagam contas.

— Posso bancar você — falou de uma vez o que há dias insinuava.

— Não quero. Não somos namorados, e mesmo se fôssemos, não quero ser bancada por você.

— Por quê?

— Porque quero o meu dinheiro. Quero poder sair, comprar o mundo sem precisar pedir, ou pensar o que achará.

— Eu jamais...

— Eu sei, eu sei — disse rápido. — Mas eu ainda assim pensaria isso. Você me conhece a quatro meses apenas. — Levantei-me, com a taça na mão. — E hoje — me virei de frente para ele, que ainda sentado, me observava. — Preciso praticar o que aprendi nas minhas aulas de pole-dance. — Balancei o quadril. Ray não podia reclamar do nosso sexo. Tudo o que eu aprendia, estudava ou tinha aula, praticava na cama com ele.

Eu tinha o corpo que Anya exigiu de mim. Tinha os longos cabelos escuros exatamente como ela queria, e sabia todas as artes do erotismo e do sexo como uma profissional.

Ray virou a taça e puxou a gravata frouxa, libertando o colarinho. Abriu-o e tirou a camisa social, jogando-a no ar. Seu corpo escultural era digno de uma boa lambida. Ray era modelo de marcas famosas, vivia viajando para campanhas, mas nas suas folgas, nos divertíamos em todos os cantos.

— E o que aprendeu hoje? — disse safado, caminhando na minha direção.

— Prefere que eu diga — hesitei, larguei a taça em um balcão e puxei o vestido solto para cima, me libertando do tecido. Apenas de calcinha, corri para o quarto e gritei: — Ou que eu mostre?

Passei pelo corredor espelhado, um fetiche que adquirira no clube Pandora. Meu reflexo logo ganhou a companhia do reflexo de Ray, que nu, com sua ereção roçando contra o umbigo, as veias delineando-a e os poucos pelos pubianos louros como o seu cabelo, faziam sombra em suas bolas. Ele cerrou os punhos, as veias saltaram em seus braços musculosos e parei, colando a bunda no espelho, empinando-a.

— Quero que me coma aqui, querido. — Esfreguei a bunda. — Para ver o quanto podemos ficar suados.

— Ah — suspirou, parado na minha frente. — Aqui será a primeira foda da noite. — Sorriu, deixando as covinhas surgirem entre a barba loura e rala.

— Ah é? — pedi maliciosa, erguendo a cabeça. Seus olhos verdes me devoraram e ele roçou o polegar pelo meu lábio inferior.

— Minha gostosa — rosnou e agarrou o meu rosto, beijando-o. Sua língua adentrou na minha boca, se enroscou na minha, deslizou pelo meu interior, me tomou inteira, e deixou que eu explorasse a sua boca também, em um beijo quente e fervente.

Suas mãos grossas agarraram a minha bunda, apertando-a e me virou. Apoiei os cotovelos no espelho, fitando o meu reflexo, o batom vermelho borrado, e senti a língua de Ray deslizar por toda a minha lombar até chegar na nádega direta. Mordeu-a, me fazendo gemer, e desferiu um tapa forte. Dei um pulo, ronronando.

Sua mão pousou nos meus grandes lábios, e ele os beliscou.

— Está molhada, Zoe? — sussurrou no meu ouvido.

— Muito — rebolei na sua mão, implorando que me fodesse. Ele tocou o meu clitóris inchado e mordeu o meu ombro.

Senti sua glândula roçar nos meus grandes lábios, abrir espaço e se enterrar até o talo. Grande, grosso e bruto.

— Oh... — urramos juntos. Joguei a cabeça para trás. Rebolei sem esperar minha vagina o acomodar. Estava tão encharcada de tesão que seu pau se lambuzou até as bolas, e ele estocou com força. Acompanhei-o pelo espelho, suas mãos em meus ombros, seu ventre colado na minha bunda, e os músculos dos braços retesados. Seus dentes rangiam com a força que fazia, o suor começava a escorrer por entre os meus peitos que balançavam.

Sentia sua ereção dentro de mim. Estocava, em um vaivém delicioso, resvalava para fora, dando-me segundos para respirar, e voltava a me devorar.

Nossos corpos balançavam, minhas mãos transpiravam contra o espelho, e finalizamos a transa debaixo do chuveiro, para emendarmos noite adentro em várias outras.

Nossos dias eram assim, pensei, deitada na cama com Ray abraçado ao meu corpo. O silêncio era bom depois do sexo, porque eu podia pensar no único homem que realmente desejava.

E também o único que nunca consegui chegar perto. Já sabia sobre sua vida, sobre sua família.

Suspirei, e Ray se acomodou contra mim.

— Está pensativa — murmurou contra os meus cabelos.

— Estou.

— Sobre o que falou antes?

— Não. Sobre... O que quero para mim.

— Não está bom assim?

Ergui a cabeça, fitando-o. Sabia que ele se referia à nós, ao sexo louco e sem compromisso.

— Está.

Deitei a cabeça em seu peito, sem querer prolongar o assunto. Estava bom, mas faltava algo. Algo que parecia ser muito importante: *sentimento*.

Gostava do Ray como amigo. Não era o homem que sonhava em casar, longe disso. Contudo, não nutria o sonho de véu e grinalda depois da traição que tive na minha vida. Apenas queria alguém que me fizesse sentir algo.

E para isso, Pandora já não poderia fazer parte da minha vida. Como poderia ter algum relacionamento trabalhando com sexo e espetáculos sexuais? No fundo isso me atormentava, porque eu também amava Pandora.

— Também estou pensando... — murmurou.

— Ah, é? Sobre o quê?

— Sobre o que disse antes.

— Minha faculdade?

— Não — ele riu. Acariciou o meu braço, beijou os meus cabelos e disse em um sussurro: — Quero você, Zoe. Quero namorar com você, sério, com compromisso. Estou apaixonado.



Capítulo três

Você encontra
e nenhum de vocês
Nem sequer sabem o que os atingiu.

Love The Way You Lie - Eminem feat Rihanna.

Eduardo Constance

Minha cabeça latejava. Meus olhos ardiam e o quarto parecia rodopiar.

Quando foi que deixei Mercedes entrar no meu apartamento? Já não lembrava mais, só sabia que ela estava tomando conta de toda a minha vida, levando-me para baixo. Tão baixo que eu não encontrava mais caminho para voltar.

Esfreguei o rosto e empurrei o copo vazio da cama, que deslizou e bateu contra o tapete.

— O que o seu irmão fez? — Mercedes indagou, saindo do meu banheiro, enrolada em um roupão, com os cabelos molhados. Olhei-a, sem entender. — Acabei de receber uma mensagem de Enzo.

— Enzo? — O nome não era estranho.

— O irmão da Anya, Eduardo. — Ela estava furiosa. — Ele me mandou um aviso de que eu estou desligada de Pandora.

— Como é? — Sentei. Não, se ela estava... Eu também estava, e não poderia. Pandora era o único lugar em que eu ainda conseguia ver Alice.

— Você não está citado na mensagem.

Respirei aliviado.

— E irá sem mim? — Mercedes cruzou os braços. — Fará isso?

— Você já foi...

— Quer começar um jogo, Ed? — Sorriu maliciosa. — Sabe que no final

perde e vem rastejando até os meus pés. Você geme o nome da Alice quando goza, sonha com ela...

— Cale a boca — rosnei.

— Não vá sozinho.

Comecei a rir. Estava tão bêbado que começava a achar graça na desgraça.

— Armando deve ter visto suas coisas aqui — contei. — Deve ter ficado puto e falado com Anya.

— E quem se ferra sou eu.

Olhei-a debochado.

— O dinheiro não compra tudo, não é?

Mercedes me analisou com o olhar furioso e deu as costas, sumindo banheiro adentro.

— Vou sair — avisou.

— Vá. Vá aonde quiser, meu amor. — Caí de volta na cama. Era sexta-feira, sábado teria Pandora e eu ansiava por ver Alice, mas sabia que grávida ela não iria. Muito menos Tom.

Fechei os olhos, sentindo o gosto de álcool na boca.

Por um momento, pensei na merda que estava acontecendo: Mercedes morando comigo, uma mulher que vivia pelo dinheiro da família, totalmente fútil e dominadora, me afundando mais e mais. Depois, eu parecia um pedaço de merda, bêbado e sofrendo por uma mulher que fodia com o marido todas as noites. Desfilava a felicidade por onde passava.

Ah, Alice... Eu estava me tornando obsessivo.

— Vai ficar aí ou irá comigo? — Mercedes apareceu novamente, com o secador na mão, uma calça-jeans justa e uma blusa decotada.

— E aonde irá?

— Para alguma festa.

Olhei para o relógio, marcando duas horas da manhã.

— Meu Deus, olha a hora.

— Nós não trabalhamos — ela deixou implícito o que mais isso significava.

— Estou bêbado.

— Prefere ficar bêbado na cama ou em algum lugar bom?

“Prefiro ficar bêbado sem você”, pensei, mas não falei.

— Vou tomar um banho — murmurei e me levantei. Passei por ela e me

tranquei no banheiro, ligando a ducha. Tirei a roupa que já fedia à uísque e fui para a ducha.

A água gelada me acordou, aliviou a embriaguez e vesti uma camisa social com jeans, rumando para o Porsche junto com Mercedes, que conversava com alguma amiga pelo celular.

— Vamos para o Golden — ela ordenou.

— Quem está lá?

— Natasha. Depois poderemos encontrar com os Mayans em uma festa particular.

Sabia que o seu particular envolvia muita orgia.

— Deixo você com eles e irei para casa — murmurei.

— E perderá a melhor parte.

Fiquei quieto, dirigindo pela cidade até estacionar diante da boate. Dei as chaves para o manobrista e segui Mercedes.

A penumbra foi acolhedora para os meus olhos, e por um momento pensei em como eu estaria fodido se me pegassem bêbado atrás do volante.

Eu era um pedaço de merda mesmo.

Deixei Mercedes na área VIP do lugar e fui para o bar. Pedi uma dose de uísque e sentei na banqueta, a música invadindo os meus ouvidos e as luzes piscando ao redor. Minha cabeça rodopiava. Queria o velho Eduardo, centrado, honesto, simpático e que não sentisse vergonha de si mesmo.

Virei o copo e pedi mais uma dose, adiando o momento em que eu teria que subir e fazer companhia para Mercedes. Eu a odiava, mas era como uma droga, não conseguia dizer não. Ela sabia como me deixar para baixo, me dominar e me usar até a última gota.

Uma mulher sentou ao meu lado, sem me notar e pediu uma dose de tequila. Observei-a. Seus cabelos castanho-escuros batiam em seus ombros, ultrapassando-os, seus lábios estavam sem batom, e os olhos com maquiagem pesada. Ela virou a dose, e pediu mais uma, como se estivesse na mesma fossa que eu.

— Noite difícil? — pedi educado. Encontrar outra pessoa na desgraçada era reconfortante.

Ela se virou assustada e me encarou por segundos em silêncio.

— Não vou machucar você — ergui as mãos ao dizer e sorri. — Só observei que bebeu tão depressa quanto eu, como se a noite não tivesse sido fácil.

Ela suspirou e virou a segunda dose.

— A vida é difícil.

— Eu sei — concordei. — O que aconteceu com você?

— Você primeiro — ela sussurrou.

— A mulher que eu amo está casada com outro homem, está grávida e feliz. — Levantei a terceira dose como um brinde. Ela riu, e ri junto da minha tristeza. — E você? — Olhava-me com certa admiração que me deixou desconcertado, e ajeitei o colarinho.

— O homem com quem eu transo disse que me ama — ela contou com tamanha amargura que parecia mais que ele tinha dito que morreria.

— E isso não é bom?

— Não o amo — suspirou, fitando a terceira dose servida. — Ele é apenas meu amigo, e mesmo se eu o amasse, não daria certo. Tenho uma vida que poucos conseguiriam acompanhar.

— Um brinde para as nossas desgraças. — Levantei a minha dose, e a mulher levantou a dela, com um sorriso que me hipnotizava.

Bebi, assim como ela, e me virei, diminuindo a nossa distância.

— Poderia saber o seu nome? — pedi.

— Um nome não é muito importante, não é?

— Não quer contar? — insisti.

— Zoe. Zoe Brooks. Eu conheço você... — hesitou e arregalou os olhos. Tinha dito algo que não queria.

— Não era para eu saber que você me conhecia? — indaguei surpreso, e arqueei as sobrancelhas, curioso com isso. Ela ficou quieta, fitando o copo vazio.

A música não nos deixou em silêncio e fiz sinal para o garçom. Pedi a melhor bebida dali para nós dois.

— Não precisa...

— Uma desculpa para essa situação embaraçosa — a interrompi e Zoe sorriu. — E também um motivo para você não se afastar.

— Não sou a mulher que você ama. — Afirmou tão direta que fiquei sem reação. Passei a mão pela barba rala e escura e arregacei as mangas da camisa social.

— A mulher que amo está fora do meu alcance.

— Ainda continua sendo ela.

O garçom nos serviu e ofereci a taça para ela.

— Por que disse que um nome não é importante? — Voltei-me para ela, querendo diminuir mais a distância. Não transava apenas com Mercedes. Sempre

que podia, conseguia alguma outra mulher, mas Zoe não era interesse sexual. Estava curioso.

— E é importante? Quem somos afinal? Um nome nos identifica apenas, mas não nos define. Posso ser Zoe ou ninguém — disse, aceitando a taça.

— Ainda continuaria sendo Zoe.

— Às vezes queria não ser.

— Também não quero ser o Eduardo — concordei. Um vinco surgiu na minha testa e diminuí o tom de voz. — Mas sou. Não posso mudar meu nome nem perder a minha identidade. Por que você não quer ser a Zoe?

Ela se entristeceu. Respirou fundo, bebeu um longo gole e se virou de lado, frente a frente comigo.

— Porque a Zoe verdadeira é sonhadora. Espera que a vida se ajeite, que não precise escolher o que amar, o que fazer. Deseja que os sonhos se realizem. Entretanto, sabemos que essa não é a realidade. Então — hesitou e deu de ombros, fechando os olhos. Por um momento, vi nitidamente o seu rosto pelas luzes do lugar. As pálpebras fechadas cintilavam com a sombra, o seu rosto era oval, marcado pela maquiagem, quase meigo demais. Queria tocá-la, ver se era real a mistura de menina com mulher. De anjo doce com tristeza. — Então — suspirou. — Prefiro estar de olhos fechados para quem eu sou realmente. — Abriu os olhos. — E viver a realidade dura que é a vida e que exige que eu me torne alguém diferente. De olhos fechados a gente não enxerga todas as tristezas, todas as falhas ou frustrações.

— Não podemos viver para sempre de olhos fechados, correremos o risco de cair.

— Já não estamos caídos? — perguntou, indicando com o olhar as nossas taças quase vazias. — Estamos afundados na bebida, e isso não é cair?

Respirei fundo e concordei com um aceno. Era verdade, estávamos no chão.

— E você, por que gostaria de não ser Eduardo? — pediu com a voz embriagada e bebeu a terceira taça já.

— Porque eu desisti de mim mesmo — confessei. — Desisti quando invadi o casamento da mulher que amo. Quando vi a decepção no seu olhar — fechei os olhos. Porra, como aquilo doía. Só de lembrar, parecia que Alice pegava o meu coração e o apertava até quebrá-lo em milhões de pedaços. — Vi o medo da merda que fiz... E no fim, todos foram desistindo também. Meus pais, meu irmão. Fui demitido da empresa da minha família, agora moro sozinho e voltei a me envolver com uma mulher que só me faz mal.

Abri os olhos, um pouco aliviado pelo desabafo e estranho por não me sentir envergonhado por ter contado tudo isso à uma estranha.

— Mas você pode melhorar — murmurou. — Você pode dar a volta por cima.

— Não sei se quero.

— Não desista ainda — Zoe continuou. — Sabe o que eu acho, Eduardo?

— Ed — a corrigi. — Pode me chamar de Ed.

Pude ver um brilho em seu olhar e aquilo me fez sorrir.

— Ed — gostei de como o nome saiu dos seus lábios e suspirei. — Você causou tudo isso, e também pode resolver.

Assenti. Só não sabia como.

— O que fazer quando a pessoa que você ama... Ama outro? — Olhei-a no fundo dos olhos, e ela parecia entender a pergunta.

— Você engole o amor — sussurrou.

Sorri, vendo-a retribuir e levei a mão até o seu rosto. Roci os dedos por sua bochecha.

— Tenho a sensação de já ter te visto — sussurrei. — Mas não lembro...

— Talvez passamos um pelo outro na rua, em lugares... Na vida — ela fechou os olhos ao dizer. — Muitas vezes não vemos o que está ao nosso lado.

— Mas eu queria lembrar... Você é daqui? — Como se a minha pergunta quebrassem o encanto, ela abriu os olhos recuou no banco.

— Não. Me mudei há algum tempo — respondeu sucinta.

— Estuda por aqui? Trabalha?

— Acho melhor eu ir — respondeu rápida, escapando das minhas mãos. Não pude aceitar. Pela primeira vez em meses sentia interesse real em uma mulher, eu queria ouvi-la, desvendá-la.

Pela primeira vez uma mulher me fez esquecer Alice por alguns segundos.

— Espere. — Agarrei-a pelo braço assim que ela se levantou, segurando sua pequena bolsa. A pulseira no pulso era de ouro, a bolsa, de marca. Tudo nela gritava que também tinha muito dinheiro, mas não era como Mercedes ou as outras mulheres que me cercavam. — Desculpe-me se falei algo que a ofendeu.

— Preciso ir, Ed — ela pediu, voltando-se para mim, e não resisti. Segurei sua cintura, mantendo-a rente a mim. — Me deixe ir.

— Nos conhecemos agora...

— Por isso mesmo.

— Por que está fugindo?

— Porque não posso responder suas perguntas. Você só saberá o meu nome e quem eu sou. O que faço, onde trabalho, com quem trabalho... Não existe esse lado da minha vida — respondeu direta e uni as sobancelhas, confuso. Balancei a cabeça.

— Como assim?

— Viu? Isso assusta as pessoas.

— Mas...

— Se quer conversar comigo, precisará fechar os olhos para muitas coisas... Muitas perguntas que ficarão sem respostas — diminui o tom de voz, e suavizei o aperto. Seu corpo era pequeno perto do meu, muito pequeno. Afrouxei a mão no seu braço até soltá-lo e avancei até o rosto, segurando-o. Passei o polegar pelo seu queixo.

— Então vamos conversar — concordei. Não iria deixá-la ir tão cedo. Faria do seu jeito.

Zoe ficou sem reação, chocada por eu ter concordado.

— Agora — sussurrei. Larguei sua cintura e enfiei minha mão na sua nuca, contornando os seus cabelos, enterrando os dedos no couro cabeludo, quente e confortável. — Tem algo que quero provar muito... E isso não é uma pergunta.

Avancei, acompanhando o seu olhar perdido em mim. Ela fechou os olhos, assim como eu.

Sua boca se abriu em contato com a minha, seus lábios pressionaram os meus, e seus braços envolveram o meu pescoço, colando os nossos corpos. Seu hálito tinha o gosto da vodca que havíamos bebido e levemente alguma bala que chupara antes.

Eu queria ser chupado por ela.

Queria ter todo o meu corpo em sua boca.

E ter o dela na minha. Seu corpo roçou no meu, e enquanto segurava sua cabeça pela nuca, minha outra mão deslizou pelo vestido, avançou até sua lombar e a fiz sentir minha ereção contra o seu ventre. Zoe arquejou contra os meus lábios, me enchendo de tesão.

Minha língua explorava a sua boca com fome, com desejo por mais, e ao tocar a dela, molhada e escorregadia, puxei-a para a minha boca e mordi o seu lábio inferior. Zoe gemeu baixo.

Queria prolongar o beijo até que nos faltasse ar, pois o beijo dela, diferente das outras vezes, não me lembrou de Alice.

Não. Zoe parecia ofuscar a mulher que eu amava, e eu estava enlouquecido por isso.

Contudo, fui trazido à realidade quando senti uma mão envolver o meu ombro, me puxando, e encontrei Mercedes parada ao nosso lado, com os olhos fixos em Zoe.



Capítulo quatro

Porque eu sei o que você está sentindo
Está tudo bem, garota eu sinto isso também.

High For This - The Weeknd.

Eduardo Constanzer

Zoe escapou tão rápido das minhas mãos como se nunca tivesse existido. Desapareceu no meio das pessoas enquanto Mercedes ocupava o seu lugar na minha frente.

A bebida estava me travando. Um maldito bêbado.

— O que você está fazendo? — pediu tão furiosa que os seus olhos pareciam sair de órbita.

Procurei Zoe com o olhar, tentando avistá-la.

— Eduardo!

— Você nunca se importou com quem eu transo — retruquei irritado.

— Porque eu conheço as que vão na sua cama, e não uma estranha — semicerrou os olhos ao dizer. — Quem era ela?

— Qual é o seu problema, Mercedes?

— O meu problema é que você está me desafiando — sibilou. — Você está bêbado e retrucando.

Suspirei e cobri o rosto com as mãos, tentando me acalmar. A música estava irritando os meus ouvidos, a dor retornava e por um momento fiquei lúcido. Ela iria brigar comigo, como todas as vezes, eu iria ceder, porque não aguentava levar a discussão à diante... E também porque Mercedes conseguia me ter nas mãos, e então acabaríamos a noite transando.

Não era assim que eu queria essa noite.

— Vou embora.

— Precisamos ir com a Natasha — disse assim que eu a olhei e neguei.

— Você se vira. Estou de saco cheio.

— Como é? — Arqueou as sobrancelhas. — Vai continuar com essa ideia de me rechaçar? Sabe como isso acaba, e não é com a Alice...

— Meu Deus, Mercedes, você não consegue fechar a boca? — rosnei. — Fica me chantageando emocionalmente, citando Alice em todas as nossas brigas. Sabe o quê? — Avancei até colar os nossos narizes. — Isso não funciona mais comigo.

— Por que isso agora? — sussurrou.

— Porque estou cansado. Botei para fora toda a merda quando contei para aquela mulher. E percebo que é uma droga mesmo. Estou viciado em me botar para baixo, estou viciado em você comandar a minha vida, porque assim é mais fácil.

Mercedes se calou e deixei os ombros desabarem.

— Apenas me deixa essa noite em paz, por favor — murmurei, fraquejando com o seu olhar sobre mim. — Preciso me acalmar.

— Amanhã à noite então.

— Não — neguei. — Amanhã sabe que não vou estar em casa.

— Então você irá? — ela me acusou com o olhar e não vacilei.

— Com certeza. Agora me deixe em paz, por favor. — Fugi, porque não tinha forças para lutar contra Mercedes. Passei por ela, me uni à multidão e avancei em direção à saída, sem conseguir parar de procurar aquela mulher.

Parei diante dos seguranças e a vi descer os degraus do lado de fora. Enfiei a carteira que havia tirado dentro do bolso e passei pelas portas.

— Zoe — gritei, vendo-a fechar o sobretudo branco, com os cabelos caindo em seus ombros. Ela se virou no mesmo instante em que um táxi parou no meio fio. Desci os degraus às pressas até me prostrar diante dela. O vento gelado da noite açoitou o meu rosto, e o burburinho das pessoas ali abafavam a minha voz.

— O que está fazendo aqui? — perguntou seca e recuei um passo.

— Você estava indo embora.

— Sim, preciso ir embora — falou séria, olhando ao redor.

— Mas não acabamos...

— Claro que acabamos, Eduardo. Foi apenas um beijo — sorriu como se eu fosse um jovem inocente na sua frente. Ela abriu a porta do táxi e adentrou,

me deixando estupefato com a reviravolta da sua expressão. Agarrei a porta, mantendo-a aberta, ignorando o taxista e me inclinei.

— Falei que não iria fazer perguntas, e não vou fazer — tentei manter um sorriso. — Esse era o nosso acordo, não era? Por que fugir agora?

— Porque estou em cansada — Zoe sorriu.

Suspirei. Olhei para trás. Mercedes estava naquela boate.

A lembrança da merda de vida que eu tinha estava no meu apartamento.

Ou eu ficava na rua. Ou me oferecia.

— Posso descansar com você? — Alarguei o sorriso. Meu coração pulsou forte contra o peito, e temi ser rechaçado outra vez. Zoe arqueou as sobrancelhas e lutou contra o sorriso que surgiu no rosto.

— E o seu carro?

— Peço para alguém levar.

— E a sua namorada? — pediu, deixando claro que queria saber a verdade.

Passei a língua pelos lábios. Que porra de loucura eu estava fazendo, me oferecendo assim? Sempre levava as mulheres para o meu apartamento, nunca ao contrário. Contudo, ali estava eu, na porta de um táxi, implorando para ser levado como um cachorro abandonado.

Zoe tinha me encantado por estar comigo naquela tristeza toda. Parecia compreender o quanto o amor podia machucar.

E tinha algo misterioso que estava me fascinando, tirando Alice da minha mente, e porra, eu daria o mundo para ter mais minutos sem lembrar dela.

Olhei ao redor, até parar os olhos nela outra vez.

— Mercedes não é minha namorada. Está mais para uma filha da mãe dominadora, que não consigo me livrar.

— Dominadora? — Zoe parecia querer entender.

— Não nesse sentido, por favor — fechei os olhos. No fundo, tinha sim algo de submissão. Quantas vezes eu deixara ser algemado, amarrado e chicoteado? Quantas vezes me comportei como seu total submisso dentro e fora da cama? Durante as tardes? Eu era como meu irmão, deveria estar no sangue. — Talvez um pouco.

— Não quero entrar no meio disso, Eduardo.

— Não está no meio — implorei. — Não quero Mercedes.

— E nem eu. A mulher que você quer...

— É impossível — a interrompi. — Não estou pedindo que fique comigo

por toda a vida, que se envolva... — hesitei. O motorista nos olhava impaciente. — Diga que não quer conversar, que não quer passar a noite comigo.

— Não nos conhecemos.

— Você disse que me conhece — desarme-a e Zoe abriu a boca, sem resposta.

— E você não — ela encontrou algo para dizer. — Não acha que é loucura se oferecer assim?

Larguei a porta, assentindo. Não iria passar do limite.

— Desculpe-me — murmurei e fiz sinal para o táxi ir.

— Espere — Zoe disse ao taxista e se voltou para mim. — Por que precisa tanto ir?

— Porque você me fez esquecer por um momento toda a merda — fui sincero e Zoe se afastou, dando espaço no banco do táxi.

— Venha. Levo você para a minha casa. — Seu sorriso entregava o quanto queria.

Entrei, sem olhar para trás, sem me importar se Mercedes estava vendo, ou se eu me fodesse futuramente.

— E onde mora? — perguntei assim que o táxi deu partida. Zoe abriu a bolsa, e pegou o celular, escrevendo uma mensagem. Desviei o olhar.

— Estou avisando ao Ray que estou levando companhia.

— Ray não é o seu pai, não é? — murmurei.

— Não. É alguém que esquenta a minha cama quando eu não tenho companhia — respondeu tão despreocupada que apenas a fitei surpreso.

— Simples assim?

— Você concordou em não fazer perguntas. — Guardou o celular na bolsa.

Foi a minha vez de falar com alguém. Puxei o celular do bolso e enviei uma mensagem para um dos seguranças do meu prédio. Deixaria a chave na portaria, e ele passaria buscar o meu carro.

— Ray concorda com isso? — investiguei.

— Concorda com o quê?

— Com sexo sem compromisso... — hesitei e uni as sobrancelhas. — Foi ele quem se declarou para você, não foi?

Zoe suspirou e anuiu.

— Transamos — disse sem constrangimento. — E depois do sexo ele se declarou.

— Não pode ter sido da boca para fora?

— Não — sorriu triste. — Ray não é assim. Ele também passa noites com modelos nas viagens, ou aqui na cidade mesmo. Não queremos compromisso... Até algumas semanas atrás. Percebi suas investidas aos poucos. Eram detalhes, até ele enfim dizer em voz alta.

— E o que você fez?

Zoe me olhou. Ficou em silêncio por segundos, sem esboçar sorriso ou qualquer outra expressão.

— Mandei-o embora.

— Ele não ficou chateado?

— Não. Sabe que não quero e nem posso me envolver assim.

— Por quê?

— Muitas perguntas — sorriu maliciosa.

— Muitos segredos — murmurei.

O táxi avançou para um bairro e estacionou em frente à um grande prédio. Descemos e paguei o taxista. Zoe não comentou, nem recusou. Adentrou, me esperando no hall.

— E os seus pais? — estava curioso sobre ela.

— Faleceram há anos — respondeu, me guiando até o elevador. Não pude resistir a olhar sua bunda, que marcada pelo vestido preto, era extremamente malhada. Suas pernas eram finas e torneadas. Queria apertá-la, segurá-la contra o meu corpo...

— Reconheço o olhar de um homem de longe — se virou, quebrando a minha visão e me encarou. — Mercedes não faz um bom sexo?

As portas do elevador se abriram e avancei contra ela, forçando Zoe a andar para trás. Adentramos juntos e a presei contra o espelho do elevador. Entrelacei nossos dedos, suas mãos pequenas couberam perfeitamente dentro das minhas e as ergui para cima da sua cabeça.

— Ah... — suspirei contra os lábios dela. Seu olhar me hipnotizava, e nos aprisionávamos um no outro. — Não posso negar que ela faz. Mas não quero apenas um bom sexo.

— E o que quer então? — lambeu os meus lábios, arrastando os meus olhos para as nossas bocas. Desci com a língua para o seu pescoço, sentindo o gosto de algum creme que ela havia passado e lambi até o seu ombro. Zoe arquejou, colando a cabeça no espelho.

— Quero uma foda que me faça esquecer até de respirar — suspirei contra a sua pele, vendo-a arrepiar. Ah, como eu queria mais dela. Lambi outra

vez e raspei os dentes. Zoe enterrou as mãos em meus cabelos.

— Acho que eu consigo — gemeu e voltei para os seus lábios.

— Tenho certeza que consegue. É isso que quer também?

As portas abriram e pelo reflexo do espelho vi um homem parado. Virei-me rápido, tentando me recompor, mas ele não me olhava.

— Ray — Zoe passou por mim.

— Estou de saída — ele murmurou e adentrou, parando ao meu lado. Olhamo-nos por uma fração de segundos. Eu estava chupando o pescoço da mulher que ele amava. Estava ali, vermelho, babado e inchado.

No instante seguinte, senti seu punho contra o meu rosto com força. Voei contra a parede de metal do elevador, e Zoe deu um grito. Esfreguei a bochecha dolorida, a ardência que se espalhava pela pele me fez cerrar os dentes e Ray esfregou o punho na calça.

— Está tudo bem, Zoe — ele disse furioso e saí do elevador sem revidar, mas mantive as portas abertas com braço.

— Sinto muito se vou ter um sexo gostoso com ela, cara — rosnei e tirei o braço. As portas fecharam no momento em que ele tentou avançar novamente e Zoe me puxou para trás.

— Por que fez isso? — ela estava furiosa, parada na minha frente enquanto eu tentava amenizar a dor. Sentia um pequeno corte abaixo do olho.

— Porque ele me bateu.

Zoe ficou muda. Se virou e caminhou na direção da porta no final do corredor.

— Ele vai voltar? — pedi, sem me mover do lugar.

— Não. Provavelmente estava no meu apartamento e agora foi para o dele.

— Aquele otário mora aqui? — perguntei surpreso, seguindo-a.

— Ele é meu vizinho de andar.

— Ah, então mora no andar abaixo? — sorri com a ideia.

Ela parou, abrindo a porta e me olhou sobre o ombro.

— Qual a felicidade nisso?

— Vou te fazer gemer, meu amor, tão alto que ele ouvirá — disse, enroscando a mão em sua cintura, mas Zoe se esquivou, adentrando e ligando as luzes.

— Você trabalha no que mesmo? — perguntei ao fitar a enorme sala da cobertura. Era quase maior do que a minha. Zoe largou o casaco e a bolsa sobre

uma poltrona.

— Sem perguntas, se lembra?

— Se você não me matar de prazer, vou morrer de curiosidade.

— Às vezes, não saber é o melhor.

Maneei a cabeça, concordando, e sentei no sofá, vendo-a ir para a cozinha.

— Prefere vinho ou outra bebida?

— Vinho — concordei, observando o lugar. Via a cidade pela varanda. Ela gostava de tonalidades claras, quase sempre branco e bege.

Não havia nada em vermelho ou preto.

— Descobriu alguma coisa olhando as minhas coisas? — perguntou ao retornar para a sala, segurando a garrafa de vinho e duas taças. Nos serviu e sentou ao meu lado no sofá.

Peguei uma taça e bebi um longo gole.

— Na verdade não. Não há fotos, não há nada pessoal aqui.

— Não gosto de expor minha vida.

— Mas é a sua casa — ri chocado.

Ela assentiu, sem responder, e bebeu um longo gole, sem tirar os olhos de mim.

Como ela me conhecia? Isso me deixava excitado, contudo, era uma curiosidade desmedida.

— *Me fala, por favor* — murmurei, largando a taça na mesa baixa à nossa frente. Zoe sorriu.

— Falar o quê?

— *Me conheceu como?* — insisti, arrastando a bunda pelo sofá para acabar com a nossa distância. Envolvi o seu pescoço com a minha mão. Seus cabelos me acolheram. — Não é justo você esconder isso.

— Você concordou, Eduardo.

— Ed — sorri.

— Ed.

— Apenas quando? — Levantei as sobrancelhas, implorando com o olhar.

— Há meses — ela se deu por vencida.

— Meses?

— Sim — bebeu mais um longo gole, tentando fugir da pergunta.

— Não dirá o lugar?

— Ed, por favor, não quero me arrepender de ter aceitado.

Foi a minha vez de aceitar a derrota. Fechei os olhos, assentindo. Peguei a taça e a virei, me servindo de mais vinho. Tomei mais um longo gole, reunindo as forças para engolir todas as perguntas sobre aquela mulher e me virei para ela.

— Ao menos Zoe é o seu nome verdadeiro?

— É — o sorriso surgiu convidativo. — Zoe Brooks.

— Muito prazer, Zoe — sussurrei, largando a taça e cobrindo o seu corpo com o meu. Ela se inclinou, me deixando sentir o seu pequeno corpo embaixo do meu. Segurei o seu rosto com uma mão, acariciando o seu maxilar, e apalpei a sua bunda com a outra. — Está disposta a me fazer esquecer do mundo?

— Você não veio aqui para isso? — sussurrou contra os meus lábios.

— Ah... com certeza!

Colei nossos lábios, suguei sua língua, sentindo-a entregue para mim. Iria devorá-la, fazer gritar o meu nome até Ray, no andar abaixo, ouvir.



Capítulo cinco

Eu só queria que você soubesse
Que, querido, você é o melhor.

Summertime Sadness - Lana Del Rey.

Zoe Brooks

Com os tombos da vida eu aprendera a não ser tão sonhadora. Então, na primeira investida do Eduardo, jurei para mim mesma que era a bebida.

Quando ele segurou aquela porta do táxi e pediu para vir comigo, lutei contra. Seria pior, muito pior. Eu era apaixonada pelo que via, se provasse... Iria me perder.

Contudo, não consegui recusar, deixei os sonhos aflorarem.

E agora, dentro dos seus braços, com seu corpo musculoso sobre o meu, sentindo o seu calor, o perfume masculino e gostoso, era impossível lutar contra. Eu o queria dentro de mim, queria fazer Ed ver estrelas, levá-lo à loucura e acabar a noite com a certeza de que jamais iria me esquecer.

Porque era isso o que teríamos: uma noite.

Eu assinara um contrato de confidencialidade em Pandora. Não podia contar sobre o meu trabalho... E ele fazia muitas perguntas, era um sócio. Era muito arriscado para o meu bolso e para o meu coração.

— Diga o que quer — ele gemeu contra o meu pescoço, lambendo-o. Sentia sua língua contornar minha orelha, arrepiando a pele. Seus braços me prendiam no sofá, e sua ereção dentro da calça roçava pelo meu ventre. — Diga, Zoe...

— Ed... — gemi o seu nome, e ele segurou o meu rosto pelo maxilar, forçando-me a encará-lo. — Não... — ofeguei. — Não... Aqui na sala.

— Não? — sorriu, parando todos os movimentos.

— Gosta de diversão? — sugeri.

— Que tipo de diversão? — pediu, erguendo uma sobrancelha.

— daquelas mais devassas.

Ed se levantou, agarrando as minhas coxas e me arrastando junto. Seus músculos dos braços se retesaram com a força e salivei. Ele seria meu por pelo menos uma noite. Iria realizar a fantasia que me tirava dos eixos todas as vezes que o via em Pandora.

Sim, iria aproveitar. Tornaria a noite inesquecível.

Envolvi seu quadril com as pernas, suas mãos apertaram minha bunda por sobre o vestido, e abracei os seus ombros. Toquei sua barba com a ponta dos dedos, delineando o seu maxilar, enquanto Eduardo beijava o meu pescoço outra vez.

Caminhou comigo no colo, deixando os nossos corpos se atritarem. Adentrou pelo corredor e parou na porta do meu quarto, empurrando-a com uma mão.

— Acertei? — ronronou no meu ouvido e ri baixo, enfeitiçada pelo momento.

— E se tivesse errado, faríamos no corredor — brinquei, sendo carregada quarto adentro. Ele olhou ao redor, notando o enorme espelho na parede oposta da cama, as portas fechadas do closet, que guardavam mais do que apenas as minhas roupas comuns. Percebi pelo seu olhar perdido que queria perguntar, mas se conteve, cravando os olhos em mim ao parar no pé da cama.

— Zoe... Zoe... — ronronou o meu nome, tirando os sapatos e me colocou na cama. Abriu as pernas, com Ed em pé no meio delas, e o puxei.

— Tem camisinha? — perguntei direta. Na penumbra do quarto, desejava que ele ficasse nu. Eduardo Constancer estaria na minha cama, entregue de vez. Ele assentiu.

Suas mãos se encontraram com as minhas enquanto eu desabotoava a sua camisa e ele sorriu com luxúria, os olhos intensos e profundos. Seu toque me arrepiou e travei, deixando-o revelar o peito musculoso, livre de pelos e com os músculos marcados.

Mordi o lábio, tentando me controlar.

— Como é gostoso — sussurrei, espalmei as mãos em seu abdômen e sua camisa caiu. Ed me fitou por cima, e por um segundo, permanecemos assim, imersos no momento, afundados um no outro, compreendendo que talvez, por azar ou sorte, isso poderia significar mais. Suas mãos cobriram as minhas e ele

alargou o sorriso.

— Deve ter vários homens assim.

— Não são você — confessei.

Ed não encontrou respostas, e quebrei o romantismo. Não queria ser romântica e nem poderia. Inclinei-me para frente, e deslizei a língua entre os lábios, tocando a ponta dela nas veias que desciam pelo início do seu ventre e se escondiam na calça. Ele suspirou enquanto eu sentia a sua pele ser molhada pelo meu desejo em forma de saliva.

Agarrei o cós da sua calça e abri o botão, puxando-a para baixo. Sua cueca preta estava grudada no ventre, e a abaixei também. Ed segurou as minhas mãos, me olhando ansioso.

— Vou colocar a camisinha — murmurou, procurando no bolso.

Sexo oral sem proteção era perigoso, ainda mais se éramos desconhecidos... Mas Ed estava limpo. Era preciso estar, ao menos durante o tempo em que era sócio do clube.

— Você não é um estranho para mim — murmurei.

— Mas... — ele não finalizou a frase, encarando-me confuso.

— Você não tem nenhum problema, tem? — insisti, sustentando o olhar. Queria poder dizer mais, muito mais. Dizer que eu estava tão apaixonada pelo momento como uma adolescente prestes a perder a virgindade, que não se preocupa com os riscos. No entanto, eu não era uma adolescente, e muito menos virgem. Trabalhava com o sexo, ganhava para transar e me expor.

— Não é isso — ele murmurou. — Mas acho melhor...

Não esperei que fizesse. Abaixei de vez sua cueca. Sua ereção enorme se ergueu imponente, com as veias circulando toda a extensão grossa e lisa, a glândula parcialmente escondida pelo prepúcio. Abri os lábios e abocanhei a cabeça lustrosa e rosada. Puxei o prepúcio, revelando toda a glândula rosada, lubrificada com sua excitação. Ed estremeceu, o gemido grosso e profundo escapou dos seus lábios.

— Zoe — suspirou surpreso, e enterrou a mão nos meus cabelos, envolvendo-os com os dedos, prendendo-os e me forçando a colocar mais do meu membro na boca. Fiz com prazer, a saliva escorrendo pelos meus lábios, deslizando pela extensão lisa até as bolas, deixando o movimento ágil. Tentei engolir o máximo que conseguia, sentindo-o latejar contra o céu da minha boca ao roçar a cabeça rosada, a voz de Eduardo preenchendo o silêncio.

Agarrei a base do seu pau, mantendo-o contra os meus lábios e passei a língua, fixando o olhar no rosto contorcido de volúpia. Seus dentes, o aperto

forte contra os meus cabelos, implorando por mais. Ele mantinha os olhos apertados, fechados, absorto na sensação.

Finalmente eu o tinha na minha boca.

Fitei sua glândula lustrosa pela minha saliva, a lambi, toquei em toda a sensibilidade, deslizei pela coroa e lambi sua extensão até chegar nas bolas. Ed rosnou quando eu chupei uma delas, completamente lisa, e subi outra vez até o seu pau, chupando-o com força.

Queria que ele jamais esquecesse desse oral, que toda vez que pensasse em Alice, soubesse que essa chupada superaria qualquer fantasia com ela. Não me importava se depois eu sofresse sozinha, por saber que nunca mais o teria.

Continuei a chupá-lo, a tomar sua ereção com fome, a babar cada vez mais, tentar engoli-la e arrancar os suspiros mais profundos dele. Raspei os dentes, rocei os lábios pela pele, experimentei seu gosto e tentei tê-lo ao máximo. Ed ofegava, com ambas as mãos na minha cabeça, acompanhando o movimento de vaivém que eu fazia. A cada chupada forte ele estremecia.

— Zoe... — arquejou e senti minha boceta se apertar ao ouvir meu nome dito dessa maneira por ele. As veias do seu pau se dilataram mais. Ele estava segurando o gozo.

Parei.

Ergui os olhos, sua glândula contra os lábios, e sorri.

— Conseguirá aguentar tudo o que eu quero de você esta noite? — falei com luxúria.

— Com certeza — rosnou e me ergueu pelos cabelos. Tentei protestar, queria sua goza, mas Ed não se importou com a minha relutância. Segurou meu rosto com uma mão e a outra avançou pela minha cintura, unindo os nossos corpos com o seu membro entre nós. — Você está muito vestida — disse devasso.

Rocei o dedo indicador pelo seu lábio, saindo da cama, em pé na sua frente.

— Está esperando o quê? — provoqueei e Ed retribuiu o sorriso.

Agarrou as alças do meu vestido preto e as puxou para baixo. Meu ombro ficou exposto, e ele o beijou, deslizando a língua pela curva do pescoço, enquanto suas mãos acompanhavam a descida do tecido. E esse caiu sobre os meus sapatos, deixando-me apenas de calcinha.

Ele olhou para o meu corpo, mordendo o lábio.

— Puta merda — sussurrou.

— Gosta do que vê?

— Ah... Zoe... — Sua mão voou para a minha nuca, nossas bocas se colaram e a sua língua devorou a minha. Entrelaçaram-se, se misturaram, aprofundaram o beijo. Sua barba raspava na minha pele, machucando-a e imaginei a sensação que seria tê-la contra as minhas coxas.

Apertou meus seios com força, deixando-os encaixados nas suas palmas, e forçava a ereção contra a minha calcinha rendada. Caí de costas na cama, com Eduardo avançando como um predador prestes a me devorar. Seu olhar dizia isso, seu corpo que cobria completamente o meu indicava o mesmo, e a consciência de foder com Eduardo fez a minha calcinha ficar encharcada.

Ele tirou as calças ao deitar-se sobre mim, enquanto eu tirei os sapatos. Abri as pernas, acomodando Ed no meio delas, e ele apoiou os braços na cama, lambendo os meus lábios. Mordeu o meu queixo, me arrancando gemidos, desceu para o meu pescoço e deixou um chupão acima do busto.

Contorci-me nos lençóis quando, primeiro, a sua barba raspou entre os meus seios empinados. Fez cócega e certa ardência. Depois, tocou no meu mamilo direito, tão intumescido que chegava a doer.

— Por favor... — gemi. Queria sua boca ali.

Ele fez com gosto. Abocanhou-o e o chupou com veemência, arrancando um grito abafado de mim. Senti sua boca molhada, sua língua circulou a aréola e pressionou o meu bico contra o céu da sua boca. Mamou como uma criança faminta. Afundei as mãos nos seus cabelos macios, repetindo em silêncio o quanto ele era meu.

Somente meu durante a noite. Me contorci debaixo do seu corpo, minha intimidade pulsava, latejava. Precisava de atenção, porque eu sentia o meu tesão escorrendo contra o tecido de renda e molhando minhas coxas.

— Quer ser chupada, Zoe? — Ed me provocou, falando com o meu mamilo entre os dentes. Ri, sem conseguir encontrar voz, e ele lambuzou o meio dos meus seios com a língua. — Depois vou querer meu pau bem aqui — colocou o dedo. — No meio deles.

Lambeu a curva do meu peito, desceu para a barriga e abri as pernas, deixando o seu tronco se encaixar entre elas. Pousou os lábios no início da minha calcinha, beijando-a. Segurou o tecido e o puxou, desnudando-me.

Minha intimidade lisa estava molhada, brilhando de devassidão.

Em seu olhar havia lascívia, enquanto admirava meus grandes lábios. Passou a língua entre os lábios e sorriu com satisfação.

— Está assim por minha causa? — disse e enterrou um dedo na minha boceta. Me contorci, revirando os olhos.

No fundo, eu sabia que nem um homem conseguiria me levar ao orgasmo como Eduardo, porque o prazer não estava apenas no ato, mas na mente. Eu fantasiara tanto com ele, que agora prestes a abrigá-lo dentro de mim, gozaria apenas com o toque.

Enterrei as unhas no lençol, puxando-o contra o meu corpo.

— Você... Não... Imagina o quanto — ronronei perdida, entregando todas as minhas ânsias.

— Ah, é? — assoprou contra a minha intimidade e não consegui diminuir o sorriso. Comecei a respirar com dificuldade, minha pele queimava de calor, meu coração latejava em ansiedade. Eu estava pegando fogo sem nem ter sido devorada por Eduardo ainda.

— Oh meu Deus, vá logo — implorei e empurrei sua cabeça com as mãos. Ele riu, e enfiou a língua entre os meus grandes lábios. Beijou-os, os lambeu e enterrou a boca na minha boceta, se lambuzando no meu gozo.

Senti sua língua me explorar, deslizar por todas as minhas dobras, afogar-se na minha pele encharcada e parar contra o meu clitóris, que já inchado, com o toque se tornou insuportável. Sentia-o queimar, tremer contra a boca de Ed e ele o mordeu.

Contorci o corpo, flexionei as pernas, envolvendo os seus ombros com elas e larguei a sua cabeça, enterrando as unhas de novo nos lençóis.

— Ed — gritei o gemido.

— Não estou nem perto de fazer tudo, meu amor... — suas palavras aniquilaram qualquer lucidez. Meu ventre formigou, o ar faltou dos meus pulmões e me sentia viver dentro de um sonho. Parecia irreal, e por isso, o arrepio era arrebatador. A adrenalina junto com o prazer se espalhou pelo meu corpo, me entorpeceu e me perdi.

Gozei com violência como nunca antes. Minha musculatura interna tencionou, me levando ao orgasmo único, que varreu a razão.

Balbuciei o nome de Ed de forma contínua, o suor escorreu por entre os meus seios, os espasmos me fizeram tremer e não tive controle sobre o meu corpo. Minha boceta latejava contra a boca dele, que bebia tudo de mim, sem prevenção, sem receios. Isso era loucura. Uma doce loucura.

— Isso, meu amor... Quero que gema o meu nome. Diga para o mundo quem é o homem que está aqui — ele rosnou, voltando a me chupar no meio das pernas. Apertei as coxas ao redor da sua cabeça, sem me conter. O orgasmo era único, eu viajava em um mundo de sensações, praticamente drogada pelo êxtase.

E então senti sua ausência. Arregalei os olhos a tempo de vê-lo se

levantar, deixando à vista o seu corpo espetacular. Ele se virou, se agachou no pé da cama, beijou o meu pé, e fez o mesmo com o outro. Depois pegou a calça jeans do chão e retirou a camisinha.

Não respirava direito, ofegava, meus pés estavam contorcidos, minhas mãos cerradas. Acompanhei embevecida ele rasgar a embalagem e colocar o preservativo, desenrolando-o na ereção deliciosa.

— Agora — mordeu o lábio ao falar, se arrastando até mim. — Quero provar você com o meu pau, porque com a boca sei que tem um gosto maravilhoso.

Deitou sobre mim, meus bicos raspavam em seu peito, se encaixou contra os meus lábios molhados e ele segurou o membro, besuntando-o com o meu gozo.

Com a mão no meu rosto, aprisionando o meu olhar ao seu, empurrou o quadril, me penetrando com violência.

Senti seu pau avançar contra a minha boceta, exigir espaço e se enterrar até o talo dentro de mim. Joguei a cabeça para trás, abrindo os braços, enlouquecida contra o seu corpo. Ed arremeteu com força, rosnando com a estocada, me conhecendo inteira, e pude jurar que me rasgaria contra o colchão, tamanha a força e desejo.

— Maravilhosa — gemeu, tocando as nossas testas. Sua outra mão serpenteou pela minha bunda, e ergueu-me do colchão, colando nossos ventres para que ele se afundasse mais.

Senti seu pau inteiro, minha musculatura vaginal lutava contra. Suas bolas roçaram na minha bunda e abracei seus ombros largos, me prendendo ao homem que era a minha perdição. Nossos corpos suados atritaram, faziam barulho e Ed estocou sem parar, rugindo enquanto eu ofegava sem parar. Suas mãos seguraram o meu quadril e ele se jogou contra a cama, puxando-me para cima.

Montei sobre o seu pau, espalmendo as mãos em seu peito suado. Essa era a minha visão do paraíso, agora eu poderia morrer feliz.

Seu sorriso safado estava envolto de libertinagem, um prazer estampado que também era o meu.

— Faça o que quiser comigo... — falou, apertando minhas coxas. Cavalguei sem parar, deixando-o me explorar por dentro, se lambuzar com o gozo que escorria entre minhas coxas até as suas bolas. Nossas respirações pesadas cortavam o silêncio junto com os meus gritos e os rosnados dele. Estávamos transando como loucos, o suor escorria pelos nossos cabelos.

Cavalguei com força até ser jogada outra vez para o lado e Ed se afastou, me puxando pelas pernas. Ri, levada pela excitação, e ele me colocou de quatro na beirada da cama.

— Gosta de ser fodida assim, amor? — Aquela palavra final me desarmava. *Era uma doce ilusão.*

Enterrei o rosto no lençol, empinando a bunda e Ed a mordeu. Gritei de prazer e dor, porque um lado meu amava esse tipo de sexo. A mordida ainda ardia quando ele a lambeu, desceu com a língua pela minha bunda e me chupou nessa posição, com a minha boceta fechada e pingando. Senti sua língua tocar-me, brincar com a minha abertura, lambe e torturar o meu clitóris.

Rebolei. Implorei, gemi. E por um momento quase me entreguei por completo a repetir seu nome tantas vezes.

Ele chupou com força, deixando-a vermelha e então senti seu pau tocá-la. Se enterrou com brutalidade, me empurrando para frente e agarrei um travesseiro, tentando me manter firme.

Nessa posição ele me tinha por completo, à sua mercê, e podia me penetrar mais fundo.

Minha bunda atritou contra o seu ventre, e Ed estocou sem parar, em um vaivém bruto, urgente. Tinha tanto desejo que não respirávamos mais, estávamos apenas fodendo sem parar. Seu pau deslizava pelos meus lábios molhados, roçava no meu clitóris e voltava a me devorar.

E o tanto que ele gemia e metia com força, sabia que estava enlouquecido também.

Gritei seu nome até que as palavras se tornaram desconexas, e ele puxou os meus cabelos, desferindo tapas e subindo com a mão pelas minhas costas.

O espasmo criou um arrepio enlouquecedor. Abri a boca, puxando o ar. Achei que meu coração iria explodir pelo tanto que batia, e meu corpo inteiro entorpeceu. Meu ventre se contraiu e gozei pela segunda vez, encharcando o membro de Ed.

Ele continuou, elevando o meu orgasmo. Perdi-me no espaço e tempo, respirava prazer, vivia o êxtase e já não conseguia pensar. Meu mundo era apenas de sensações.

Estava extasiada.

E na sensibilidade do meu orgasmo, senti o seu pau estremecer dentro de mim. Ele gozou com veemência, arremetendo devagar, gemendo.

Caí contra a cama, devastada. Ed desabou ao meu lado, suado e ofegante. Sorri ao encontrar o seu olhar.

— Acho que o prédio inteiro nos ouviu — falei sôfrega.

— Era o que eu queria — murmurou, ergueu a mão e tocou o meu rosto.

— Posso me oferecer para passar a noite?

Olhei para o relógio, que marcava cinco horas da manhã.

— Você diz a manhã?

— Pode ser também. — Arqueou as sobrancelhas.

— Desse jeito não dormiremos muito.

— Não é a ideia dormir — ele riu. Se levantou e tirou o preservativo, jogando-o no lixo do banheiro. Ao voltar para a cama, me puxou pela mão e me acomodou contra o seu peito o tempo suficiente para que descansássemos.

E até o tempo que aguentássemos.

Depois, nos consumimos um no outro, em mais sexo selvagem e louco.



Capítulo seis

Acho que vou sentir a sua falta para sempre
Assim como as estrelas sentem falta do sol de manhã.

Summertime Sadness - Lana Del Rey.

Zoe Brooks

Não queria abrir os olhos, como se de olhos fechados, a ilusão pudesse engolir a realidade. Contudo, ouvia o meu celular vibrar em algum lugar, me acordando da melhor noite da minha vida.

Sentia o peito de Ed subir e descer contra a minha mão. Olhei-o adormecido ao meu lado, abraçado ao meu corpo, sobre os meus travesseiros.

Tínhamos feito sexo quatro vezes durante a manhã, até que a exaustão nos vencesse. Sorri, vendo o seu rosto tão perto do meu. Roci os dedos por sua barba. Senti vontade de chorar, um pouco por felicidade e também por tristeza.

— Meu — sussurrei, me sentindo uma jovem boba e tola.

Ele se mexeu, ainda dormindo.

Havia tranquilidade no seu olhar, muito diferente das expressões carregadas que eu via em Pandora. Ele dormia em um sono profundo, os lábios entreabertos e relaxado na minha cama.

Deslizei para fora do lençol, calcei os chinelos e me cobri com um robe.

Meu celular vibrava em algum canto. Procurei-o em silêncio pelo quarto, até me lembrar de que estava na bolsa. Saí dali, caminhei em passos curtos até a sala e peguei a bolsa.

Contudo, antes de atender, refleti novamente. Eduardo estava no meu quarto, tinha me conhecido, se interessado, e tivemos uma noite intensa.

Fechei os olhos. Não queria que acabasse.

Engoli a vontade de gritar que o mundo não era justo comigo, e olhei para o celular. Anya piscava na minha tela.

— Desculpe-me, estava dormindo — falei baixo.

— São dez horas, Zoe.

— Eu sei, desculpe-me.

— Estão organizando o evento. O motorista passará aí em meia hora para que possa ir ao local.

— Poderei encontrá-la?

— Não. Não participarei hoje... — hesitou.

— E os outros?

— Tom e Alice estão preocupados com a gestação. Também não comparecerão. Precisa falar algo comigo? — Anya perguntou, mas o tom da sua voz era de quem não queria saber.

— Não — disse, olhando para a porta fechada do quarto. — Tudo bem.

— Vocês ensaiaram — ela suavizou. — Durante essas duas semanas, trabalharam duro. Dará tudo certo, Zoe.

Sorri, lembrando-me de como Anya era inconstante. Era difícil acompanhar suas mudanças de humor. Uma hora, parecia que ela poderia arrancar a minha cabeça, e na outra queria ser boa.

— Meia hora o motorista estará aí.

Desligou e a realidade caiu sobre os meus ombros. Meia hora. Eduardo estava dormindo.

Larguei o celular, escondendo o rosto nas mãos. Não podia enxotar da cama o homem por quem eu suspirava. Queria aproveitar até o último segundo, pois quando ele fosse, era provável que nunca mais voltasse, e por Pandora eu faria que não voltasse.

Pandora era a minha segurança, era como eu conseguia pagar minha vida, minhas contas. Além de que... Eu amava aquele clube. Amava me libertar nos espetáculos, ultrapassar os limites do prazer e me conhecer cada vez mais.

Eduardo era o meu sonho. Era o velho desejo que eu tivera quando me mudei para a cidade: encontrar um grande amor, ter um homem que me encantasse, que fosse minha companhia, meu conforto.

Voltei em silêncio para o quarto e fui para o closet, deixando-o dormir. Selecionei algumas roupas minhas. As de Pandora, eram dadas para nós durante a tarde, e nos trocávamos lá mesmo.

Tomei banho em outro banheiro, me troquei e parei diante da porta onde ele dormia. Não conseguiria acordá-lo para que fosse embora.

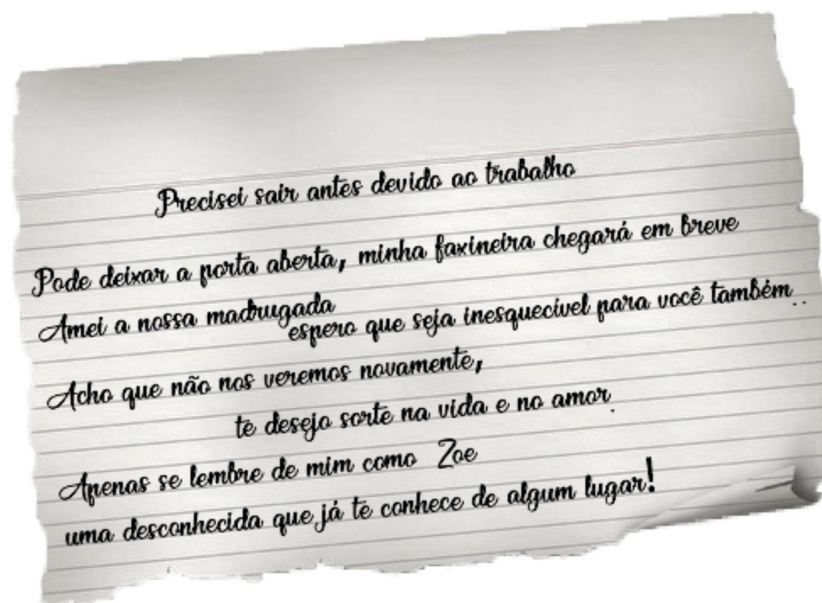
Abri sorrateiramente e o fitei pela última vez. Ele dormia com uma mão sobre o peito, o rosto voltado para a janela.

— Vejo você à noite — sussurrei amargurada, pois eu o veria... Entretanto, ele jamais sonharia que a mulher sexual do espetáculo principal seria eu.

Fechei a porta. Fui para a cozinha e peguei um pedaço de papel.

Se fosse outro homem, eu já teria mandado embora.

Mas era Eduardo...



Precisei sair antes devido ao trabalho
Pode deixar a porta aberta, minha faxineira chegará em breve
Amei a nossa madrugada
espero que seja inesquecível para você também..
Acho que não nos veremos novamente,
te desejo sorte na vida e no amor.
Apenas se lembre de mim como Zoe
uma desconhecida que já te conhece de algum lugar!

Larguei o bilhete sobre o balcão, e de salto, um vestido curto e preto, cobri o rosto com os óculos de sol e saí do apartamento.



Capítulo sete

Eu tenho brincado com meus demônios
Causando problemas para mim.

Pray - JRY.

Eduardo Constance

Pela primeira vez em meses não foi a dor de cabeça que me despertou. Batidas em algum lugar eram contínuas, me acordando. Esfreguei o rosto, um pouco perdido. Onde estava mesmo?

Não era o meu quarto, os lençóis tinham um cheiro doce, feminino. Olhei ao redor. A janela estava parcialmente escondida pela cortina branca e fitei o meu reflexo no espelho que cobria a parede oposta. Ele refletia a minha cara inchada, o quarto com móveis claros, portas fechadas e um grosso tapete branco.

— Ah... — sorri ao lembrar. A madrugada tinha sido espetacular, e porra, eu não sofrera. Não quis me afundar na bebida. Tinha me divertido de verdade, vivido o momento com aquela mulher incrível. Um vinco de desejo surgiu no meio da minha testa ao lembrar da chupada. Aqueles lábios trabalhavam muito bem.

Mas o lado da cama estava vazio.

— Zoe? — Chamei-a. Estava no apartamento dela, no mínimo ela deveria estar em algum lugar. Normalmente era eu quem transava e deixava a outra pessoa.

Sentei.

— Zoe? — Esfreguei o rosto, acordado de vez. O silêncio era perturbador. Levantei, peguei a cueca no meio das minhas roupas e reparei que as dela também estavam no chão ainda.

De cueca, abri a porta do banheiro, sem encontrá-la. Fui para o closet, me

deparando com um lugar em negro, com portas, cabides e o carpete pretos. Um espelho refletia tudo.

Suspirei, com um pouco de ressaca. Arrastei os pés para fora do quarto e no corredor ouvi outra vez o barulho. Era um aspirador de pó.

— Zoe? — chamei-a confuso. Ela estava limpando o apartamento comigo ali?

Caminhei até o final do corredor e parei na sala. Para o meu espanto, não era Zoe, mas uma senhora de cabelos brancos e óculos grossos. Sua calça de moletom deixava a barriga redonda demarcada, assim como o abrigo justo. Ela largou o aspirador, mortificada.

— Oh meu Deus! — deu um grito assim que me viu de cueca.

Coloquei as mãos em frente à cueca, escondendo o meu pênis que ficava marcado.

— Sinto muito, eu... — recuei, me desculpando e adentrei no quarto. Vesti a calça jeans e a camisa, sem entender que merda estava acontecendo.

Quando retornei, a senhora estava na cozinha, tomando um copo de água.

— Desculpe-me, não imaginava que Zoe...

— Não tem problema, rapaz — a senhora ergueu a mão, me silenciando e volveu o olhar. Analisou-me de cima a baixo. — Só me assustei porque a senhorita Zoe nunca deixa os homens ficarem aqui sem ela.

— Zoe não está aqui?

— Ah não ser, claro, o Ray, mas esse é de casa mesmo... — ela continuou.

— A Zoe não está? — repeti e ela me olhou como se a resposta fosse óbvia. — Ela disse se volta?

Tinha levado um belo pé na bunda, como costumava fazer com algumas mulheres. Ao contrário de ser enxotado da cama, ela simplesmente me largou para que eu fosse embora com as minhas próprias pernas, sem ela pedir.

Que merda de mulher. De mulheres.

Quando encontrei uma que me faz esquecer o amor... Ela também está fora de alcance.

— Eu não teria esperanças se fosse você — a senhora respondeu com um olhar de pena. — Zoe tem uma vida bem agitada. Me asseguro em dizer que apenas Ray continua frequentando a cama dela — deu de ombros. — Os outros passam apenas uma vez.

— Já conheci esse vizinho — murmurei e a senhora sorriu. — Senhora, ela não volta hoje? — retornei a indagar. Precisava falar com Zoe. Porra, não

queria finalizar um sexo desses. Queria mais vezes.

— Lourene — disse. — Pode me chamar de Lene. — Largou o copo e pegou um pano, batendo sobre a bancada. — A propósito, pela primeira vez ela deixou um bilhete. Acho que é para você.

Avancei, pegando o papel rasgado e o li.

Era um fora. Com certeza estava me descartando.

— Acho... — murmurei. — Quero falar com ela. — Encarei Lene, que passava pano na bancada, limpando-a.

— Hoje não, rapaz.

— Eduardo. Ed.

— Ed — sorriu. — Tem alguns finais de semana que ela não retorna.

— Como assim?

— Zoe trabalha.

— Eu sei — concordei. — Ela disse algo sobre isso — na verdade, quase nada.

— O pouco que sei é que há dias que venho limpar, que ela não está. Às vezes minha única companhia é o Ray... — hesitou, me olhando. — Hoje é você.

— Pode me passar o número dela?

— Sinto muito, Ed. Zoe não me permite falar sobre ela, muito menos passar o número de celular.

— Nada? — engoli em seco.

— Nada.

Esfreguei a mão na testa, bagunçando os cabelos.

— Ela é difícil — Lene concordou com o meu olhar perdido. — Nem Ray consegue chegar naquele coração.

— Ray — murmurei.

— Vocês são amigos?

— Ah, não! — disse, passando a mão sobre o arranhão no meu rosto que o soco dele tinha feito. — Nos encontramos por acaso.

— Ele tem uma adoração por Zoe — continuou, dando as costas e se voltando para a pia. — Já disse para ela que um dia desses ele iria vir morar aqui sem nem pedir. Talvez até querer casar. Ray acha que é dever dele proteger Zoe do mundo.

Cerrei os dentes, mas assenti, não querendo prolongar o assunto.

— Acho que é a minha hora de ir então.

— Se quiser deixar algum recado para ela.

— Não — murmurei, acabando de fechar a camisa e voltei para o quarto, encontrando o meu celular sobre o tapete. Vinte chamadas perdidas de Mercedes. — Merda.

Enfiei-o no bolso, calcei os sapatos e rumei para a sala. Lene ligara outra vez o aspirador, e acenei para ela, saindo do apartamento. Ouvi a chave girar do outro lado e fitei o corredor vazio.

Ainda que não tinha Ray por ali, nem no elevador quando desci ou no hall de entrada. De táxi fui para o meu apartamento, apenas querendo voltar a dormir e esquecer um pouco da vida.

No caminho, ouvi o taxista conversar sobre o evento beneficente da cidade. Não me importava. Na verdade, depois que Zoe desapareceu do meu campo de visão, Alice retornou a infernizar minha cabeça.

Grávida, linda, loura e calma da sua maneira.

Fechei os olhos quando o taxista parou, e suspirei ao pensar que estava voltando para um lugar onde me sentia sozinho, e isso não iria melhorar, porque de noite, em Pandora, Alice também não estaria.

Paguei o taxista e entrei no prédio. O porteiro não me cumprimentou, irritado com todas as merdas que Mercedes já fizera naquele lugar. Segui até o meu apartamento, e ao abrir a porta, um perfume de mulher invadiu minhas narinas.

Não era de Zoe, muito menos de Alice. Contudo, era familiar. Fechei a porta, fitando a sala iluminada pelo sol que entrava pela janela.

— Mercedes?

— Estou aqui — apareceu no corredor, apenas de roupão e com os cabelos presos. — Onde estava? — Seu olhar desceu pela camisa amassada e retornou ao meu rosto. — Transou com quem?

Desviei o olhar, irritado.

— O que faz aqui? — pedi, tirando os sapatos em um canto.

— Moramos juntos.

— Não, não moramos.

— Estou aqui há meses.

— Mas não é a sua casa.

Ela arqueou as sobrancelhas, sem responder, como se eu fosse um completo idiota. E era, porque não importava o que falasse, ela continuaria ali.

Deu as costas e desapareceu.

— Não se esqueça de Pandora hoje — bradou de dentro do quarto.

— Não vou esquecer — resmunguei.

Desabei em uma poltrona, fitando a tela preta da televisão me refletindo. Esfreguei o rosto, com um gosto amargo de ressaca na boca. Minha cabeça voltava a latejar, e como dizem, uma ressaca cura a outra.

Abri a garrafa sobre o balcão ao lado e me servi de uísque. Precisava de álcool nas veias para aguentar.

— Não me respondeu — Mercedes volveu. Parou de braços cruzados.

— O quê? — Uni as sobrancelhas, sem querer conversar muito.

— Passou a noite com quem?

— Desde quando você se interessa por isso?

— Desde quando você transa com desconhecidas. Não me importo se faça sexo com amigas minhas, em grupos ou com quem eu coloco na sua frente. No entanto. — Suas sobrancelhas se ergueram e ela franziu a testa. — Você saiu ontem da boate atrás daquela mulher, não saiu?

— Precisei espairer a cabeça.

— E encontrou alguma paz? — perguntou debochada. Seu sorriso me irritou e a fuzilei com o olhar.

— Sim, encontrei. Aquela mulher fez algo que você nunca conseguiu.

— O quê? — Respirou fundo, planejando de alguma maneira virar o jogo.

— Quer mesmo saber? — Foi a minha vez de sorrir.

— Vá se ferrar — rosnou e deu as costas. — Ah — hesitou, parando no meio do corredor. — Você não irá sozinho hoje.

— Como assim?

— Conversei com Anya. Ela me deixará ir pela última vez, contanto que eu me comporte.

— Quando é que você se comporta? — suspirei cansado. — Se não vai usar o meu quarto, vá fazer alguma coisa, Mercedes — disse, me levantando. — Preciso dormir.

— Não dormiu essa madrugada? — perguntou assim que eu avancei pelo corredor. Passei por ela sem dirigir o olhar.

— Não, não dormi. Fodi umas quatro vezes... Estou morto de cansaço — contei e entrei no quarto, fechando a porta e deixando-a furiosa no corredor.

Deitado na cama, pensei em Zoe.

Em como aquela madrugada parecia ter sido mágica. E fora. Me tirara da realidade, roubara minha atenção, e Zoe se transformou em uma mulher

misteriosa.

Talvez eu pudesse passar mais algum tempo com ela, mais sexo louco e suado. Talvez ela pudesse me ajudar a sair do buraco.

No entanto... Ela iria querer? Deixara um bilhete bem claro de que eu não fazia parte da sua vida, e tinha razão sobre isso. Poderia me conhecer, mas ainda sim éramos praticamente estranhos, e porra, ela saiu sem nem avisar.

Antes de adormecer, desejei que Pandora tirasse essas duas mulheres da minha cabeça. Uma era inalcançável, e a outra uma estranha.



Capítulo oito

Você me deixa
Loucamente apaixonada.

Crazy in Love - Beyoncé.

Zoe Brooks

Permaneci quieta, não porque prestava atenção ao que Gisele falava. Não, era Eduardo quem estava preenchendo toda a minha mente. Seus braços musculosos, sua bunda desenhada, seu pau delicioso... O modo como gemeu ao gozar, como desabou comigo. Deixei-o dormindo na minha cama, ciente de que quando acordasse iria embora. Sabia que o bilhete era claro. O que ele nunca imaginaria era que o meu coração ficou com aquele pedaço de papel. O meu coração, os meus sonhos de menina, e a paixão que nunca deveria ter existido.

Engana-se quem acredita que é impossível não se apaixonar com o olhar. Mera ilusão de se acreditar... Eu apenas precisava fechar os olhos e continuar a viver.

— Zoe? — Gisele me acordou do devaneio, acenando. Indicou o pole-dance no alto da escada. — É a sua vez.

— Obrigada — murmurei. De roupa de ginástica e descalça, avancei para a escadaria daquela mansão... E a ironia era tamanha, que eu não conseguia parar de pensar: era a casa da mulher que Eduardo amava.

Enquanto os organizadores finalizavam o trabalho de decorar o lugar, ensaiávamos pela última vez. Gisele era o braço direito de Anya dentro de Pandora, escolhida a dedo entre as mulheres-sexuais. Era uma das mais antigas, que entrou em Pandora no início.

Parei diante do pole-dance e respirei fundo. Esfreguei as mãos e me inclinei sobre ele, sustentando-me nas pontas dos pés. Agarrei a barra e joguei as

pernas para o ar, envolvendo o mastro com elas, entrelaçando-as para me sustentar. Puxei o corpo, e enquanto começava a deslizar, recordei em como me assustei quando fui apresentada a esse mundo.

Não sabia dançar. Não sabia seduzir, muito menos ter confiança. Anya não queria saber disso, pouco se importou com a minha vergonha. Me ofereceu dinheiro vivo, como início do trabalho, e contratou as melhores professoras, me colocou em aulas particulares, academia, salões, e em um mês, eu aprendera a não ser mais a Zoe dentro de Pandora.

No clube eu era uma mulher desejada, confiante, ousada. E que sabia o poder que exercia. Minha vida pessoal virou de ponta-cabeça. De um minúsculo apartamento, me tornei a dona de uma cara cobertura, de uma conta recheada e um vizinho gostoso que era modelo de marcas famosas.

Contudo, havia um preço. Sempre há.

Não tinha como ter um compromisso. Era um contrato, e na verdade, tinha lógica. Como um namorado ou marido aceitaria a minha profissão? Eu transava no palco, com clientes e seduzia a todos.

Não pude contar para Louise, e aos poucos, engolida por segredos, me afastei. Os telefonemas que duravam horas se tornaram minutos, e os minutos foram se distanciando. Fazia meses que não conversara mais com ela.

Ray era um bom amigo, contudo, seu objetivo era outro.

Anya acabou preenchendo o lugar dos telefonemas, no entanto, não era como amiga, mas como chefe. E no clube, era proibido amizade.

Fiz todos os movimentos no pole-dance, e ao finalizar, Gisele fez sinal para que eu a acompanhasse. Hailey ocupou o meu lugar e descí as escadas.

Seguimos para um outro ambiente e ao entrar, Gisele fechou a porta.

— O que está acontecendo? — perguntou impaciente.

— Como assim?

— Você não está concentrada. Sabe que o espetáculo principal é seu. Não passamos ainda e você não parece interessada.

— Estamos há duas semanas ensaiando, sei como será.

— Sabe, Zoe... — Ela se aproximou, elevando as sobrancelhas. — Sabe que não somos amigas, mas se há algo incomodando, você pode contar. Acima de tudo, precisamos estar em paz para que Pandora funcione. Se Anya...

— Eu sei... — suspirei. — Se algo sair dos eixos, Anya enlouquecerá.

— E está por nossa conta hoje. — Assenti e Gisele me segurou pelos braços. — O que está acontecendo?

Não confiava nela. Não confiava nas pessoas. Anya me ensinou muito

bem com o seu jeito frio e calculista. Esse mundo era luxuoso, hipnotizante e traiçoeiro.

— Está tudo bem.

— Mesmo?

— Matthew já chegou? — cortei o assunto.

— Sim, está no segundo andar. — Abriu a porta. — Vamos para lá, assim vocês ensaiarão o espetáculo principal.

Mesmo não criando vínculos ou amizades, dentro de Pandora havia cumplicidade. Todos nós éramos treinados, ensinados a não se apegarem. Tínhamos uma clínica para cuidar da nossa saúde, salões especiais, e o sexo entre nós... Era selvagem, prazeroso e sem apego. Sem sentimento. Estávamos lá para criar luxúria em quem via, para expressar o prazer, e jamais deixar o coração entrar em jogo.

Nós éramos o espetáculo.

No segundo andar, um grande salão estava decorado. As luzes dos holofotes iluminavam o centro, e dez homens estavam parados.

Eu era atração.

Quando entrei para Pandora, precisei perder o pudor. Para uma mulher que não transava muito, o clube me transformou.

Matthew era quem me deixava mais à vontade. Ríamos durante os ensaios, conversávamos sobre o clube. Vi-o parado em um canto, terminando de vestir uma grande túnica grega. Hoje faríamos um teatro.

Dez homens comigo.

Gisele parou, recuando para uma parede e continuei.

Não transávamos no ensaio, apenas na hora. Cada pessoa-sexual ensaiava em seu respectivo lugar do evento, e de noite era o real. Era para valer.

Ao parar no centro dos dez homens, já organizados, fechei os olhos por um instante.

Não seria um evento tranquilo para mim. Eduardo já me assistira em Pandora várias vezes, sem me reconhecer porque sempre ocultava o meu rosto, seja por máscaras ou véus. Entretanto, dessa vez seria diferente, pois eu transara com ele, e a paixão aumentou. Não era apenas visual, foi a conversa, o toque...

Como iria me sentir ao ser observada por ele?

Ele poderia reconhecer o meu corpo?

Despreendi-me de todas as indagações e da Zoe que eu era. Agora não havia nome, não tinha rosto ou identidade. Eu era puro prazer, e me entreguei ao ensaio nos braços dos meus parceiros.



Passou-se meses desde a minha primeira noite em Pandora. Nela, Anya foi paciente, me acompanhou por quase todo o evento, monitorou os espetáculos que participei, e quando decidi me arriscar com um cliente, ela participou como uma Voyeur.

Quando foi a vez de ser a principal em um evento, Anya foi minha professora, deixando Gisele em segundo plano. Ela me assistiu, ligou todos os dias, e me proibiu de manter relações sexuais durante a semana.

Hoje, era a minha vigésima apresentação como espetáculo principal. Eu não tinha mais medo ou pudor, contudo, aquele frio na barriga, que cria um arrepio enlouquecedor, estava presente. Não pelo espetáculo, mas por saber quem iria me assistir. Eu estava familiarizada com Pandora, e cada evento era um lar. Sentia-me segura, confiante. Eu amava a sensação que Pandora criava dentro de mim.

— Está pronta? — Gisele perguntou ao entrar em um dos quartos onde eu vestia a roupa. Olhei-a pelo espelho, vendo-a fechar a porta.

— Quase.

Seus olhos pararam por um momento em minha bunda nua. Sabia que Gisele, assim como a maioria das pessoas de Pandora, era bissexual.

— Gostaria de participar de um dos quartos comigo... E com algum sócio? — pediu direta e neguei.

— Hoje não.

Gisele assentiu, se recostando em uma poltrona. Vesti a túnica que escondia parte da minha vagina e meus seios. O tecido branco, extremamente fino e com adornos em ouro puro, caiu sobre o meu corpo. Meus cabelos estavam presos com uma tiara também de ouro, e formavam uma trança no alto da cabeça. Brilhos dourados estavam espalhados pelo meu corpo.

— Posso fazer uma pergunta pessoal? — ela continuou, sem se importar com o fato de que eu não queria conversar.

— Pode — murmurei. Fitei o meu reflexo no espelho.

— Está apaixonada?

— O quê? — Volvi o olhar para ela.

— Percebo desde alguns eventos passados, e hoje parecia distante. Ou é algum problema, ou Pandora está se tornando um. Estou certa?

— Não, não está.

— Percebo como olha um sócio há meses... Desde que tivemos uma convidada entre nós.

— E eu percebo o quanto você é quem está apaixonada por mim, Gisele — joguei as cartas na mesa, encarando-a. — Estou errada? — Não respondeu. — Já é o oitavo evento que me convida para sexo, e é o oitavo que recuso. Você pediu para Anya me colocar no seu espetáculo, para que pudesse me ter no meio das suas pernas, mas Anya recusou o seu convite.

Seu olhar se tornou furioso. Sua expressão deixou claro o quanto eu estava certa.

— E quem me contou foi a sua chefe, Anya. Ela me alertou.

— O que ela disse?

Mantive o olhar fixo nela.

— Que em breve você não estará no comando daqui mais.

— Isso significa que você ficará?

— Não. Não quero isso.

— E quem...

— Anya está voltando a tomar as rédeas, aos poucos... — Uni as sobrancelhas ao dizer. — Não percebe? Ela pode não estar vindo nos eventos com frequência, mas está por trás de tudo... Está ciente de todos os passos, de todos os problemas. De cada erro seu.

— Por que ela contaria isso para você?

— Porque eu transei com ela — respondi áspera.

Gisele não esboçou choque. Não expressou emoções. Estava imóvel, olhando-me como se eu tivesse destruído sua vida.

— Ela me mandou contar, Gisele. Eu não queria, nem pensei mais nisso. Só que você vir aqui, outra vez, tentar me envolver e me fazer ceder, não me fará sua submissa. Eu não tenho esse perfil para ceder.

— Mas e Anya...

— Não foi assim — sorri. — Se você não entende a mulher que Anya é, nunca conseguirá se envolver com ela.

— Está quase na hora — me cortou, se ajeitando. Deu as costas e abriu a

porta. — A propósito, bom espetáculo — murmurou e saiu, sem olhar para trás.

Tinha jogado baixo. Não gostava de agir assim, me sentia dissimulada e traiçoeira... Como Anya.

Não tínhamos transado. Anya nunca sugeriu sexo, mas me aconselhou desde o início a mentir. Se eu dissesse isso, segundo ela, não teria a pressão de algumas mulheres de dentro de Pandora, como Gisele por exemplo.

No entanto, o boato de que Gisele estava com os dias contados eram verdadeiros. Anya dissera, outros também ouviram.

Voltei a fitar o meu reflexo. Em meia hora Eduardo estaria aqui. Todos os sócios estariam presentes.

Calcei os sapatos de saltos grossos, altos e brancos. Eles reluziam com o verniz, e devagar saí do quarto, dirigindo-me para o segundo andar.

As luzes avermelhadas iluminavam os corredores estreitos, feitos pela decoração carregada, com as paredes negras e os objetos eróticos espalhados. Pandora tinha sua cara única.

Alguns homens-sexuais passaram por mim, cada um desaparecendo em seus respectivos quartos de apresentação. Estava quase na hora.

Cobri o meu rosto com uma grande máscara branca, que deixava apenas os meus olhos à mostra e um espaço para respirar. Sempre foi desejo meu nunca revelar o rosto em público, apenas retirava a máscara nos quartos privados.

Alcancei a grande porta e a abri. O círculo formado de dez homens estava ali, me aguardando.

Matthew seria o principal comigo. Seus cabelos louros estavam colados na cabeça com os brilhos dourados. Observei-o abrir os braços, asas, brancas e grandes, de um cisne, feito de penas, foram colocadas, enganchadas em seus ombros e ele respirou fundo, sustentando-as.

Estava nu. Seu pau era delicioso, grosso e com veias que o delineava. Seu peito musculoso também não possuía pelos.

Ao redor, os outros homens se ajoelharam.

Entrei no círculo e parei diante de Matthew.

— Preparada? — perguntou em um sussurro.

— Sempre.

As luzes se desligaram.

Os minutos se transcorreram. Cada um se posicionou. Ficamos na penumbra avermelhada, imóveis, aguardando o início.

Sócios começaram a chegar. Um por um, encheram o salão, sendo servidos e conversando baixo. A música grave preenchia o silêncio, enquanto

nós permanecíamos como estátuas.

O ar pareceu desaparecer quando, quase meia hora depois, um homem entrou.

Eduardo pareceu roubar toda a minha atenção. Não conseguia desviar o olhar enquanto ele passava pelos sócios, de braços dados com a mulher que sempre o acompanhava. Ela estava com um vestido bordô, com detalhes dourados e os cabelos escuros cortados.

Seus lábios eram da cor do vestido e cerrei os dentes ao vê-los depositar um beijo na bochecha de Eduardo. Ele recuou, retrucando algo que jamais saberia.

Pararam em um canto, na penumbra, e pouco minutos depois, as portas foram fechadas. A escuridão engoliu o lugar. Respirei fundo.

Uma luz incidiu sobre nós, vermelha e forte, nos iluminando, tornando o branco das asas quase vermelho.

Os dez homens permaneceram ajoelhados, e também me ajoelhei, de costas para Matthew parado.

Abaixei a cabeça, sentindo o ar tão gelado que arrepiava os meus braços, a minha bunda nua e a minha nuca. Sabia que não era o lugar que estava frio. Não, era o meu corpo sentindo a pressão do momento. Meu coração batia enlouquecido no peito, como se fossem momentos finais de vida.

A música grave parou, dando lugar à outra que cortou o silêncio formado. Aguda, quase clássica.

Matthew abriu os braços, deixando as asas se engrandecerem, chamando a atenção... Como o cisne da história grega *Leda e o Cisne*.

Eu era a Leda, e Matthew o cisne. Segundo a lenda, Zeus se transformou na ave para proteger Leda de outros animais, e no final acabaram transando.

Os homens-sexuais do círculo se levantaram. Cada um escondia o rosto com uma máscara de animal. Matthew recuou, saindo de cena, e ergui a cabeça, encarando-os. Eles se aproximavam em passos lentos.

Ergui as mãos, negando-os, incapaz de pará-los.

Continuaram. Mãos se ergueram, encostaram nos meus ombros, ergueram-me do chão.

Olhei ao redor. Os sócios nos observavam admirados. Eduardo me observava.

E não conseguia desviar o olhar dele. Mercedes segurava uma taça contra os lábios, também hipnotizada pela cena.

Fui erguida, carregada no alto. Abri os braços, sentindo as mãos fortes

nas minhas costas. A música nos acompanhou, e fui levada por todo o salão, percorrendo espaços reservados entre os sócios.

Ao retornar, as mesmas mãos apalpavam o meu corpo, e arrancaram-me a túnica. Completamente nua, fitei o teto. A luz vermelha incidia sobre mim, iluminando-me toda. Estava exposta, desejada pelos sócios.

Sentia-me parte de Pandora. E isso fez a minha intimidade pulsar. Meus seios foram apertados por mãos, minha boceta foi massageada, e enquanto algumas mãos passavam por mim, bocas deslizavam pelo meu pescoço.

Diferente do que sócios podiam imaginar, havia respeito. Eles estavam me idolatrando, e não machucando. Era parte do teatro, e assim que Pandora acabava, não havia desrespeito. A cena era esquecida.

Precisávamos de um psicológico preparado para isso, e muitas acabavam pedindo demissão depois de algum tempo.

Voltei-me para o pole-dance posto em um canto. Seguida dos dez, balancei-me sobre o mastro, deslizei e os seduzi. As mãos me buscavam, tentavam me arrancar dali, e então a luz incidiu sobre Matt, que parado do outro lado, abriu as asas. Os olhares se voltaram para ele.

Caminhamos um na direção do outro, e frente a frente, dei as costas.

Então, as mãos de Matthew pousaram nos meus ombros. Os dez homens recuaram, repelidos por Zeus, que em cisne, abraçou-me. Sua boca pousou no meu ombro, enquanto me aprisionava em seus braços.

Todos se ajoelharam outra vez, formando o círculo.

Matthew tocou os meus seios, apertou os meus mamilos intumescidos e me virou, mamando neles. Sua boca era gostosa ali, ele tinha habilidade, sabia exatamente o que fazer. Abracei sua cabeça, incentivando-o. Minha intimidade latejava, encharcada.

Sua boca trabalhou no meu bico, chupou os meus peitos e os lambeu. Deslizou pela barriga e parou diante da minha boceta. Ajoelhou-se e a beijou.

Ergui as pernas, colocando-as em seus ombros, e ele me sustentou sobre si, com a boca encaixada nos meus grandes lábios, fazendo um oral espetacular. Sua língua passeou pelo meu clitóris, tocou-me e o mordeu.

Matthew se levantou, elevando-me ainda mais e abri os braços, inclinando-me para trás, confiando em suas mãos nas minhas costas, que me sustentavam no ar. Minhas pernas envolviam o seu pescoço.

— Oh... — gemi baixo, com a voz abafada pela máscara. Senti os lábios de Matt contra a minha boceta. Ele sorria enquanto me chupava.

Aos poucos, retornou a se ajoelhar, deitando-me no chão. Abri os braços,

nua, entregue, admirada pelos dez homens-sexuais ao meu redor.

Abri as pernas, deixando Matt se acomodar sobre mim. Sua ereção, erguida, grossa, lustrosa com lubrificante, deslizou pelas minhas coxas e se enterrou até o talo. Bruto, intenso.

Possuiu-me ali, no chão. Diante de todos.

E transamos. Sentei sobre o seu colo, cavalgando, com suas asas expostas. Fomos envolvidos pelas mãos dos dez que nos rodeavam, e enquanto fodíamos, éramos acariciados por eles.

Seu pau se enterrava, mergulhava no meu prazer, incendiava o meu ventre e me explodia em sensações.

Contudo, não gozei. Nem Matt. Ele fingiu um perfeito orgasmo, enquanto éramos observados.

Suas mãos permaneceram nas minhas costas, fomos engolidos pelos dez, que nos abraçaram, e as luzes se apagaram.

O espetáculo havia terminado, e a noite apenas começara.



Capítulo nove

Você me hipnotizou
e não ligo se alguém perceber.

Crazy in Love - Beyoncé.

Zoe Brooks

Estava naquele quarto mais tempo do que devia. Nunca hesitara dessa maneira, mas foi impossível tirar da cabeça o jeito que Ed me cobiçou durante o espetáculo.

Pelo seu olhar dava para saber o quanto estava excitado. Acompanhou todo o meu sexo sem sequer piscar. Não era a primeira vez que isso acontecia, contudo, era a primeira depois que transamos.

E eu não conseguia apagar a fogo que incendiava o meu coração.

Uma nova máscara ocultava o meu rosto. Após o espetáculo, tínhamos alguns quartos reservados para que tomássemos um banho e nos vestíssemos.

Matt aguardava sentado em uma poltrona, com uma coleira no pescoço e uma máscara com chifres. A minha ocultava os olhos e parcialmente o restante do rosto, preta e envernizada, com orelhas de coelho.

Puxei o zíper do espartilho que erguia os meus seios, escondendo-os, os deixando maiores e apertados. Uma minúscula calcinha escondia minha intimidade, e meias sete-oitavos finalizavam a fantasia. Calcei novos sapatos e de cabelos soltos, retornei ao evento com Matt.

A penumbra avermelhada nos engoliu. Sócios passaram por nós, acompanhados, assim como pessoas-sexuais. Gisele despontou do corredor, segurando as correntes das coleiras dos dois homens, que engatinhavam na sua frente. Vários sócios a admiravam, e chamava muito atenção com o macacão de couro, colado, o rosto exposto e os lábios pintados de preto. Caminhava sobre

saltos exóticos.

— Aconteceu alguma coisa? — Matthew perguntou quando Gisele passou.

— Não.

Estava explícito que ela estava levando para o lado pessoal, e me afastei. Desci as escadas, me afastando das sessões de BDSM do segundo andar. Matt permaneceu, sendo quase sempre o preferido das sócias mais antigas.

Transitei entre as pessoas, liberta pela máscara que me escondia, e deixei que os olhares banhados de luxúria me devorassem. Mulheres e homens passaram por mim, alguns de Pandora e fitei as portas fechadas de alguns quartos.

Queria Eduardo. Inconsciente eu procurava por ele, ansiando por não o ver com Mercedes ou outra mulher, como todas as vezes.

Estava se transformando em uma tortura, e no fundo sabia que não deveria ter cedido e me envolvido. Isso estava arruinando Pandora.

Vaguei por alguns quartos, recusando pedidos dos sócios para me unir a eles. Garçons passavam por mim, e por um momento, pela primeira vez no clube, desejei beber. Entretanto, éramos proibidos. Precisávamos estar sóbrios para o caso de algum sócio perder o controle dentro do quarto. Éramos os olhos, ouvidos e a consciência do lugar.

Dos diversos quartos, não encontrei Eduardo, até chegar no penúltimo.

Estava prestes a dar as costas ao ver Gisele no quarto, quando avistei Eduardo em um canto, sentado em um sofá com Mercedes em seu colo. Eles se beijavam de uma maneira que salivei e rosnei ao ver.

Era um beijo profundo, via as mãos dele dentro do vestido de Mercedes, passeavam pela fenda da perna, e ele a tocava no meio das pernas.

No centro, um homem-sexual estava amarrado no teto em estilo Bondage, e uma mulher, acompanhada de uma sócia convidada, chicoteavam a bunda exposta dele.

Vários sócios circulavam pelo quarto e um em especial fixou os olhos em mim.

Não consegui sair. Minhas pernas travaram, eu estava hipnotizada por Ed. Suas mãos, grandes, fortes e precisas faziam Mercedes jogar a cabeça para trás e gemer. Queria estar no lugar dela, minha calcinha estava molhada apenas de ver.

Recuei da porta, deixando outras pessoas transitarem, e me ocultei na penumbra do quarto. As velas iluminavam os cantos, e a luz vermelha que

incidia sobre o homem-sexual deixava o ambiente mais erótico.

Os sofás avermelhados combinavam com o tapete e alguns objetos.

Minutos transcorreram enquanto eu mordia os lábios, sem desviar o olhar. Agora Mercedes estava de frente com Ed, esfregando-se nele, provocando-o, sussurrando em seu ouvido.

Ele dissera que não aguentava mais aquela mulher... E estava ali, quase devorando-a.

Fechei os olhos. Precisava esquecê-lo.

Uma mão me acordou do devaneio. Quente, imponente e grande pousou nas minhas costas. Abri os olhos, encontrando o sócio que olhava com lascívia antes. Tinha os olhos escuros como os cabelos, e o rosto anguloso parecia felino. Sem máscara. Sabia quem era.

Nicolas Razera.

— Está precisando se divertir um pouco?

— O que você sugere?

— Você é a do espetáculo... Não é? — perguntou, arqueando as sobrancelhas.

— Sou.

Sorriu, satisfeito e ajeitou o colarinho com uma mão, enquanto a outra permanecia nas minhas costas.

— Imagino o gosto que deve ter...

— Gostaria de provar? — Queria transar para desviar o olhar sobre Ed. Queria me manter ocupada para não o observar, e esse sócio tinha certeza do que desejava. Consequentemente, poderia fazer bem feito.

E eu precisava de um oral gostoso.

— Se você quiser, estou ao seu dispor. — Afirmou educado. Gostava da forma como me tratava, sua mão educada, sem deslizar para a minha bunda, sua voz profunda e contida. Assenti e ele tocou a minha máscara. — Poderia?

— Não. Não costumo revelar o meu rosto. Há outras se preferir...

— Sem problema. Gosto do mistério — me interrompeu. — O importante não é o seu rosto, mas o seu prazer.

— E o seu também. — Roci os dedos na sua gravata borboleta, escapando da sua mão e caminhei na frente, me dirigindo para uma poltrona preta, no lado oposto ao lugar onde Ed estava.

Sentei, com o sócio parado na minha frente. Seus ombros largos o deixavam com uma presença máscula, e sua altura atraía olhares. Ele sorriu, se

ajoelhando, e suas mãos pousaram sobre os meus joelhos. Olhos nos olhos, deixei ser levada pela sensação.

Excitei-me com a luxúria existente no seu olhar, com o seu toque quente, que fazia o calor percorrer o meu corpo. Alguns sócios desviaram a atenção para nós, Voyeurs atentos. A música grave tornava a cena ainda mais sensual.

O homem percorreu minhas coxas com as mãos, acariciando-as devagar, aproveitando o contato, também com os olhos em mim. Suspirei quando senti seus dedos contra a minha calcinha.

— Já está molhada — murmurou com prazer. Assenti, permitindo que ele a retirasse. Minha boceta se revelou lustra pelo meu tesão, ansiando para ser acalmada, e ele caiu de boca.

Seus lábios me abriram, sua língua me explorou e sua barba raspou nas minhas coxas, criando uma ardência deliciosa. Arquejei, encostando a cabeça, me deixando consumir pelo gozo, que subia em ondas enquanto o sócio me chupava devagar, saboreando o meu gosto. Brincou com o meu clitóris, roçando a barba áspera nos meus grandes lábios. Aprisionou-o entre os dentes, arrancando-me um gemido mais alto, e apoiei as mãos em seus cabelos. Ele era bonito, gostoso, e fazia um oral maravilhoso.

Abaixei o olhar, e inconsciente, eles pousaram em Ed no outro canto do quarto. O ar faltou dos meus pulmões, por um segundo achei que iria gozar.

Ele me olhava.

Tinha Mercedes ajoelhada no meio das pernas, chupando-o.

Meu clitóris inchou, adquiriu proporções enlouquecedoras, e sócio se aproveitou disso, divertindo-se com a minha intimidade. Arfei, o arrepio subiu contínuo pelo corpo, o formigamento pelo ventre... E o tesão explodindo dentro das veias.

O olhar de Ed parecia anuviado. Ele gemia entredentes, acompanhando com a mão a cabeça de Mercedes. Permanecemos aprisionados no olhar um do outro. Eu, apaixonada pelo que via, e ele perdido em prazer, provavelmente sem saber que era eu.

— Oh... — gemi. O homem sabia trabalhar bem com a boca, tão bem que era um dos melhores orais que eu recebia. Ele parecia querer me comer literalmente. Mordia minha boceta, raspava os dentes pelos lábios, e sugava o meu clitóris.

Estava adorando aquela cena, mesmo que não fosse Ed ali, e não fosse eu lá com a sua ereção.

Contudo, mais alguém captou essa ligação.

Gisele entrou no meu campo de visão, nua, apenas de saltos, com a roupa de couro dobrada em canto. Ela era a atração principal dali agora, com seu corpo exposto, os seios fartos pelo silicone, a vagina lisa e a bunda empinada.

Seus cabelos desciam pelos ombros. Parou diante de Ed, se agachou, sussurrando algo no ouvido de Mercedes, que parou.

— Machuquei você? — o sócio sussurrou. — Está tensa...

— Oh — suspirei, tentando me acalmar. — Não, está tudo bem — ronronei para disfarçar. Mas não, não estava tudo bem.

Eu não sabia se suportaria ver aquela cena. Implorei em silêncio que Mercedes não aceitasse. Ambas estavam cochichando, enquanto Ed não prestava atenção. Logo em seguida, Mercedes se levantou, sentou-se ao lado dele e falou algo que o fez olhar para Gisele e sorrir.

Estava fodida.

Gisele ocupou o lugar de Mercedes e caiu de boca em sua ereção. Ed soltou um gemido, mas foi calado pela boca de Mercedes, que o beijou.

Engoli em seco.

Empurrei a cabeça do homem que me chupava. Precisava de mais força. Ele entendeu, aumentando a pressão dos lábios. Sua língua tocou meus pontos sensíveis e sorri, entregando-me novamente ao prazer. Agradei em silêncio por ele ser tão bom. Estava com tesão por ser chupada dessa maneira, e por ver Ed do outro lado do quarto, também sendo chupado.

No entanto, poucos minutos depois retornei a olhar Eduardo. Absorta em gozo, eu o via entre nuvens de prazer, embevecida com a língua que me devastava. E de certa maneira, aquela visão também me excitou.

Ele estava de pé, fodendo com Mercedes de quatro enquanto Gisele beijava suas costas, acariciando-o. Odiei-a ainda mais, contudo, Eduardo me dava tesão. Pude ver sua bunda ir e voltar, suas mãos segurando o quadril de Mercedes na penumbra do lugar, iluminado pelas velas por perto.

Oh, e como eu estava prestes a gozar também. Enterrei as mãos nos cabelos do sócio, acompanhando a chupada deliciosa. Sugou, tocou-me com as mãos, me penetrou com os dedos, voltou a morder minha boceta e sugá-la.

Eduardo sentou com Mercedes em seu colo, cavalgando, e Gisele acariciando os seios da outra. Suas mãos apertavam a carne, ele gemia, deleitando-se com a visão das duas mulheres juntas, beijando-se.

Desviei o olhar.

Não iria gozar vendo aquilo.

Não, não daria esse prazer para eles.

Foquei-me no sócio, tão lindo entre minhas pernas, que se deliciava. Sua barba castanha estava besuntada com o meu gozo. Estava masturbando-se também e me deixei ser engolida. Fechei os olhos.

Minha intimidade pulsou. Minhas paredes internas se contraíram e gozei. Fui devastada por sensações inebriantes, que arrancaram gemidos e suspiros contínuos. O êxtase varreu a minha razão, e de olhos fechados deixei que o rosto de Eduardo preenchesse aquele momento sublime.

Rebolei contra a boca que estava sugando o meu orgasmo. Puxei os cabelos do homem, invadida por sensações arrebatadoras.

Meu corpo, arrepiado, sofria com espasmos, o suor escorria por debaixo dos meus cabelos, e aos poucos fui recobrando a razão.

Abri os olhos, focalizando a visão.

— Você é maravilhosa — o sócio disse ao levantar a cabeça, limpando a boca com a mão. Resquícios do meu prazer estavam na sua barba.

— Obrigada...

— Quer ir para um quarto?

Antes de responder, procurei Ed, e ele não estava mais lá. Me desesperei por um segundo, imaginando o que mais poderiam fazer. Até aquele momento, ele não tinha transado com Gisele, apenas com Mercedes... Meu coração falhou, mas fui surpreendida com o olhar de Gisele, que sentada em um canto, solitária, me analisava. Sorria satisfeita e cerrei os dentes.

Eu caí na armadilha dela. Revelei o que sentia.

E ela fizera de propósito.

— Sinto muito — murmurei para o sócio, voltando a encará-lo.

— Talvez em uma próxima vez — concordou, sem insistir, segurando o meu rosto pelo queixo. Saiu, deixando-me ali e peguei a calcinha que estava abaixava entre os meus tornozelos.

Rumei porta afora, tentando me distrair. Em cada quarto, procurava por ele, sem encontrá-lo, e o vi pela última vez no salão de entrada, indo embora.

Parte de mim agradeceu por não o ter mais ali. E outra parte não encontrou mais o encanto de Pandora. Eu estava acabada, não conseguia buscar prazer, nem satisfazer o meu corpo. Mesmo com o melhor oral, não foi Eduardo.

Passei o resto da noite em silêncio, assistindo as apresentações de Matt, sem mais participar, condenando-me por ter transado com Ed. No final, eu estava sofrendo e ele retornava aos braços de Mercedes, se deixando levar para o chão, como dissera naquela conversa.

Eu estava perdida. Se antes era um encanto bobo, agora era um fogo que

me consumia, pois eu provara dele... E já não conseguia esquecer.
Uma paixão que nem Pandora era capaz de apagar.



Capítulo dez

Na primeira página da nossa história
O futuro parecia tão brilhante
Então, isso se tornou tão mal
Eu não sei porque ainda estou surpresa.

Love The Way You Lie (Part II) - Eminem feat Rihanna.

Zoe Brooks

Minha cabeça latejou outra vez e resmunguei, cobrindo o rosto com o travesseiro.

Minha manhã de domingo se transformou em tristeza. Após o término de Pandora, já com outras roupas, fui levada para o meu apartamento, e ao invés de ir dormir como sempre fizera, me afundei na garrafa de vinho. Duas, na verdade.

Esse era o preço por deixar o coração ganhar.

Chorei acompanhada de taças, lembrando-me de Eduardo naquela cama, e então de Pandora. Chorei por saber que não havia escolhas. Não podia abrir mão do meu dinheiro, da independência e do estilo de vida que amava.

Contudo, estava destruindo os sonhos de ter um amor, um lugar dentro dos braços de outra pessoa. De alguém que me correspondesse.

Também era mera ilusão, pois Ed não iria corresponder. Transamos uma noite, e era isso. Ele voltou para o seu mundo com Mercedes, e eu fiquei para destruir as fantasias.

Ouvi a campainha tocar e sentei na cama. O sol entrava pela fresta da janela. O evento tinha sido maravilhoso, Anya ligara para comunicar que segunda-feira teríamos uma reunião, e depois retornei a dormir.

A campainha tocou de novo.

Tateei sobre o criado-mudo e peguei o celular.

RAY: Poderia atender?

Não queria atendê-lo, mas sabia que ele não desistiria. Vesti um robe e de pés descalços me arrastei até a sala. Meu rosto estava inchado do choro da manhã, sem maquiagem. Abri a porta, vendo-o em um estado similar.

— Está tudo bem? — perguntei e Ray esfregou o rosto antes de responder.

— Posso entrar?

— Claro. — Dei passagem, e assim que entrou, fechei a porta. Ele desabou no meu sofá, fitando o teto por segundos, calado.

— Aconteceu alguma coisa? — Me sentei ao seu lado.

— Você também não parece bem.

— Problemas meus...

— Ah sim, sempre esses segredos — murmurou.

Fiquei quieta e olhei ao redor. Depois da declaração dele e da cena com Eduardo, não conversamos mais.

— Precisa conversar comigo? — pedi e ele sustentou o olhar no meu rosto.

— Por que não me deixa amá-la, Zoe?

— Ray, por favor...

— Sêrio.

— É domingo de manhã, não agora. — Franzi a testa e reclamei.

— Passei a noite em claro.

— Eu também.

— Pensando, sabia? — Ele ergueu o tom de voz. — Pensando em você.

— Podia ter saído.

— Eu saí. Vim aqui, e você não estava.

— Sabe que não estou em alguns sábados — expliquei.

— Não aguento mais... — Colocou as mãos na cabeça. — Estou fodidamente apaixonado por você.

Abaixei o olhar, evitando correspondê-lo.

— Ray, você sabe que não pode ter...

— Por causa do seu emprego? Eu sei!

— Não só por isso. Somos amigos, não é esse amor que sinto por você — esclareci. — Sempre fui franca.

— Mas aconteceu, porra — exasperou. — Queria que eu fizesse o quê?

Suspirei, cansada da conversa já, mas precisávamos resolver isso. Levantei, sentando em uma poltrona mais longe e olhei ao redor antes de fitá-lo.

— Então iremos parar de nos ver.

— Zoe, por favor...

— É verdade, Ray. É o melhor para nós dois. Mesmo se não fosse o meu trabalho, eu não amo você assim.

Ele ficou quieto, olhando-me com raiva.

— Acho melhor esfriarmos a cabeça... — tentei.

— É por causa daquele cara, não é? — rosnou.

— Como é? — Acordei de vez. A ressaca pareceu passar. Pisquei até entender o que ele queria dizer.

— Eduardo Constancer, Zoe — falou enfático. — Aquele cara que trouxe outra noite aqui.

— Do que está falando? — falei chocada. E apavorada por ele saber.

— Você deixou passar, essa é a verdade — voltou a conter a voz ao dizer. — Várias vezes ouvi você resmungar esse nome, Eduardo, durante o sono. Nunca dei bola, afinal, não havia Eduardo entre nós. Até abrir as portas daquele maldito elevador e eu ver o irmão de Armando ao seu lado. Precisei de uma noite em claro para ligar os pontos.

— Você está louco — ri nervosa, me levantando.

— Não, não estou — se exaltou, também se levantando. — Os seus olhos estavam brilhando naquela noite, e quando eu o soquei, você agiu exatamente como uma garota tola e apaixonada.

— Cale a boca, Ray — me voltei contra ele. — Estou cansada — fui franca. — Trabalhei durante o sábado, estou exausta, estava dormindo até você bater na minha porta e ainda estou de ressaca. Se quer ter essa conversa, me avise antecipadamente para eu aguentar os seus surtos.

— Aí está — sorriu debochado. — Fugindo da verdade — estreitou os olhos. — Por que essa é a verdade. Consegui levar para cama o homem dos seus sonhos.

Fiquei quieta, parada na entrada do corredor para os quartos, enquanto Ray estava na minha frente, na sala.

— Não te interessa — rosnei. — Não amo Eduardo, nem você. Amo apenas a minha vida.

— Se fosse verdade não teria me deixado aquela noite. Teria aceitado a minha declaração, e sabe por quê? Porque eu sou o único homem que aceita você.

Arregalei os olhos, sem encontrar palavras.

— Fiquei decepcionado quando você me deixou no elevador e continuou

com Eduardo. Achei que se eu esperasse você, poderia ser como as outras vezes... Dispensaria o cara e transaria comigo. Mas claro — debochou. — Era o Eduardo dos seus sonhos.

— Você não sabe do que está falando.

— Não, eu sei sim! Pode até dizer que há milhões de Eduardos. Acontece, Zoe, que eu conheço aquela família. Trabalhei para Armando Constancer já, e seria muita coincidência você estar tão encantada com o Eduardo como ficou naquela noite.

Olhei para Ray com desprezo.

— Vá embora, Ray. Se você não quer brigar comigo, esse é o momento de ir embora — sussurrei.

— Eu sou um homem apaixonado, Zoe — rosnou, abrindo os braços. — Um fodido homem que se apaixonou por uma mulher que é encantada por outro que nunca ficará com ela. E você também é burra por não aceitar o que eu ofereço.

— Você diz como se fosse o único...

— Quem mais vai querer uma mulher que fode por dinheiro?

As palavras foram como um tapa na cara.

— Você não sabe sobre a minha vida — ergui o tom de voz. — Saia do meu apartamento agora.

— Sei sim! Sei que faz sexo por dinheiro, e mesmo assim eu quis você. Acha que um Constancer irá querer? Pelo amor de Deus, Zoe, lembra! Eduardo pode ter transado com você, mas jamais irá associar o nome à uma prostituta — hesitou ao perceber o que dissera. Meus olhos se encheram de lágrimas. Doeu mais do que um soco. Meu estômago revirou, meus olhos arderam e o nó na garganta se fez. Não esperava isso de Ray. Contudo, ele estava alterado pelo fora, por tomar ciência de Eduardo... A situação fugiu do limite.

— Não quero vê-lo nunca mais — tentei tomar o controle e avancei para a porta. — Vá embora.

Antes que eu conseguisse chegar, Ray veio atrás, agarrou meu pulso, virando-me contra ele e me segurou pelos braços.

— Me solte, Ray — rosnei. Jamais permitiria que ele usasse a força. Não, eu não seria dominada por homens.

— Você quer ser durona, Zoe. Acha que se vira sozinha.

— Vá. Embora — rosnei, tentando me desvencilhar, no entanto, ele aumentou o aperto.

— Acabe logo com essa ilusão e acorde para a realidade — retrucou. —

Ficar apaixonada assim só te fará solitária, sabe por quê? Porque Eduardo não ficará com você. Ou você abandona essa vida de sexo e esconde o seu passado, ou ficará sozinha.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Tinha ciência das suas palavras, mas ouvi-las doía demais.

— Prefiro ficar sozinha a ficar com você.

Antes que eu previsse, Ray soltou meus braços e um tapa no meu rosto me fez voar contra a parede. Eu era pequena comparada ao seu tamanho.

O silêncio foi mortal entre nós enquanto eu fitava o branco, sentia confusão mental e respirava fundo. A dor latejava na minha bochecha e senti algo quente contra a pele.

Olhei-o com nojo.

— Zoe... — Ele estava tão abalado quanto eu. — Não... Ah, meu Deus — Enterrou as mãos nos cabelos. — Eu não queria fazer isso. Desculpe-me...

Não esperava isso de Ray. Não, jamais. Era um monstro escondido.

— Se não for embora agora — fechei os olhos ao dizer. — Afundarei sua carreira, Ray. Nem que eu gaste minha vida inteira para isso.

— Zoe...

— Desapareça da minha frente — gritei, perdendo a compostura. O ódio estava estampado no meu rosto. — Seu desgraçado, desapareça daqui!

Ray recuou, correndo para a porta e a abriu, hesitando.

— Por favor, não envolva...

— Se eu der parte ou não, que se foda o que você pedir, Ray. Nunca mais quero te ver! — Rosnei, tão machucada por dentro que apenas queria que tudo sumisse. Avancei contra ele, fechando a porta na sua cara.

Virei-me, com as costas na porta, e desabei no chão, com as lágrimas escorrendo junto com o sangue do pequeno corte.

Cinco meses com ele, e não conhecia a sua real personalidade. Aquilo me chocou e me assustou. As lágrimas surgiram mais pesadas, e não aguentei segurar. Chorei por me sentir tão vazia, sem pessoas para amar ou contar.

Pandora era o meu lar, no entanto, também roubava parte da minha vida.

Pensei em Ray, em como sabia tanto sobre mim sem que eu percebesse. E em como era agressivo. Estava com medo, muito medo que isso voltasse a se repetir. Morávamos no mesmo prédio, nos conhecíamos e ele tinha as chaves do meu apartamento.

O quanto ele poderia surtar por ciúme doentio?

Abracei as pernas, escondendo o rosto contra os joelhos. Pela primeira vez, eu odiara o final de semana com evento, estava destruída pela noite anterior, e acabada com o que recém acontecerá.

Ouvi o toque do celular e respirei fundo. Eu não era mais uma garota assustada, aprendera a ser independente, a aceitar o que a vida oferecia, e não iria me deixar ali, chorando no domingo inteiro. Eu não era assim.

Tentei me recompor, sem muito sucesso, e levantei. Girei a chave, trancando a porta, mesmo sabendo que Ray poderia tentar entrar quando quisesse. No dia seguinte iria resolver esse problema.

Fui para o quarto, ainda ouvindo o toque do celular, mas não o atendi. Na tela aparecia o nome do Ray, e assim que parou de ligar, encheu a caixa de mensagens.

RAY: *Zoe, me perdoe, por favor.*

RAY: *Não queria ter feito isso...*

RAY: *Podemos conversar?*

Desliguei o celular, deixando-o em um canto, e desabei na cama. Queria que o dia acabasse, que a noite me engolissem, e que quando eu acordasse na manhã seguinte, eu voltasse a ser a velha Zoe de antes... Com uma vida nos trilhos, sem estar apaixonada.

O corte latejava. Levantei, fitando o meu reflexo no espelho do banheiro. Pequeno, estreito e superficial, mas ardia demais. Limpei o rosto com um papel e fitei os meus olhos.

Era como se pela primeira vez depois de meses que eu via como estava: perdida. E tão assustada.



Capítulo onse

Você sabe que eu não posso me ajudar
Eu adoro vir para você, baby.

Pray - JRY.

Eduardo Constanzer

Eu não sabia explicar como Mercedes conseguia o completo domínio sobre mim. Simplesmente conseguia, me manipulava e no final eu continuava sendo um completo merda.

O plano era ter ido para Pandora sozinho, esquecer Alice – ou vê-la, caso fosse – e esquecer também aquela mulher chamada Zoe, porque eu a via como um escape.

Um maldito escape que me fazia esquecer Alice por completo. Por ironia do destino, a mulher que conseguiu essa façanha também era impossível, me dispensando na primeira transa.

Contudo, Mercedes prevaleceu. Conseguiu ir comigo, me manteve embriagado lá, e cedi aos desejos sexuais. Sexo era sexo, e ela falava certas coisas que me deixavam desarmado.

— Seu irmão está ligando — falou, percebendo que eu mantinha os olhos fechados apenas para evitar conversar com ela. — Não vai atender?

— Não tenho motivo. Ele só está ligando para me cobrar... Pedir se tomarei um jeito ou não.

— Ele não gosta de mim — Mercedes reclamou, deitada ao meu lado na cama, pelada.

— Quem gosta de você, Mercedes? — retruquei. A ressaca surgiu assim que abri os olhos. Eles arderam, minha cabeça latejou e agradei o silêncio, que

não durou muito, sendo cortado pela campainha.

— Deve ser o seu irmão.

— Porra — rosnei, joguei as cobertas para o lado e levantei, colocando uma cueca e o roupão pelo caminho.

— Vai atender? — perguntou irônica e a ignorei, saindo do quarto. A campainha tocava insistente e cheguei até a sala, ouvindo o celular tocar no quarto. Olhei pelo olho-mágico. Mercedes tinha acertado.

— O que quer? — pedi assim que abri a porta. Armando me olhou de cima a baixo, com uma sombra de decepção pelo rosto. Odiava conversar com ele por causa disso. O que uma vez era orgulho, agora se transformara em pena e raiva.

— Vi você ontem.

— Ah... — suspirei. — Não te vi.

Dei as costas, deixando-o entrar.

— Ela está aqui? — pediu autoritário, fechando a porta.

— Anya, sua dominadora? — debochei.

— Chega!

— Chega você, Armando — retruquei, encarando-o. — Você chega aqui em pleno domingo de manhã, querendo se impor no meu apartamento...

— Que era nosso.

— Sim, era. Mas você me deixou aqui. Mandou um foda-se.

— Você não quer ajuda — ele gesticulou ao dizer, irritado.

— Não, não quero.

Sentei no sofá, sem tirar os olhos dele, que cruzou os braços, fitando o corredor.

— Mande-a embora.

— Não consigo...

Armando esfregou as mãos no rosto.

— Que decepção — sussurrou, sumindo corredor adentro.

— Ei — gritei, avançando atrás dele. — O que pensa que está fazendo?

Armando chegou ao meu quarto e escancarou a porta, encontrando Mercedes vestida, parada no meio do quarto com o pior sorriso de todos.

— Olá, Armando — ela zombou.

— Vá embora desse apartamento, Mercedes. Ele também é meu — falou educado, mas imperativo. — Se eu precisar ligar para os seguranças, acredite, você passará tanta vergonha...

— Já entendi — ergueu as mãos. — Não está satisfeito com o seu irmão e desconta em mim. Estava de saída mesmo — disse, caminhando até nós, e ao passar pela porta, parou. — Que feio, Ed, precisa do seu irmão aqui mesmo? — cochichou no meu ouvido alto o suficiente para Armando ouvir.

— Você está proibida de subir aqui — Armando rosnou. — Já comuniquei o porteiro.

Mercedes suspirou irritada e foi embora, me deixando com Armando furioso.

— Você me dá vergonha, Ed — foi direto, voltando à sala. O segui em silêncio, apenas ouvindo. — Não percebe o quanto está sendo usado?

— Percebo, sabe que percebo e não me importo — dei de ombros.

Armando colocou as mãos na cabeça e fitou o teto em silêncio.

— Eu não ia vir. Não, não ia. Vi você ontem com Mercedes e contei para os nossos pais essa manhã.

— Sempre os envolve, não é?

— Sabe o que o nosso pai me mandou dizer para você? — Volveu o olhar e ergueu as sobrancelhas. — Que cortará sua conta. Você não terá mais um centavo dos Constanzer se continuar com Mercedes.

— Você não...

— Você não está na empresa. Você não trabalha mais lá... Por que ganha então? Faça por merecer, Eduardo. Estamos de saco cheio das suas merdas. Fica sofrendo por amor, quando poderia estar ajeitando a vida, conhecendo novas mulheres e crescendo profissionalmente! Eu admirava o irmão que tinha, tão determinado e responsável. Agora só vejo um menino que perdeu a mulher que ama e não sabe o que fazer.

— Dizer é bem...

— Não, não é fácil fazer, eu sei. Mas agora é o fim da linha — Armando pausou. — Ou você se coloca nos trilhos, ou perderá tudo.

Abaixei a cabeça, me sentindo um fracassado. O nó na garganta se formou.

— Obrigado — murmurei.

— Só peço que dê um fim ao que tem com Mercedes. Ela não é mulher para você, é apenas uma aproveitadora, vive de aparências e diversão. Ficará com você até vê-lo no fundo do poço e depois procurará outro para se divertir. Conheço-a, Ed. Anya já me alertou, todo mundo já te falou isso. — Assenti, deixando que continuasse. — Mas preciso repetir. Tente seguir, superar. Alice não é a única mulher no mundo, nem perto disso. E sinceramente? Ela nem é tão

interessante assim. Pegue as revistas, olhe, leia sobre ela, coloque na sua cabeça um ponto final.

— Estou cansado, Armando. Já entendi, apenas me deixe sozinho, por favor — murmurei, com os cotovelos apoiados nas coxas, cabisbaixo.

— Vou deixar. Não pretendo mais me meter na sua vida. É a última coisa que faço.

— Obrigado.

O silêncio durou por segundos. Armando queria dizer algo mais, contudo, se conteve. Sem se despedir, deu as costas e saiu do apartamento. Fiquei ali, pensando sobre a vida, por minutos que pareceram horas. Mercedes não voltaria. Precisava organizar as coisas que ela deixara para entregar, e depois... Eu conseguiria me livrar dela? Era um relacionamento tão doentio, tão dependente.

Peguei uma garrafa de uísque e vi seu fundo horas depois, perdido entre Alice e a estranha chamada Zoe. Folheei as revistas sobre o balcão da cozinha. Alice exibia uma barriga linda, com um vestido florido e rosa, de mãos dadas com Tom. Na notícia dizia que esperavam uma menina...

Soquei o balcão. Alice teria uma menina.

Isso já não era amor, era obsessão, eu sabia. Entretanto, como faria parar?

Zoe fazia parar. Zoe parecia um remédio para a minha dor de cabeça, era lava sobre fogo, era uma paz em meio ao caos da minha vida. Uma noite bastou para me mostrar isso, e eu queria mais. Queria entender se era real.

Ela tinha me dispensado. Deixou claro no bilhete. Seria me humilhar bater na sua porta? Não tinha o seu número.

A ideia fervilhou na minha cabeça, contudo, permaneci na cozinha por horas, e quando a noite chegou, desisti. Apaguei com o álcool nas veias, e quando acordei no dia seguinte, precisei organizar as roupas de Mercedes.

Entreguei para o motorista, que levou para o apartamento dela, e recusei todas as suas ligações. Se eu atendesse e falasse com ela, iria ceder. Era melhor fugir, tentar manter distância.

E enquanto fugia de Mercedes, botei Zoe na cabeça. Durante o banho, tentei me convencer que era apenas uma estranha, que a ligação era irreal, que essa sensação de que Zoe pudesse me salvar era ilusão.

Vesti uma calça jeans e uma camisa branca, inconsciente do motivo de me arrumar tanto. Não iria sair... Convenci-me de que não iria até a noite cair. As coisas de Mercedes já não estavam ali, ela não poderia subir, e senti uma paz sobre o apartamento, sem o seu perfume forte, sua voz irritante ou o quanto

mandava. Só que no silêncio, o desejo de poder conversar com alguém que me deixava calmo surgiu indomável, e me peguei ponderando o quanto de chance que eu tinha de encontrar Zoe outra vez.

Chances raras. Provavelmente ela não frequentava os mesmos lugares. Ou eu deixava aquilo que parecia haver entre nós apagar, ou eu me arriscava.



Capítulo dore

Pois eu quero te tocar, amor
E quero sentir você também.

Dusk Till Dawn - Zayn feat Sia.

Zoe Brooks

Acomodei-me no sofá, deixando o filme passar, sem prestar atenção realmente.

Ray desistira, ao menos era o que parecia. Depois de tantas mensagens, ele parou. Não tentou entrar para conversar, nem ligar mais.

E algo de bom aconteceu durante o meu dia. Gisele não estaria mais em Pandora. Anya foi clara, direta e um pouco grossa. Estava demitida. Iria pagar uma pequena fortuna para ela, e tudo acabava ali. Não sabia os motivos claros, mas algo, por baixo dos panos, aconteceu entre elas.

Estava com medo que ela contasse para Anya sobre Eduardo, sobre alguma paixão. Se Anya acreditasse, eu poderia ser demitida também.

Sorri ao pensar que Gisele não teve nem chance para isso. Não, agora ela estava distante da minha vida.

Assoprei o chocolate dentro da caneca nas minhas mãos e voltei o olhar para a comédia romântica que passava no canal. Por que a vida nos filmes parecia tão bonita? Tão fácil? Não era preciso escolher entre amar ou ter dinheiro, muito menos sobre se sentir bem e desejada.

As palavras de Ray pesaram sobre mim, porque eram verdades.

Quem iria aceitar uma mulher de Pandora? Quando se tornasse passado, eu precisaria esconder. E enquanto fosse presente, seria a minha vida. Engoliria qualquer relacionamento, qualquer paixão.

Eduardo surgiu na minha mente.

Encantei-me pelo que vi, e me apaixonei pelo que senti em seus braços. Se me deixasse levar cada vez mais por essa ilusão, perderia o meu sustento. E se não me deixasse levar, acabaria com os meus sonhos de menina. Deitei, refletindo em como eu fazia parecer que tinha escolha. Não, não tinha. Eduardo não fazia parte da minha vida.

Fechei os olhos, largando a caneca sobre a mesa ao lado, e ouvi a voz da atriz. Prestei atenção nas falas, e quase adormeci quando a campainha tocou, me sobressaltando.

Arregalei os olhos, fitando a porta. Já passava das dez horas da noite e desde domingo eu comecei a sentir medo de atender a porta. A todo momento me pegava pensando em Ray. Se fosse ele, eu não teria chance de fechar a porta. Era enorme, forte e imponente.

Suspirei. A campainha tocou mais duas vezes até que me obrigasse a ir até a porta. Deixei discado o número de emergência, e com o celular na mão, abri.

Recuei um passo, surpresa.

Eduardo estava parado ali, me encarando como um cachorro perdido. Apoiava o braço no batente, os cabelos estavam bagunçados e o seu perfume atingiu o meu olfato. Forte e másculo.

— Eduardo? — perguntei aturdida.

— Sei que me dispensou. — Seus olhos percorreram o meu rosto, desceram para o decote da blusa e retornaram aos meus. — E deve estar pensando o que esse otário está fazendo parado na minha porta em plena segunda-feira à noite.

— Ed... — tentei falar, mas ele me interrompeu.

— Entendi que levei um fora, Zoe.

— Não foi bem isso.

— Interpreto bem as situações. Você saiu sem me acordar, deixou para aquela senhora — sorriu. — Lene, me dispensar no seu lugar, com um bilhete que deixava claro...

— Se acha isso, o que faz aqui então? — Mantive a compostura. Por dentro, incendiava. Meu coração saltava no peito, o suor brotava embaixo dos cabelos e respirei fundo, tentando manter a clareza.

— Sei que você deve ter outros homens para esquentar a sua cama...

— O que quer, Ed?

Olhou-me ansioso. Ficou calado por segundos, se preparando para falar.

O silêncio foi um massacre para o meu coração.

— Queria saber se posso ser aquele que esquentar a sua cama hoje.

— Veio por sexo? — indaguei surpresa.

— Também — alargou o sorriso. — Mas, na verdade, gostei de conversar com você. Nos conhece... — hesitou. — Conheço você há o que, setenta e duas horas? É loucura, eu sei! E também foi bom! Por azar, não tenho o seu número, e a sorte é que tenho o seu endereço. Aqui estou... — suspirou.

Quase babei por sua expressão de abandono, o jeito com que falou. Era loucura, muita loucura, contudo, impossível de negar.

— Já jantou? — perguntei com um sorriso de canto.

— Como o que você quiser — respondeu animado e abriu por completo a porta, dando passagem.

— E não tem problema para você passar a noite aqui?

Queria falar sobre Mercedes, pois a última coisa que desejava era uma mulher como ela na porta do meu apartamento, chamando a atenção dos vizinhos. Eduardo sentou, abrindo os braços e apoiando-os no encosto do sofá.

— Se diz sobre Mercedes...

— Sim.

— Acabou — me encarou ao dizer. — Ao menos eu espero.

— Simples assim? — Fechei a porta. Ed abaixou a cabeça, ciente que minha pergunta envolvia mais.

— Não, não é simples. Espero que acabe desse modo, mas Mercedes vai insistir. Liguei tantas vezes que já perdi a conta... E não quero atender. — Elevou os olhos. — Ela não pode mais ir ao meu apartamento, e estou fugindo...

— Entendo como se sente. — E sem perceber, levei os dedos para o pequeno curativo branco que escondia o corte. Sentei ao seu lado.

— Se machucou? — Arqueou uma sobrancelha, me analisando.

— Prefiro não falar sobre isso.

— Entendi — resmungou a contragosto. O filme foi a única voz por minutos. Ed fingiu prestar atenção enquanto eu não conseguia parar de olhá-lo. Queria assassinar cada maldita borboleta que crescia dentro do meu estômago ao imaginar que o teria mais uma noite.

Elas morreram assim que lembrei da noite anterior. Gisele chupando-o, Mercedes sobre ele, e um sócio no meio das minhas pernas. Na hora, me excitou, e agora criava o efeito reverso. Era insano.

— O que quer jantar? — Foi Ed o primeiro a falar.

— Vamos dar uma olhada.

Assentiu, fitou minhas pernas expostas pela saia e pousou a mão na minha perna.

Recuei. A lembrança da noite anterior estragou o momento, e me levantei. Peguei um cardápio de tele entrega, ciente do seu olhar questionando o motivo da minha frieza.

A raiva gritava dentro de mim. Queria poder sentir que ele era meu outra vez. Apenas meu, sem ser tocado por outras, contudo, que direito eu tinha?

— O que acha de uma pizza? — perguntei de costas, evitando contato visual.

— Pode ser.

— Gosta de algum sabor em específico?

— Gostaria que me dissesse se eu fiz algo de errado — sussurrou erótico no meu ouvido, me tomando de surpresa. Suas mãos avançaram sobre o meu quadril, colando as minhas costas no seu peito. — Por que está fugindo?

— Não estou fugindo. — Fechei os olhos. Sua pele era quente, sua respiração na minha orelha era tentadora.

— Esqueça a pizza. Não estou aqui pela comida.

— Mas... — Arrancou o cardápio da minha mão e o jogou para trás, me virando.

— Seja o que for que fiz de errado, já peço desculpas. — Segurou o meu rosto, acariciando a pele abaixo da orelha. Sussurrou contra os meus lábios: — Estou com vontade — seu olhar desceu para o meu pescoço, banhado em luxúria. — De você.

— Ed... — Tentei me desvencilhar, mas seu corpo empurrou o meu contra a parede, prensando-me. Não me deu escapatória. Beijou o meu pescoço, deslizou a língua pelo meu ombro, abaixando a alça da blusa, beijando minha pele, chupando a curva do pescoço. Subiu com a língua até o meu queixo e o mordeu, prendendo o meu olhar ao seu.

— Não está com tesão, Zoe?

Estava. Ardia, queimava. Minha boceta estava inchada, encharcada e implorando para se sentir amada. Meu corpo correspondia ao toque, se arrepiando em cada beijo. O suspiro escapou dos meus lábios e fechei os olhos, relutante.

— Você me deixou entrar... — murmurou contra os meus lábios e mordeu o inferior, puxando-o para si. Sua ereção roçou contra o meu ventre, com os tecidos entre nós. Cerrei os dentes, traída pelo tesão avassalador que percorria

as minhas veias.

Queria ele dentro de mim. Nossos suores colados, os corpos atritando. Queria Ed gemendo como o vi em Pandora.

— Deixei — arquejei.

— Me quer? — Beijou-me e sua mão invadiu minha saia por baixo. Tocou na minha calcinha molhada e ao abrir os olhos, encontrei o seu sorriso devasso, sombreado pela barba rala. — Me quer tanto quanto eu pensei em você?

— Não diga isso, por favor. — Meu nervosismo estava explodindo cada resistência no meu corpo. Ele me tinha nas mãos desde o início.

— Dizer o quê? — Lambeu meus lábios, me hipnotizando. — Que quero você? Que em setenta e duas horas se tornou uma fantasia minha?

— Oh, Deus — me entreguei. Seus dedos atrevidos puxaram a calcinha para o lado e tocaram minha boceta. Fraquejei contra a parede e ele me segurou, me mantendo apertada contra o seu peito.

— Mereço ser dispensado de novo? — Sua voz carregada de testosterona me deixava ofegante. Seu indicador abriu minha vagina, deixou o polegar tocar o meu clitóris, e *oh, meu Deus...* Lambuzar a mão de Ed com o meu gozo era demais para mim.

— Não — rosnei, agarrei sua cabeça e o empurrei para baixo. — Me chupe — quase implorei. E choraria se precisasse. Estava ultrapassando os limites, não sabia se era o seu toque... A sua voz, a simples presença dele... Ou a fantasia que tornava o orgasmo da mulher real.

— Com todo prazer, meu amor.

Meu amor.

Doce ilusão. Queria morrer por ela.

Abri os botões da saia, apressada, e Ed a puxou, me deixando de calcinha contra a parede do canto da sala. Diante de nós a varanda mostrava a cidade, os prédios mais baixos e pequenos pontos de luz que eram as estrelas.

Sob a luz da televisão, o vi lambe os lábios, morder minha calcinha e puxá-la com a boca.

Meu coração iria se partir de tanta ansiedade. A pressão era tanta que estava perdendo o ar, as forças nas pernas. Trocaria todas as maravilhosas transas de Pandora por uma noite com ele.

Senti o frio da ausência do tecido no meio das minhas pernas. Ed estava ajoelhado, com a calcinha nos meus tornozelos. Ergui os pés, livrando-me dela, e suas mãos voaram para a minha bunda, apertando-a.

Sua boca colou no meu monte pubiano. Mordiscou-o.

— Está tão lisinha... — ronronou, lambendo o monte, deslizando a língua para os grandes lábios. — E gostosa.

— Por favor — gemi. Enterrei os dedos em seus cabelos, bagunçando-os mais, e empurrei o seu rosto. Abri as pernas, e por um momento pensei que era praticamente a mesma posição que ele me viu fazer no espetáculo de Pandora.

Mas logo o choque foi tragado pelo prazer, e Ed me chupou com força. Apoiei as costas na parede, elevei as pernas e as descansei sobre os seus ombros, confiando nas suas mãos que me sustentavam.

Sua barba áspera roçou nas minhas coxas, criando uma ardência deliciosa. Sua língua zombeteira abriu caminho, empurrou um dos meus grandes lábios e provou das minhas dobras, lambuzando-se.

— Você fica tão molhada... — assoprou contra o meu ponto, chupando-o. Quase gritei, joguei a cabeça para trás e o meu clitóris inchou em proporções épicas.

Queria dizer que não era o sexo que deixava a mulher molhada apenas.

Não. O que me deixava pingando era a paixão. Transar com alguém por quem sentíamos tesão, estávamos apaixonadas... Era esse um dos segredos femininos para um orgasmo louco.

— Eduardo — seu nome foi uma prece. Sua boca foi o paraíso. E ele sugou tanto que me sentia devastada, invadida por sua língua que explorava cada canto, me chicoteava no íntimo e castigava minha boceta. Mordeu várias vezes, chupou, lambeu, me devastou com a boca. Suas mãos trabalhavam na minha bunda, apertando-a, e uma delas vagou para frente, me penetrando com um dedo. Minha intimidade pulsou, minhas paredes internas se apertaram.

— Está quase... — Descobriu o meu prazer. — Quase. — Lambeu meu gozo que banhava os grandes lábios e escorria pelos seus dedos enterrados em mim. — Goza comigo assim, Zoe?

Encarar os seus olhos foi a minha perdição, a total entrega.

Desfaleci em êxtase. O orgasmo chegou derrubando qualquer sanidade. Apertei os olhos, sem conseguir puxar o ar. Ed chupou com veemência, tomou tudo de mim, com sucções deliciosas, ensandecidas e contínuas. Esfreguei minha boceta no seu rosto, sentindo sua barba pinicar minha virilha. Meu ventre queimou, minha musculatura vaginal se tencionou e perdi o ar.

Fui levada para um lugar único, apenas de sensações, onde Ed era meu, onde o orgasmo era a única força. E gemi tanto seu nome que pensei que estava enlouquecendo. Minha pele queimava, meu coração batia acelerado e estava

suada. Parecia não ter fim.

Sua língua abandonou minha boceta e gemi, tão sensível que quando fui colocada no chão, fraquejei. Ed me pegou no colo, carregando-me para o sofá, e me deitou, cobrindo o meu corpo com o seu.

Abri os olhos. Sua barba estava molhada, uma mistura de saliva com o meu orgasmo.

— Você é intensa demais — disse admirando o meu rosto relaxado. Apoiou os cotovelos em cada lado da minha cabeça e afastou os fios de cabelo que cobriam meu rosto. — Assim fica difícil recusar fazer um oral gostoso em você.

— E você recusaria? — resfoleguei.

— Nunca. Desse jeito meu pau ficará de castigo, e minha boca irá ter trabalho dobrado.

— Desse jeito não andarei mais — ri, vidrada no seu sorriso safado.

— É uma segunda-feira maravilhosa, não é?

— Não esperava você na minha porta.

— Também achei que não viria.

— Precisou de coragem? — Mantive o sorriso de menina boba.

— Temia que me desse um fora e fechasse a porta na minha cara — murmurou, me olhando de um jeito tão apaixonando que seria fácil de me enganar.

— Quase dispensei — menti.

— E também não sabia se daria de cara com aquele seu vizinho.

Ray fez meu sorriso morrer. Fitei Ed, sem conseguir responder.

— Vocês brigaram? — Ele captou o meu semblante e tentei dissimular. — Zoe? — Arqueou as sobrancelhas, insistindo.

— Isso não importa, Ed. Você me conhece há pouco tempo, não precisa...

— Vocês brigaram por minha causa?

— O que quer jantar? — Acaricieei a sua barba, cortando o assunto.

Ele não respondeu de imediato. Deteve o olhar no meu por segundos até desistir.

— Pode ser uma pizza mesmo — citou a minha sugestão de antes. Saiu de cima, e levantei, buscando minha calcinha e minha saia.

— Seria errado desejar mais? — falou assim que me agachei, de costas para ele.

— Seria — ri.

— Mas desejo.

— Veremos como se sai esta noite — provoqueei, me vestindo.

Retornei ao sofá, e juntos decididos pelos sabores. Disquei enquanto Ed passava pelos canais, escolhendo algum filme.

— Costuma assistir à filmes? — perguntei assim que desliguei o celular.

— Gosto, às vezes me distrai da vida.

— E do que gosta? — Acomodei-me ao seu lado, deitando a cabeça em seu ombro. Eu me sentia uma garota apaixonada, e Ed nem percebia.

— Terror? — sugeri.

— Talvez um suspense. Terror não me agrada tanto.

— Eu durmo com você caso sinta medo — o seu sorriso me fez pensar que aceitaria qualquer coisa vindo dele.

— E nas outras noites? — Iria me xingar depois por me deixar levar tanto.

— Se isso for um convite, cumprirei todas as vezes.

— Pode parar — disse mais para mim mesma, e dei um leve tapa no seu peito.

— Esse é bom — apontou com o controle. Freddy Krueger estava estampado na tela, com unhas de metal em um filme da década de 80.

— Isso quer dizer que não estou segura nem nos sonhos.

— Se sonhar comigo, protegerei você — era uma piada de muito mal gosto, porque na verdade, eu sonhava.

Não respondi, deixando Ed se entreter. O cansaço me venceu, e poucos minutos relaxada sobre o seu ombro, sentindo o seu perfume... Enganando-me ao ter a sensação de que a vida boa era isso: ter o homem que amamos ao nosso lado, pronto para nos proteger. Quase adormeci.

A campainha tocou e dei um pulo.

— A pizza — tentei acordar, esfregando o rosto e Ed sorriu ao perceber a minha sonolência.

— Fica aqui, eu atendo. — Se levantou antes.

— Obrigada. O dinheiro...

— Eu pago — não deu chance para uma resposta. Avançou até a porta, puxando a carteira do bolso e a abriu.

Mas não era a pizza.

Era Ray.



Capítulo treze

Ficarei com você
Do anoitecer até o amanhecer.

Dusk Till Dawn - Zayn feat Sia.

Eduardo Constanzer

Alguma coisa não estava certa e não precisei ser muito inteligente para perceber.

Aquele idiota estava com os olhos vermelhos, Zoe estava petrificada no sofá, e parecia que ambos sabiam de algo que eu não.

— Se perdeu entre os apartamentos? — perguntei irritado.

— Zoe, precisamos conversar — Ray me ignorou. Empurrou-me contra a porta e entrou.

— Ei, ei — bradei, puxando-o pelo ombro no instante que Zoe se levantou, abraçando o próprio corpo como... Franzi o cenho, horrorizado. Ela estava com medo.

— Não se meta aqui, Constanzer — Ray me empurrou novamente. — Você não conhece Zoe.

— E nem você me conhece — ela estava com lágrimas nos olhos. — Vá embora antes que eu chame a polícia e denuncie você.

Eu não tinha nada a ver com a história. Não conhecia Zoe tão bem, estava vendo-a fazia três dias, mas a raiva por ter noção de que aquele babaca machucou Zoe, me fez perder a cabeça.

Foi tão rápido que Ray nem teve reação. Puxei seu ombro e enfiei o punho contra o seu nariz. Senti o osso ceder, o grito dele e a dor nas minhas juntas.

— Filho da puta! — gritou.

— Ed — Zoe também se exaltou, e recuei, balançando a mão. Doía para cacete, mas eu me sentia bem. Bem demais.

— Meu nariz... — Ray tomou consciência do que tinha acontecido. O sangue escorria, sujando sua camisa e ele me encarou furioso. — Vou quebrar a sua cara.

— E a polícia a sua, seu covarde!

Isso o fez parar. Ponderou se poderia se arriscar, e volveu o olhar para Zoe.

— Você não fará isso, não é? — parecia mais uma ameaça.

— Vá embora! — ela engoliu em seco.

Ray passou furioso, saiu porta afora, batendo-a. Zoe não falou nada, me olhava como se estivesse esperando que eu fosse embora e a abandonasse com os seus problemas. Não era o meu tipo. Retribui seu olhar.

— Por que não me contou?

— Você não me conhece — tinha mais na sua frase do que apenas esse sentido. Porra.

— Então me deixe conhecê-la. Posso ajudar você — balbuciei, erguendo as mãos.

— Não, eu não quero.

Ela tinha lágrimas nos olhos.

— Por quê?

— Porque não dará certo.

Parecia indefesa, pequena e frágil naquele canto da sala. Depois de todo o tesão sexual por ela, surgiu a vontade de pegá-la no colo e beijá-la para acalmar os seus medos. Dizer que tudo ficaria bem, que mesmo a minha vida sendo uma droga, a dela não seria. Eu a protegeria.

— Posso protegê-la — disse em voz alta o que pensei.

— Não sou uma garota indefesa, Ed. Sou mais do que vê, muito mais — disse seca.

— Mas contra Ray você é. Olha o tamanho daquele cara, e é ainda o seu vizinho! — Exaltei-me. — Quando aconteceu? Por que não deu parte?

— Quem você acha que eu sou, Eduardo? Quem é Ray? Você sabe o que comanda esse mundo... Essa merda de mundo.

— Não, não sei. Sei que quero as coisas certas.

— O certo, muitas vezes, só é o pior para mim. Se eu der parte, Ray vai

trazer um batalhão de advogados famosos... Ele é famoso e eu? Serei vista como uma golpista.

— Quem disse isso? — Estava furioso. Ela não podia pensar assim. — Estarei ao seu lado.

— Meu Deus, Eduardo — se alterou também. — Você me conhece há dias. Não queira pegar os meus problemas, dizer que vai resolver. Não posso...

— Por que não pode? Você me conhece há mais tempo.

— Não é assim que funciona — voltou a encher os olhos de lágrimas ao murmurar. Seu olhar sustentou o meu. Queria dizer tantas coisas como eu, mas só sussurrou: — Não posso me apegar.

— É o certo a fazer, Zoe. Por favor — implorei, ergui as sobrancelhas, formando um vinco na testa. — Não deixe isso passar. Se passar, ele se sentirá no poder, voltará aqui... — respirei fundo. Pausei antes de continuar. — Ele fez esse corte no seu rosto?

— Foi um tapa.

— Quando?

— Não interessa — ela tentou escapar. Caminhou apressada em direção ao corredor, mas a alcancei, segurando-lhe o braço.

— Por favor, Zoe — pedi com a voz contida. Seu rosto estava tão perto, queria segurá-lo. Acariciar e tomar para mim.

— Vá embora, Ed. Dessa vez — puxou o fôlego. — Sem voltar.

— Você não quer isso.

— Somos estranhos.

— Não é assim.

— É sim — retrucou. — Me conheceu numa boate, transamos várias vezes e é isso. Somos diferentes, muito diferentes.

— E onde *você* me conheceu? — perguntei autoritário. Tentei lembrar, mas seu rosto não era familiar.

— No pior lugar para se apaixonar — sussurrou. Puxou o braço e escapou da minha mão, desaparecendo dentro do quarto.

A campainha tocou, e dessa vez eu sabia que era a pizza. No entanto, nenhum de nós iria comer.

Atendi, paguei e deixei a caixa sobre o balcão, esfriando assim como a situação entre nós. Se eu respeitasse o pedido dela, iria embora sem voltar.

Contudo, pensava nela. Se eu a deixasse agora, seria tudo verdade. Ela se sentiria sozinha e frágil diante de Ray. Seríamos estranhos que não dariam certo

e...

O pior lugar para se apaixonar.

Era uma incógnita. Uma frase que eu não conseguia entender.

Ela estava apaixonada?

Esfreguei o rosto, sentado no escuro da sala, já com a televisão desligada.

Que se fodesse o seu pedido. Não iria deixá-la nesse estado. Minha vida era uma merda, e a dela não seria igual. Olhei ao redor, a sala, a cozinha com a bancada exercendo o papel de divisória, as cortinas esvoaçando com o vento. Era aconchegante, melhor do que o meu apartamento.

Onde estava a sua família? Amigos? Ela era tão sozinha como parecia? De onde vinha esse dinheiro todo?

— Zoe... — suspirei o seu nome. *Sem perguntas*, esse era o seu lema.

Esperei quase meia hora. O apartamento continuou silencioso, e fui até a cozinha. Separei um pedaço de pizza e requeitei. Tirei os sapatos, permanecendo com as meias, e sem fazer barulho, parei diante da porta do seu quarto.

— Zoe?

Sem resposta. Abri, espiando pela fresta.

Ela estava deitada, os cabelos escuros espalhados pelos travesseiros brancos, e o abajur banhava o quarto com sua luz amarelada. Sorri, pensando em como ela parecia uma garota, e não uma mulher. Era tão estranho como em instantes ela se transformava, se tornava erótica, segura e imponente.

Entrei, fechando a porta, e caminhei até a cama. Coloquei o prato no criado-mudo, e deitei ao seu lado.

— Quem?... — ela resmungou, se mexeu e parei. Não queria acordá-la, mas foi em vão, pois instantes depois abriu os olhos, fitando-me confusa. — Eduardo? — Parecia não se lembrar. Vi admiração em seus olhos. Transbordava em ansiedade e desejo.

— Sou eu. — Sorri. Acaricieei devagar o seu rosto.

— Por que ainda está aqui? — Pensou com clareza.

— Não fui embora.

— Devia ter ido.

— E deixar você nesse estado?

— Não quero sua pena — retrucou, sentando-se na cama. — Desculpe-me por tudo, não quero envolvê-lo nisso.

— Não é pena, Zoe.

Fitou a pizza, contudo, ficou resoluta em pegar.

— Trouxe para você.

— Por que ficou? — Olhou-me de canto. — Por que não foi embora?

— Porque pensei no meu apartamento. Vi-me lá, e então me imaginei aqui, com você. Minha vida é uma bagunça, e sei que fugir não é solução, por mais que eu continue fazendo isso. Contudo, aqui... Aqui parece que está certo. Que eu posso ajudá-la, porque você me ajuda. Você faz com que a minha obsessão pare, faz com que eu veja mais.

— Isso significaria?

— Que te conhecer tornou essas últimas horas as melhores de um bom tempo da minha vida.

Ela sorriu, mas tinha tristeza nos seus olhos. Inclinei-me sobre ela e apanhei o prato, colocando-o na sua frente.

— Coma.

— E você?

— Depois me sirvo também.

Assentiu, tão frágil que não parecia a mulher de horas antes, pedindo para ser fodida com a boca.

Observei-a comer e enquanto mordida a pizza, analisei o quarto. O grande espelho parecia bem familiar. Por que as pessoas gostavam tanto de espelhos? As portas fechadas. Não havia porta-retrato, nada da sua vida.

— Como os seus pais faleceram? — perguntei.

— Já faz algum tempo. Perdi meu pai para o câncer, e minha mãe faleceu em um acidente de carro.

— Seus avôs?

— Eram velhinhos. Preferi seguir minha vida do que causar estresse para eles. Eram bondosos demais, iriam assumir muitas responsabilidades.

— Se mudou então?

— Sim — pausou, terminando de mastigar e sorri, satisfeito por ela contar um pouco.

— Vou pegar um pedaço para mim, quer mais? — Levantei-me e Zoe entregou o prato.

— Obrigada, pode trazer mais um.

— Ao seu dispor, meu amor — brinquei, dando-lhe as costas.

— Não me chame assim — pediu educada e travei na porta.

— Chamar do quê?

— De amor. Não sou seu amor — sorriu para disfarçar as palavras

ásperas.

— É uma forma carinhosa...

— Zoe — me interrompeu. — Só Zoe já está bom.

— OK. Zoe.

Fui para a cozinha, aquecendo mais dois pedaços. Quando retornei, ela estava sentada ainda, mas mexia no celular. Digitava algo e o largou assim que me acomodei ao seu lado.

— Estou incomodando? — pedi assim ofereci o prato.

— Não, tudo bem.

— Voltamos às perguntas, porque vou me aproveitar — zombei e Zoe sorriu.

— Percebi que não tem muitas coisas pessoais aqui.

— Não gosto de expor minha vida.

— Fotos é expor? Fotos no próprio apartamento? E objetos pessoais...

— Os bons momentos não precisam de foto, Ed. E os melhores eu guardo na cabeça. Ver uma fotografia só causará uma nostalgia, que me deixará triste.

— E suas amigas?

— Eu tinha o Ray.

Concordei com um aceno.

— Por que é tão fechada? — questionei.

— Porque me sinto melhor assim. Evito perguntas, olhares e curiosidade.

Mastiguei o pedaço de pizza, e quando acabei, deposei o prato outra vez no criado-mudo.

— Vou tomar um banho — ela se levantou antes que eu tivesse a oportunidade de abraçá-la.

— Até me ofereceria — sorri. — Mas não trouxe roupa.

— Não precisará de roupa aqui — respondeu sem sequer me olhar. Deixou a porta aberta e segundos depois ouvi o barulho do chuveiro.

Era um convite?

Se não era, acabou se tornando, pois peguei uma camisinha e a segui. Larguei as roupas pelo caminho e me delicieei com o seu corpo embaixo da água.



Capítulo quatorze

Só quero ouvir ela dizendo “você é meu?”
Bem, você é minha?
Você é minha?

R U Mine? - Arctic Monkeys.

Eduardo Constance

Enquanto Zoe secava os cabelos, vesti um roupão, aceitando sua proposta de ficar sem roupa, e abri as portas do seu closet, curioso em descobrir algo sobre aquela mulher.

Era espaçoso, com um espelho na outra parede. Notei algumas caixas embaixo das roupas e me agachei, puxando uma.

— Cacete — murmurei, fitando um enorme chicote. Algemas, pomadas, velas, prendedores...

Fechei-a, largando-a no canto e me levantei. Caminhei para fora e parei na porta do banheiro. Zoe sorriu pelo espelho.

— Não sabia que gostava de um sexo mais violento.

— O quê? — pediu, desligando o secador.

— Espiei o seu closet — disse, dando uma piscadela. Ela ficou pálida.

— Por que fez isso?

— Porque continua sendo um mistério.

— Não mexa nas minhas coisas, Ed — pediu categórica.

— Desculpe-me, eu achei que não...

— Que não iria me importar? Não gosto que invadam o meu espaço — suspirou e desviou o olhar.

— Ei — avancei contra o seu corpo, abraçando-a. Zoe também estava de roupão, nua por baixo, e beijei o topo da sua cabeça. — Não encontrei nada

demaís, nem corpo, cadáver ou órgãos. Só alguns chicotes que até posso aceitar usar... — ri e Zoe negou, se virando de frente.

— Raramente uso.

— Eu raramente durmo mais do que uma noite nas camas alheias.

— Deveria entender isso como? — sorriu.

— Que somos exceções.

Ela não respondeu, maneou a cabeça e me envolveu com os braços, unindo as mãos nas minhas costas. Descansou a cabeça no meu peito. Acariciei os seus cabelos, refletindo em como ela precisava de carinho. Precisava de alguém. Eu poderia ser esse alguém? Merecia, e saberia ser?

— Precisamos conversar sobre uma coisa — murmurei.

— Sobre o quê?

— Ray — fui enfático. — Precisarás dar queixa. Ele agrediu você — disse, fitando o corte que tinha na bochecha, sem o curativo.

— Sabe que não é...

— É assim sim, Zoe. Se você se calar... — Uni as sobrancelhas. — Não me deixe pensar nisso, por favor. Não deixe Ray vencer.

— Não sei como as coisas terminaram assim. — Vagou com os olhos pelo meu pescoço, contendo as lágrimas. — Não sei... Como Ray surtou, falou tanta merda... Como você está aqui agora.

— Essa última parte aí é uma coisa boa, não é?

— É. — Sorriu, erguendo o olhar.

— Então manteremos as boas, e as ruins, nos livraremos. Se o problema é contatos, você tem a mim, e eu estarei pronto para ajudar se precisar.

— Obrigada.

— Promete que fará isso amanhã? — Ela assentiu, saindo dos meus braços e se voltando para o balcão do banheiro. Abriu um pote e tirou um curativo de dentro. Cobriu o machucado e respirou fundo.

Zoe estava sem maquiagem, com os cabelos secos e os olhos avermelhados.

— Está linda.

— Está sendo querido demais, Ed.

— Passarei a noite aqui, preciso estar em vantagem.

— E está — sorriu, dando-me a mão, e rumamos para a sala, que agora já não parecia opressora como fora quando Ray invadiu o lugar.

Zoe se acomodou no sofá, e retornei ao quarto, pegando uma coberta

para nós.

— O que colocou? — perguntei, me acomodando ao seu lado. Envolvi-a com o braço, a puxando contra o meu peito e nos cobri.

— Diferente de antes, está passando um romance.

— Não assisto romance — expliquei e ela sustentou o olhar.

— Meu apartamento, minhas regras.

— Na próxima iremos ao meu então — ri, cedendo, e notei certo olhar melancólico da parte dela. — Amanhã à noite, o que acha?

— Acho que está indo longe demais.

— Por quê?

— Ed, você se importar, querer ajudar, passar a noite aqui. Transarmos — esmiuçou. — Não significa que irá se prolongar. Que algo nascerá disso aqui.

— Ir no meu apartamento não significa isso.

Zoe suspirou, desistindo de explicar e deitou sobre o meu peito, se encaixando perfeitamente.

— Sei que pode não dar certo — falei depois de alguns minutos, ignorando o filme meloso. — Sei que você não quer se apegar, muito menos prolongar. Não sei o que a impede de arriscar... Mas não precisamos nos importar com apego, compromisso ou qualquer outra coisa que envolva um relacionamento.

— Sei onde quer chegar...

— Gostei de ficar com você, Zoe. Por estranho que pareça, esses três dias me fizeram pensar em você, e quero aproveitar ao máximo isso. Não pensei — sorri irônico ao dizer. — Em Alice desde que pus os pés aqui.

— Isso é bom.

— É mais do que bom.

— Mas antes de vir, pensou nela, não pensou?

— De certa forma, sim — contei. Meu coração se tornou pequeno. — Li uma notícia de que espera uma menina. Provavelmente nascerá loura e com os olhos claros... Parecida com eles.

— Ela está feliz, Ed. É isso que precisa importar. Tom Haltender parece amá-la demais. E deve. Deve amá-la de uma forma que é o sonho de toda mulher.

— É o seu sonho?

— Quem não quer ser amado? Saber que há alguém esperando por você quando chegar? Alguém que te ligará e pedirá se está tudo bem... Com real

interesse? Alguém que pergunte se está com fome? E que, principalmente, retribua o amor na mesma dimensão? Acho que todas as pessoas desejam isso.

Assenti, encostando o queixo no alto da sua cabeça.

— Às vezes demora mais para se achar — Zoe continuou. — E outras vezes, se acha, mas é preciso fechar os olhos e deixar passar.

— Por quê?

— Porque não é o momento certo da vida.

— Nunca sabemos quando é o certo.

— Sabemos quando é o errado.

— E você já amou? Amou alguém? — pedi curioso. — Talvez Ray?

— Não — ela sorriu. — Não amo o Ray, nunca amei. Muito menos me apaixonei. Era sexo, bom, quente e casual. Agora sinto raiva e nojo dele.

— Sinto muito — murmurei.

— Mas já amei. Amei no momento errado da minha vida. No momento em que não há muitas escolhas, pois já as fiz antes...

Não entendi sua frase.

— E o que aconteceu?

Ela não respondeu. E também não retornei a pedir. No fundo, pensava no sentido da minha pergunta.

Eu amei Alice. Amava-a ainda. Contudo, a obsessão, perto de Zoe, amenizava.

O amor parecia aos poucos morrer.

— É possível amar novamente? — perguntei.

— Espero que sim — sussurrou. — Espero que sim, Ed.

Zoe cortou a conversa, prestando atenção no filme que passava, e poucos minutos depois, estava gargalhando com algumas cenas.

— Por que vocês, mulheres, gostam de filmes assim? Sério, é tão irreal, louco — resmunguei e Zoe gargalhou de novo. Suas bochechas ficaram rosadas, os olhos arredondados e castanhos se engrandeceram, e ela me encarou.

— Claro que é irreal, e é por isso que é divertido — disse animada, mandando a tristeza de antes para longe. Sorri, vendo-a tão feliz.

— Por que ela aceitou esse trato? — questionei a ideia, aceitando entrar no seu gosto por filmes.

— Porque Mike está ajudando Abby a conquistar o novo vizinho, que é gostoso e lindo.

— Ah, por isso então ela está se contorcendo com uma calcinha

vibratória em pleno restaurante?

Zoe sorriu, mordendo o lábio inferior e me encarou.

— Você não gosta desses filmes — falou, tentando conter a gargalhada.

— Vá — ergui as mãos. — Diga que eu tenho um gosto péssimo para filmes.

— Você é horrível para filmes. É horrível mesmo!

Fuzilei-a com o olhar, entrando em sua brincadeira, e enfiei as mãos dentro da coberta, encontrando a sua cintura. Fiz-lhe cócegas, arrancando gargalhadas tão altas que pensei que acordaria os vizinhos.

Zoe se contorceu no meu colo, dando tanta risada que parecia faltar ar. Suas bochechas estavam vermelhas e ela gritava entre risos para que eu parasse. Deitou, tentando se distanciar, e ainda lhe fazendo cócegas, pus-me sobre ela, impedindo que escapasse. Ela se remexeu embaixo de mim e parei, mantendo as mãos rentes em sua cintura, encaixado no meio das suas pernas.

Nossos olhares se aprofundaram, sem risos. Sem palavras. Ligados pelo momento. Fitei-a com desejo, com carinho. E a emoção era mútua.

Mergulhei no castanho, sentindo-me conectado, com uma ligação única. Ela parecia me compreender tanto, me considerar com paixão. A eletricidade percorreu o meu corpo, o meu coração acelerou, e bombeou sangue para a ereção que crescia potente.

Acaricieei os seus lábios entreabertos.

— O que você faz comigo... Zoe?

— O mesmo que você... — ela não finalizou a frase, e abocanhou o meu dedo. Chupou-o com os olhos fixos em mim. Uma proposta enlouquecedora.

— Aqui, agora? — sugeri e suas mãos avançaram entre nós, desfazendo o laço do meu e do seu roupão. Abri-o. Seus seios estavam erguidos, pequenos e suculentos, perfeitos para as minhas mãos.

Apertei-os devagar, querendo assistir cada suspiro dela. Zoe fechou os olhos, entregue. Eram gostosos, os mamilos roçaram nas minhas palmas. Percorri a pele ao redor com a ponta dos dedos, cada curva, cada pele arrepiada.

— Vamos... Aproveitar — sussurrei. Curvei-me contra ela, deslizando no sofá, e enterrei o rosto entre os seus peitos. Passei a língua no lugar quente, lambi a volta deles, e chupei seus bicos. Mamei com sede, uma vontade lasciva, sem medir força. Mordiquei, babei em sua aréola, observando a minha saliva escorrer para o meio deles. Zoe gemeu, empurrando a minha boca contra seu bico. Suguei com veemência, fazendo-a se contorcer debaixo de mim. Meu pau se encaixou no meio das suas pernas, minha mão deslizou até lá também, e a

enfiei dentro da sua boceta, segurando com força o seu clitóris.

Seu corpo se retesou. Ela abriu os olhos, me fitando embevecida.

— Quero que goze, meu amor — ela sorriu diante da frase, e não entendia por que pedira antes para não a chamar assim. Afundou no sofá. Brinquei com seus mamilos, fazendo-lhes carícias, e na outra mão eu tinha o seu ponto.

Inchado, extremamente encharcado, e porra, eu estava adorando lambuzar minha mão ali.

Afastei a mão do meio das suas pernas e lambi os dedos.

— Ed — Zoe arfou.

— Deliciosa, sabia? — sorri, voltando a enfiar os dedos na sua boceta. Massageei a carne ali, apertei as dobras, a penetrei com o indicador, enquanto o polegar exercia pressão em seu clitóris, empurrando-o, circulando-o e conhecendo seu corpo detalhadamente. Apteitei-o entre os dedos. — Mais forte?

Zoe revirou os olhos, inclinando o quadril.

— Não quero... Só... A mão — gemeu.

Minha ereção estava explodindo. Puxei-a para cima, deixando visível para Zoe, e retornei a apertar seus seios.

Ela olhava para o meu corpo, desejando-me tanto que parecia que eu sempre fizera parte dos seus sonhos. Antes que eu previsse, agarrou meu pau, tocando-me com vigor.

— Oh, Zoe... — ofeguei. Ela sorriu safada, rebolando contra a minha mão, enquanto me masturbava.

Tentei aguentar, mas o tesão por possuir o seu corpo era tamanho, que larguei sua intimidade e segurei seu rosto pelo queixo.

— Você venceu — rosnei contra os seus lábios, beijando-a. Sua língua procurou a minha, nossas salivas se misturaram, seus lábios pressionaram os meus, e aprofundamos o beijo. Não tínhamos mais ar, contudo, não queríamos parar. Queria sua boca mais e mais, sem resistência, inteira para mim. Roci a glândula contra seus grandes lábios encharcados.

— A camisinha... — ronronou.

— Tem alguma por aqui? — afastei os lábios.

— Só no quarto — abriu os olhos ao responder. Ponderei.

Porra, queria demais aquilo. Ela estava tão molhada, tão inchada. Tão deliciosa.

— Você se cuida? — pedi, ciente que era arriscado. Muito arriscado. Mas estava enfeitado por aquela mulher, estava louco e de quatro, excitado ao

máximo.

— Você não me conhece direito, Ed... É melhor...

— Shhh — coloquei o dedo sobre os seus lábios. — *Me quer dentro de você? Agora, bem fundo? Eu me cuido, e se você...*

Ela pareceu querer negar. Parecia ter certeza que era errado, mas como se estivesse enfeitiçada também, apenas me beijou, deixando claro sua resposta.

Correspondi ao beijo, aguentando o tesão que deixava o meu pau duro o suficiente para saber que iria gozar em breve se continuasse a me torturar assim.

Sua língua puxou a minha para a sua boca, dando-se inteira para mim.

Empurrei o quadril no meio das suas pernas, penetrando-a com brutalidade. Zoe gemeu contra os meus lábios, e *porra*, seu corpo abraçou o meu pau de uma maneira única.

Deslizei para dentro, sentindo sua boceta apertada, molhando-me até as bolas. Enfiei até o talo, voei com a mão até a sua bunda e ergui o seu quadril do sofá, aprofundando a penetração. Ela revirou os olhos, sem conseguir mantê-los abertos, desfalecendo em prazer tão rápido que senti quando gozou.

E foi maravilhoso sentir. Pele com pele, seu orgasmo engolindo-me enquanto estocava com força, balançando-a no sofá. Sua boceta implorava pelo meu pau, apertando-me, escorrendo seu gozo entre nós. Zoe gemeu, gritou, enterrou as unhas nos meus braços, e não parei. Elevei o quadril, saindo parcialmente, e arremeti violento. Seus seios balançavam, seus cabelos se esparramaram e envolveu meu quadril com as pernas.

— Oh, Zoe... — gemi entredentes, querendo mais. Sentia sua boceta apertar o meu pau, fazendo o meu ventre queimar, meu coração acelerar, dificultando a respiração. Roci os dedos pelo seu monte púbis liso, pequeno e delicioso. Pausei. Respirei fundo, entorpecido de tesão. Meu pau pulsava dentro dela, tão apertada. Ela estava delirando deitada, os olhos anuviados, o rosto afundado em prazer. Pude ver o seu corpo arrepiado, tomado pelas minhas mãos, e acariciei cada parte dele. Apertei seus seios, toquei seu rosto... E segurei seu quadril, a mantendo colada em mim. Enterrei-me com violência outra vez, em um vaivém louco, contínuo e ofegante. O suor começou a escorrer pelos nossos corpos, ela sofreu os espasmos do gozo violento e senti perder o controle.

Estava quase e não conseguia parar. Sentir Zoe assim era enlouquecedor. Sua boceta apertada continuou com os impulsos, fazendo-me sentir cada movimento. Minhas bolas batiam na sua bunda, seu orgasmo estava escorrendo entre nós, e apertei seu pescoço com uma mão, sem exercer força.

— Zoe... — gemi. Não estava mais aguentando. — Vou gozar — rosnei,

travei, tão fundo e tão gostoso.

Gozei dentro de Zoe, estocando devagar, em um vaivém contínuo, com os olhos fixo em seu rosto anuviado de prazer. Eu estava pegando fogo, meu pau esporrou devagar, esquentando-a também. E eu a possuí por completo. Arremeti até aguentar, ofegante, e deslizei para fora, com o resquício do prazer banhando sua intimidade. Era *minha*, pensei no meio da loucura.

Zoe ficou imóvel, com os olhos fechados e deitei sobre ela, beijando sua bochecha.

— Você está aqui... — sussurrou como se fosse um sonho.

— Estou. Aqui com você — respondi.

— Confia tanto assim?

— Não sei. Não sei o que acontece, apenas... Quero ficar aqui com você, que se dane o tempo ou qualquer outra coisa — pausei, ainda ofegante. — Você também percebe isso, não percebe?

Ela abriu os olhos e sorriu, envolveu o meu ombro com o braço, e me deixou deitar em seus seios.

— Percebo.

Retribui a sua emoção e poucos minutos depois, desliguei a televisão. Zoe dormia relaxada, abraçada ao meu corpo, e a carreguei para o quarto. Não acordou quando deitamos, e nos cobri com seus lençóis, contudo, não adormeci.

No escuro do quarto pensei se estava, outra vez, me envolvendo com uma mulher impossível.



Capítulo quinze

Prometa-me que se eu ceder e chorar
E me deixar todo exposto
Que eu não estarei cometendo um erro.

Space Bound - Eminem.

Zoe Brooks

Quando acordei, na manhã seguinte, a cama ao meu lado estava vazia. Refleti se tudo não passou de um sonho tórrido, onde fantasiava com o homem por quem estava apaixonada.

Pensei que estava louca. Tudo era insano.

Até a porta do quarto abrir e Ed adentrar com um sorriso de arrancar o meu coração do peito. Em suas mãos estava uma bandeja com duas canecas, torradas e bacon.

— Estava com fome?

— Bom dia para você também! — ele sorriu, sentou ao meu lado e colocou a bandeja no meu colo. Observei a forma como preparou tudo.

— Não estou acostumada... — Olhei-o surpresa e Ed manteve o rosto animado.

— Comigo aqui?

— Não exatamente.

— Com essas regalias?

— É.

— Seu vizinho não fazia isso?

— Na verdade — ponderei. — Normalmente não conheço homens que passam a noite aqui e se apoderam da minha cozinha, além de me servir café-da-manhã na cama.

— Estou em vantagem.

Queria dizer que ele sempre esteve, mas enchi a boca com a torrada, calando-me na força.

Eduardo também comeu. O silêncio não foi confortável dessa vez, pois pensava em tudo o que significava acordar essa manhã. De noite, eu podia sonhar, me deixar levar.

De dia, eu tinha a realidade diante de mim.

— O que fará hoje? — pediu. Deixei que pegasse a bandeja e acomodasse sobre o criado-mudo.

— Tenho academia, preciso ir em algumas aulas que faço. — Isso era um resumo do treino pesado para estar em forma, das aulas de pole-dance, ballet, pilates, massagens, clínicas para cuidar da pele, salões para o cabelo... Era um luxo que muitas podiam desejar, e que me consumiam, pois eram as únicas coisas que eu tinha na vida.

Dinheiro não trazia felicidade... Descobri na vivência a sinceridade dessa frase.

— E o seu trabalho? — Ed tocou educado no assunto. Tomei o restante do café e também deposei sobre o criado-mudo.

— Sem perguntas, lembra?

— Não mereço nem ao menos uma resposta honesta?

Seus ombros estavam curvados, nu da cintura para cima, com o lençol escondendo a oitava maravilha do mundo.

— Ed. — Peguei sua mão. Entrelacei os nossos dedos, sua mão cobriu a minha, enorme, máscula e macia. Era perfeito. Um sonho ali, ao meu lado. — Não é assim que funciona comigo. Fui clara desde o início, não quero me envolver. Não quero responder às suas perguntas.

— Simples assim — murmurou.

— Você é rápido demais, se apegas tão...

— OK — resmungou, largou minha mão e a esfregou no rosto. — Já entendi.

— Não é que eu não goste de você...

— Apenas não pode, é isso? — Seus olhos me acusaram.

Estava sendo cruel com ele e comigo.

Era o homem que permaneceu no meu coração por meses, e agora tão perto, eu o afastava. Ele chegou tão rápido, me protegeu, ficou comigo, fez maravilhas e mostrou o quanto era carinhoso. Merecia mais, mais do que uma mulher como eu.

— É sobre o meu trabalho — expliquei. — Se eu pudesse... — hesitei. Faltou-me forças para completar as palavras, porque o meu coração pareceu choramingar nas batidas. — Se pudéssemos, com certeza eu iria aceitar viver todos os momentos com você.

— Não estou propondo um namoro — vi um lampejo de esperança no seu semblante. — Apenas vamos deixar levar...

— Esse *deixar levar* é traiçoeiro.

— Mas é bom também, não é?

Sorri. Uni minhas mãos no meu colo.

— Zoe, não feche os olhos para o que temos aqui, por favor. Você gostou, eu amei. Por que não podemos continuar? Sem compromisso, se isso é o problema para você.

— Isso significa que você pode ter outras também — expliquei. Como dizer que ele não seria o único homem comigo? Pandora era o meu mundo.

— Eu sei — murmurou.

— Se está de acordo com isso.

— Acha que encontrará um homem que transa melhor do que eu? — zombou. — Que a chupa...

— É de manhã, preciso organizar meu dia — o cortei, sorrindo, e escapei das suas provocações. Levantei, seguida por seu olhar. — Vou tomar um banho, se quiser...

— Não precisa pedir duas vezes, meu amor.

Meu amor. Queria pedir que era para parar. Não queria ouvir essas palavras saindo dos seus lábios, senão poderia me acostumar mais rápido do que deveria.

Liguei a ducha, acompanhada de Ed, que deixava o meu boxe minúsculo com o seu corpo. E diferente do que imaginei, ele não me deixou tomar um banho calmo. Beijou-me sob a água, lambeu meus seios e me fodeu gostoso contra a parede.

— O que fará agora? — perguntei. Prendi os cabelos no alto da cabeça, enquanto Eduardo se vestia também.

— Começar a resolver minha vida.

Arregalei os olhos e não contive o sorriso.

— Fará mesmo? — Olhei-o cética.

— Um tempo com você me fez querer voltar a ser um cara bom, Zoe.

Cobri suas mãos com as minhas, impedindo-o de terminar de fechar os

botões da camisa.

— Fiz um milagre?

— Veremos.

— Espero que dure. — Terminei de fechar sua camisa e ajeitei o seu colarinho. — E como colocará sua vida nos trilhos?

Parte de mim estava satisfeita. Eduardo enfim iria seguir adiante. Dar um jeito em seu péssimo amor não correspondido, se livraria de Mercedes... Voltaria a ser Eduardo Constanter.

Isso também me assustava, pois em seu auge, mais mulheres estariam ao seu redor. Poderia conseguir outras, se apaixonar.

— De noite conto para você — sussurrou, segurou o meu rosto pelo queixo e me deu um selinho.

— De noite... — repeti, e antes que compreendesse, ele deu as costas e saiu do quarto. — Eduardo? — Chamei-o.

— Deixei meu carro em frente ao prédio, vou ter que tirá-lo logo — gritou da sala. — Me espere para jantar, meu... — pausou. — Zoe!

Ouvi a porta da sala abrir e fechar.

Esperá-lo para jantar? Onde eu estava com a cabeça?

Sabia onde. Em um corpo espetacular, malhado, com gomos que desciam para um ventre trincado, e finalizava em um pau delicioso.

A minha insanidade estava naqueles lábios desenhados, naquela barba escura, o nariz fino e o maxilar marcado.

Esfreguei o rosto. Poderia ser divertido e uma aventura para ele, contudo, estava colocando em risco o meu sustento. Como poderia me entregar para Pandora, me apaixonando cada vez mais pelo homem que dormia na minha cama?

Não daria certo.

Não. Com certeza não daria, porque mesmo que eu abdicasse de Pandora, e escolhesse Eduardo, quando ele descobrisse que eu fui uma mulher-sexual, me veria com outros olhos.

Seria diferente. Agora eu era apenas Zoe para ele, e por isso estava encantado. Ray estava certo.

Ray. Precisava que dar parte. Tinha medo no que isso poderia significar, tanto para mim como para tudo o que me envolvia. Ray era um nome no mundo da moda, e moveria os céus contra mim.

Sentei na cama. Ed disse que poderia me ajudar, mas se começasse a colocá-lo mais na minha vida, acabaria me enforcando. Peguei o celular e

disquei para a única pessoa que eu tinha certeza que seria capaz de resolver qualquer problema.

Mesmo se isso significasse combater o diabo na Terra. Ela parecia ser capaz, e como minha chefe, precisava estar a par do que acontecia comigo.

Anya atendeu o telefone na primeira chamada, e do seu jeito autoritário, decidiu tudo o que eu teria que fazer. Não deu escapatória, e por um momento achei que ela iria matar Ray, tamanha a raiva que ficou.

Quando desligou, retomei à minha rotina. Além de encontrar com Anya para dar parte, precisava ir para os treinos. Deixei a lembrança de Ed em um canto da minha mente junto com os sonhos de menina, e voltei a ser a Zoe de Pandora.



Capítulo de sesses

Ele sabe que isso será muito difícil
Não interessa, ele é bom, ele sabe disso.

Lose Yourself - Eminem.

Eduardo Constanzer

— Passará mesmo por mim? — A voz familiar veio de um Audi estacionado em frente ao meu prédio. Travei. Avistei sobre o ombro o Audi branco e fechei os olhos. Ela desceu, a calça colada mostrava as curvas do seu corpo, e a blusa de seda, preta, era elegante.

— Cortou os cabelos — murmurei. Mercedes parou diante de mim, os lábios carnudos curvados em um sorriso.

— É isso que reparou mesmo, Eduardo?

Olhei para a entrada do prédio. Poucos passos de distância que me separavam de uma paz.

— O que quer? — pedi educado.

— É assim que acabará? — Arqueou as sobrancelhas. — Não sou um caso que acaba desse jeito, estamos há meses...

— Estamos há meses porque você não me larga. Pedi tantas vezes...

— E todas as vezes, termina voltando, rastejando para os meus pés.

Encarei-a com raiva. Era linda, fodidamente gostosa e linda. O rosto quadrangular, os lábios grandes, assim como os olhos. Agora de cabelo curto e escuro, chamava mais atenção.

Contudo, o que ela era destruía sua beleza.

— Não quero mais, Mercedes.

— Então precisamos conversar.

— Não, você não entendeu. — Recuei. — Não quero nem conversar.

— Tem medo de ceder, Ed? — Sorriu.

Fechei os olhos e engoli em seco.

— Que outra mulher conseguiria dominar você? É o melhor que encontrei...

— Estou cansado.

— Sabe sempre damos um jeito.

— Minha vida desmoronou e você assistiu. Não se importa comigo realmente, só com o que fazemos, com a quantidade de dinheiro que gastamos e com diversão.

— É para isso que serve beleza e dinheiro. Pura diversão.

— Não para mim — fitei-a ao dizer. — Temos valores diferentes.

— Não é o que aparentou até agora, Eduardo.

Fiquei em silêncio. Seu olhar era traiçoeiro. Uma dominadora tão boa que me dobrava, e tão cruel que não me respeitava. Não era certo, não mais.

Zoe... Sussurrei para mim mesmo. Eu havia dito que me colocaria nos trilhos. Faria dar certo.

— Podemos ao menos conversar? — insistiu.

— E o que precisa falar?

— Não aqui, no meio da calçada. Por favor — sussurrou. — Vamos para outro lugar.

— Para onde?

— Para o meu apartamento? — sugeriu.

— Não.

Não voltaria lá. Mercedes me dobrava como um completo idiota naquele lugar.

— Para onde? — ela pediu irritada.

— Tem uma cafeteria aqui perto...

— Por favor, Eduardo, não somos um casal que senta em uma cafeteria.

— Essa é a questão, Mercedes. Não somos um casal. Sou um completo submisso seu, que não aguenta mais. Se fosse apenas no sexo, tudo bem... Mas não é. Você extrapola todos os limites, me deixa no chão psicologicamente, utiliza as minhas fraquezas contra mim. Você gosta desse poder que tem, e usa até me cansar.

— Nos vemos na cafeteria — ela me cortou, passou e entrou no carro. Deu partida, chiando os pneus, e fez o mesmo, seguindo-a no meu carro.

Estacionei diante do lugar, pequeno e luxuoso, numa esquina tranquila. Entrei antes dela, e pedi uma mesa mais ao fundo, reservada. Assim que Mercedes chegou, recusei o cardápio, e ela pediu um café.

— O que precisa falar? — fui direto ao ponto. Ela suspirou.

— Você quer acabar, é isso?

— Nunca fui tão claro quanto agora.

— Por causa do seu irmão?

— Sim. Também — expliquei educado. — Não amo você, Mercedes. Deixei que me afundasse, que me usasse.

— Eu não...

— Usou. Usou para se satisfazer. Me exibiu ao seu lado, deixou que suas amigas fodessem comigo, gastou meus cartões, viveu no meu apartamento.

— Não preciso do seu dinheiro.

— Eu sei que não, mas me usou mesmo assim. É o seu jeito, e sei que não sou o primeiro. É oportunista, de certa forma.

— O que quer dizer afinal, Eduardo? Que está cansado de se sentir usado e que começará uma vida nova?

— Exatamente isso. — Apoiei as mãos na mesa e me curvei para frente. Mercedes riu. Seu sorriso vermelho se alargou até uma gargalhada baixa.

— Por Deus, Eduardo. Conte-me outra piada.

— Não estou brincando.

— Armando encheu a sua cabeça.

— Não, Armando só falou o que todos falam.

— Você diz — semicerrou os olhos ao dizer, e inclinou-se contra a mesa. — Que eu fiz isso, que fiz aquilo. Que te usei... Como se fosse um incapaz. Você é um homem com suas funções perfeitas, poderia ter negado, mas gostava. Gostou de tudo o que fizemos.

— Eu tinha desistido de mim mesmo.

— Então no mínimo tem cinquenta por cento dessa culpa que joga em mim. Eu apenas usei o que estava sendo oferecido.

— Agora eu não quero mais. Não quero manter o que temos.

— E acha que é fácil assim me dispensar?

— Se humilhará, Mercedes? Forçará algo que eu não quero? — indaguei com deboche. — Chegará nesse ponto?

Ela me analisou. Pareceu refletir sobre algo.

— O que mais fez você querer se erguer?

— Não está feliz que eu quero estar bem?

— Feliz por que estou sendo dispensada? — Pausou. A garçonete serviu o café, e esperamos que se fosse. — Não, não estou. Estaria feliz se parasse com essa conversa idiota e fosse comigo para o meu apartamento. Reservei duas passagens para Bali, acreditei que fosse comigo. Os Mayans...

— Cancele. Ou vá sozinha. Não irei com você. Nunca mais viajaremos juntos.

— Ficaré sozinho? — sorriu com prazer.

— Melhor do que nessa situação, em que me sinto sempre inferior... Onde quando tento me reerguer, você me derruba apenas para ter domínio.

— Então esqueceu Alice? — Ali estava, sua forma traiçoeira.

Alice invadiu os meus pensamentos, e eu poderia fraquejar, no entanto, sorri ao vislumbrar o rosto de Zoe nos meus pensamentos.

— Você joga baixo.

— Conheço você, meu querido.

— Mas não será assim. Alice é meu ponto fraco? Ainda é. Ainda, Mercedes. Quero pensar que ela está feliz, que talvez não pudéssemos viver dessa forma juntos. Que eu também preciso achar alguém que retribua o meu amor.

— Eu sou esse alguém, Eduardo — falou ríspida e franzi o cenho.

— Como...

— Amo você — Mercedes declarou em um sussurro, sem sorriso. Parecia que estava contando uma tragédia.

— Você me ama? — pedi irônico. — Você não ama ninguém.

— Por que acha que estou insistindo nisso? Poderia estar me divertindo em Ibiza, ou desfrutando de alguém em Amsterdã, mas estou aqui, em um café, pedindo que fique comigo.

— Teve tantos meses... — Coloquei as mãos na cabeça.

— Porque achei que não me deixaria.

— Sabia que eu não ia aguentar.

— Amo a forma como somos, Eduardo. E se faz mal, podemos mudar algumas coisas.

Fitei a mesa de madeira e engoli em seco. Não queria ser cruel, contudo, mesmo se ela me amasse de verdade, e estivesse disposta a mudar, eu não correspondia a esse sentimento.

— Não amo você, desculpe-me — falei sincero, olhos nos olhos. Ela os

arregalou, engolindo uma risada debochada.

— Está louco?

— Não, Mercedes. Queria retribuir sua fala, mas não consigo. Não amo você, sinto tesão. É muito diferente.

— E achará outra?

— Não estou em busca de outra — e deixei escapar: — E posso já ter achado.

— Quem?

— Não interessa mais para você. Aqui é o nosso ponto final. No início foi maravilhoso, me perdi, esqueci da vida, dos problemas. Depois se transformou em uma bola de neve e você não se preocupou com o meu emocional. Deixei ruir tudo. Fechei os olhos para as coisas importantes, para a minha vida, sobrevivendo apenas na fossa e na dor. Era como se eu não quisesse mais viver... — Respirei fundo. — Agora quero me reerguer. Não quero mais essa vida, preciso melhorar. Preciso...

— Você precisa da realidade, Eduardo. Ainda está sonhando.

— Não. Meu pensamento nunca esteve tão claro quanto agora. Não quero você, não quero continuar. O que mais desejo é voltar a sentir orgulho de mim mesmo.

Ela nem sequer chegou a tomar o café. Levantou-se, com os olhos cravados em mim.

— Você voltará atrás. Estará nos meus pés, implorando para que eu faça você esquecer da vida outra vez... E estarei esperando por você — sussurrou como uma ameaça e puxou a pequena bolsa. Procurou os óculos escuros e escondeu o rosto com eles. — Você paga.

Deu as costas e foi embora.

Não fiz o mesmo. Tomei o café dela e observei o movimento da manhã. Parecia um começo. Do outro lado da rua uma mulher chamou a minha atenção. Com roupas de ginástica, Zoe estava correndo, de fones de ouvido, sem notar a minha presença dentro daquele lugar. Admirei-a de longe, desejando poder abraçá-la e me sentir em casa.

Ela desapareceu poucos segundos depois, e disquei para um número que várias vezes eu recusara.

— Precisa de algo? — Armando pediu irritado do outro lado do celular.

— Preciso.

— Não sei se poderei ajudar.

Suspirei.

— Acho que pode sim.

— O que quer, Eduardo?

— Um voto de confiança.

— Já dei vários — resmungou.

— Acabei com Mercedes.

— Você sempre acaba e volta.

— Não... Dessa vez — pausei, fitei a madeira da mesa e sorri. — É pra valer. Quero recomeçar, deixar Alice no passado. Deixar o velho Eduardo também.

— Fico feliz em ouvir isso. Que milagre aconteceu?

— Um milagre chamado Zoe.

— Zoe...? Outra mulher?

— Não é isso. Não estou trocando de mulheres. Essa me fez querer merecer sua companhia, entende? Fez-me ver que eu preciso melhorar.

— Estou... — Armando ficou emocionado. — Feliz por isso. Posso passar mais tarde para conversamos.

— Estarei esperando por você.

Desliguei, com um sorriso idiota no rosto. Estava me sentindo um pouco melhor, mesmo ciente que talvez Mercedes não desistisse tão rápido.



Capítulo de sessete

Eu vou te amar até o fim dos tempos
Eu esperaria um milhão de anos
Prometa que você se lembrará de que você é meu.

Blue Jeans - Lana Del Rey.

Zoe Brooks

Não deveria estar agitada desse jeito, muito menos emotiva. Contudo, era assim que me encontrava na cozinha: uma mulher que olhava o tempo todo para a porta do apartamento, se perguntando se o homem da sua vida tocaria a campainha, ou se tudo não passou de ilusão.

Perguntas bobas começaram a surgir, e minha mente voltou a questionar até quando eu levaria aquilo. Até quando suportaria levar ambas as vidas.

Senti cheiro do frango no forno e sorri. Era péssima na cozinha, e desde que Eduardo se convidara para jantar, eu não parei de pensar nisso. Queria cozinhar, estar ali inteira.

Mesmo que no fundo fosse uma mentira.

Pois era impossível estar inteira, se parte de mim era Pandora.

Apoiei as mãos na bancada da cozinha, fitando o esmalte preto das minhas unhas. Anya se encontrou comigo durante a tarde, me acompanhou na denúncia.

Depois, troquei a fechadura do apartamento, para não correr riscos. Ray estava fora da minha vida, doía lembrar de tudo o que acontecera, a maneira como ele se revelou outro. Entretanto, confiei demais nele. Não percebi suas falhas.

A campainha tocou e meu coração acelerou. O suor surgiu nas minhas mãos, minha pele se arrepiou e a vertigem percorreu todo o meu coração.

Borboletas se criaram pelo meu estômago e puxei o ar diante da porta.

Abri, deparando-me com um buquê de rosas e Ed parado atrás, segurando-o.

— Veio mesmo — murmurei, sem esconder o sorriso.

— Achou que eu estava enganando você? — Abaixou o buquê e ergueu a outra mão, oferecendo uma garrafa de vinho. — Jamais faria isso.

— Estou fazendo o jantar, pode entrar. — Dei passagem e Ed sorriu.

— Cozinhando? E cozinha bem?

— Bem não sei, mas estou tentando.

— O cheiro é bom — comentou, parado no meio da minha sala. Tranquei a porta e aceitei o seu buquê, admirei as rosas e Ed depositou o vinho sobre a bancada.

— Obrigada pelas rosas.

— Achou que viria de mãos vazias? — pediu, aproximou-se por trás e envolveu o meu quadril com as mãos.

— Na verdade, sim. — Rodopiei contra o seu corpo e envolvi o seu pescoço com os braços. Ele tinha um perfume tão bom. Acaricieei a sua barba, hipnotizada com a sua beleza.

— Não sou desse tipo.

— E de que tipo você é? — sussurrei contra os seus lábios. Ed sorriu de canto.

— Passei o dia pensando em você.

— Não diga uma coisa dessas. — Recuei. Também queria dizer que passei o dia pensando nele.

— Por quê?

— Porque é romântico demais — expliquei. Escolhi um vaso e o enchi de água, colocando as rosas dentro. Deixei-o em um canto e me perguntei até quando duraria.

Não era sobre as rosas. Era sobre nós.

— Gosto de ser romântico.

— É uma cilada — ri. — Muito romantismo me faz sonhar e gosto de ter os pés no chão.

— Não hoje.

Não respondi. Volvi a atenção para o forno, enquanto Eduardo abria o vinho.

— As taças estão guardadas em que lugar?

— Aqui — respondi, agachei-me e abri as portas de um armário. Puxei duas taças e as entreguei para Ed, que serviu o vinho tinto.

— E como foi o seu dia? — perguntou com um sorriso tão grande que não podia ser enganação. *Ele queria saber.*

— Cansativo.

— Cumpriu com o que me falou?

Aceitei a taça e bebi um longo gole. Como era bom ter álcool nas veias. Dava mais coragem.

— Cumpri, dei parte contra Ray — só não mencionei que Anya me acompanhou. Como iria explicar meu contato com ela sem citar Pandora?

— Ele não apareceu mais?

— Troquei as fechaduras.

— Se ele aparecer, me ligue, está bem?

— Pode deixar, senhor Superman.

— Estou ao seu dispor, minha Lois Lane.

— Terá que me salvar diversas vezes — zombei e me apoiei sobre o balcão, frente a frente com ele. — E você, fez o que disse?

— Acabou — suspirou. — Acabei de vez com Mercedes.

Estava feliz por ele. Contento por ter se livrado daquela mulher.

— Ela não parece ser fácil...

— E não é — me interrompeu. — Me ameaçou, falou algumas coisas que não são boas de ouvir e no final se declarou.

— Se declarou? — Arqueei as sobrancelhas. Meu coração falhou uma batida.

— Sim, disse que me amava.

— Mercedes?

— Sim. É irônico, não é?

— É — murmurei. Uma mulher apaixonada era mais perigosa. Se ela gostava de Ed, não deixaria escapar tão rápido.

— Conversei com o meu irmão também.

— Armando? — escapou antes que me controlasse.

— Sabe o nome dele então.

— Sabe que conheço você — expliquei. Não podia deixar escapar muito, Ed poderia ligar todos os pontos.

— Sei. Ainda não descobri de onde... Mas irei — piscou um olho ao dizer.

— E o que conversaram? — contornei.

— contei tudo. contei sobre o final com Mercedes, e em como estava na hora — diminuí o tom de voz. — De voltar a viver de verdade.

— Isso é bom.

— contei sobre você.

— Sobre mim?

— Sim. Disse que um milagre apareceu na minha vida.

— Não sou um milagre, Ed. Sou apenas uma mulher...

— Muito misteriosa — emendou. Virou a taça e a deixou sobre o balcão, cobrindo a minha mão espalmada.

— Que graça teria a vida se não houvesse segredos?

— Queria poder saber tudo.

— Às vezes é melhor ficar no escuro.

— Vou poder saber algum dia? — Apertou minha mão. Sofri. Queria chorar, entrar no seu abraço e dizer que o maior segredo de todos era que eu estava caindo mais e mais, em um buraco tão profundo chamado paixão. Não sabia quando o fundo chegaria, e se nele existia o amor.

— Talvez.

Puxei minha mão e me virei para o forno.

— Vou poder passar a noite aqui outra vez?

— Trouxe seu pijama? — brinquei.

— Preciso de roupas aqui? Pensei em poupar o trabalho.

— E você viria se não fosse para passar a noite? — Puxei dois pratos do armário, colocando-os sobre o balcão.

— Claro que viria. Quero vê-la pegar no sono outra vez no meu colo — disse tão sincero que travei por um momento, encarando-o como se ele fosse um sonho.

— Não veio pelo sexo?

— Também. Mas você é bem mais interessante do que apenas uma boa transa.

— Que elogio! — sorri, com o coração perfurado por todas as palavras. A cada minuto se tornava mais difícil, mais complicado dizer a mim mesma que isso teria um fim. — E está superando bem? — Tentei não citar o nome da Alice.

— Estou. Até mais rápido do que imaginei — pausou. — Obrigado, Zoe.

— Não fiz nada.

— Entrou na minha vida.

— Não deposite suas esperanças em mim, Ed. Não crie expectativas. É melhor não esperar pelo que vem — disse educada. Coloquei os talheres ao lado dos pratos enquanto ele nos servia mais vinho.

— Eu sei. Não estou esperando.

Estava na cara que era mentira. O forno apitou, e retirei o frango. Ed me ajudou com as outras travessas, e jantamos conversando sobre o nosso dia. Contei sobre minhas aulas, cortando todas as partes que poderiam criar dúvidas. Ele tomou ciência do quanto eu trabalhava em meu físico. Isso devia deixar algumas coisas claras.

Ou ele fechou os olhos, e estava encantado demais para perceber.

Ajudou-me a colocar a louça na pia e sentou no sofá. Estendeu a mão na minha direção, querendo que eu fosse com ele. Peguei a garrafa, com as taças, e me acomodei ao seu lado.

— O que pretende fazer no sábado? — pediu. Bebi mais um longo gole. Ele já estava fazendo planos.

— Neste sábado acho que ficarei em casa.

No próximo também. E no outro, nos encontraríamos em Pandora.

— O inverno está para chegar, pensei em uma lareira, uma cabana apenas para nós dois... Afastada o suficiente para te fazer gritar muito — sussurrou no meu ouvido, envolvendo-me por trás. — O que acha, meu amor?

— Já pedi para não me chamar assim — suspirei e fechei os olhos.

— Zoe... — meu nome se tornou erótico.

— Acho que está se precipitando, Ed. Uma cabana assim...

— Viajar é se precipitar?

— É, é sim.

— O convite continua em pé.

— Terei que recusar — murmurei. Comecei a me embriagar com o vinho.

— Até sábado consigo convencer você.

— Não consegue não.

— Duvida? — ele riu e o fitei de canto.

— Ed...

— Vai ser legal.

— Vai ser romântico.

— Também.

— Guarde isso para alguém que seja fixo...

— Quero com você. — Acariciou o meu rosto. — Pelo menos uma vez. Já reservei com o meu irmão.

— A cabana é de vocês?

— Sim. É da família.

— Pior ainda, Ed. Me levará para algo de família.

— Só será nós dois — explicou.

— Mesmo assim.

Desviei o olhar para a televisão. Ed era teimoso demais.

— Minha estranha misteriosa — sussurrou contra os meus cabelos, afastando-os. Beijou a volta do meu pescoço exposto pela blusa aberta. — Sabe que quando mais tenta escapar, mais se torna tentadora? — Lambeu minha pele, subiu pela lateral do pescoço, arrancou-me suspiros e não consegui prestar atenção no programa.

— Ed...

— Pense em um fim de semana comigo — continuou em um murmúrio. Suas mãos avançaram pela minha cintura e subiram até os seios. Acariciou-os sobre a blusa, encontrou os mamilos rijos e os tocou. — Inteiro *seu*, Zoe. Inteiro para devorar você.

— Não será meu... — confessei.

— Serei — insistiu. — Vá comigo.

— Mas...

— Não há nada que a impeça de ir — ronronou. Beijou minha bochecha, e segurou o meu rosto. Virou-o de lado, encarando-me. — Sem compromissos... Combinamos assim, eu sei. Não estou pedindo isso. Estou pedindo atenção, muita atenção.

— Oh... Ed... — suspirei. Meus seios latejavam dos seus apertos e levantei, escapando das provocações. Ele me fitou descontente. Virei a taça, e no auge do calor que ele deixou meu corpo, fui para a varanda. Precisava de vento e ar puro.

Fitei as luzes ao redor. Os prédios eram luxuosos, uma vida que conquistei a poucos meses, muito diferente do que eu era antes.

— Zoe — resmungou, me seguindo. — Não fuja assim. — Colocou-se ao meu lado, envolveu minha cintura com o braço, colando nossos corpos. Apertei o parapeito contra o meu corpo.

— Não estou fugindo.

— Não? — indagou contra os meus cabelos e roçou a ereção na minha bunda. Arfei. Como ele conseguia me deixar queimando desse jeito?

Fechei os olhos.

— Sente como me deixa louco?

— Sim...

— Sabe do que eu preciso agora?

— Não.

— De você.

Sorri. Esfreguei a bunda no seu volume. O jeans raspou na minha calça, e ele me apertou contra o seu corpo, prensando-me no parapeito da sacada.

— Estamos no último andar — sugeriu.

— Estamos...

— Gosta de emoção, meu amor?

Oh, não, *meu amor* não. Assim era tão fácil ter o meu coração.

— Com você, sim.

— Eu amo uma emoção.

— O que... — Antes que eu finalizasse, puxou meus cabelos para o lado, abaixou a lateral da minha blusa e mordeu com força o meu ombro. Soltei um gemido alto, entregue nos seus braços.

O tapa contra a minha bunda fez barulho e dei um pulo. A risada escapou dos meus lábios.

— Safada — ele gostou de saber que me agradava. — Queria te deixar pelada aqui, mas se tiver algum olhar curioso...

— É...

Eu ficaria pelada fácil. Não me importava com olhares curiosos, mas Ed não precisava saber o quão devassa eu era.

Ouvi o barulho da sua calça jeans. O estalo dos botões abrindo.

— Posso pegar na sua bunda? — ronronou. Empinei-a. Suas mãos a massagearam sobre a calça, deslizaram para frente e a abriu. Mordi o lábio inferior, ansiosa. Meu sangue fervia, minha respiração estava entrecortada e a vertigem era enlouquecedora.

Queria ser tomada ali. Queria foder com o meu corpo, com o meu coração e com a minha mente.

Ed puxou minha calça para baixo, deixando-me apenas de calcinha e com a blusa.

— Hoje eu mereço, Zoe? — apertou minha bunda com força.

— Merece o quê?

— Mais de você.

— E já não tem o suficiente?

— Nunca — rosnou no meu ouvido.

Ele me tinha inteira.

Pingando de vontade.

Tocou no tecido que estava no meio das minhas pernas.

— Sempre molhada assim.

— Nosso sexo é insano — confessei.

— Eu sei. Estou tão duro que não vou aguentar muito.

— Está duro? — provoqueei. Esfreguei minha bunda na sua virilha. Ed segurou-me com força, mantendo-me imóvel.

— Essa calcinha está atrapalhando...

Empinei-me.

— Então tire.

Se afastou. Suas mãos seguraram a lateral do tecido e o deslizou pelas minhas pernas. O vento roçou nos meus grandes lábios extremamente molhados.

Elevei as pernas, deixando-o tirar a minha calça e calcinha.

— Gostosa. — Vi pelo canto do olho ele cheirar o pedaço de pano, e aquilo foi excitante. Atritei minhas coxas, sem me aguentar.

— Está tão excitada assim? — provocou. Agachou-se e mordeu com vontade a minha bunda. Dei um grito. A dor perpassou o meu corpo, se transformou em prazer e lambuzou minha boceta. Deu mais um tapa e enfiou a mão no meio das minhas pernas. Abriu meus grandes lábios e segurou meu clitóris.

— Ed... — gemi.

— Bem melada. — Lambeu meu pescoço outra vez. Sua língua molhada deslizou pela minha nuca, pulou a minha blusa e se agachou atrás de mim.

Outra vez seus dentes raspavam na minha bunda, e por trás, lambeu minha boceta. Vi estrelas com os olhos fechados. Seu nome escapou com tanto desejo que parecia um suplício.

Suas mãos seguravam minhas coxas, sua língua explorava o meio das minhas pernas, e ao se levantar, senti sua ereção livre. Ele tinha abaixado a calça. Esfregou o membro contra a minha bunda.

— Quer me ter aqui?

— Quero.

— Bem gostoso?

— O quanto você conseguir — sorri.

Ed se afastou por um instante. Ouvi o barulho do preservativo e tentei aguentar. Seu dedo foi de encontro para o meu ponto sensível de novo. Ele masturbou-me, tocou em círculos, sentiu o quanto estava com tesão. Meu clitóris inchou, parecia que iria explodir junto com o meu coração. Lambuzei mais sua mão. Rebolei contra ela, que grande, envolvia toda a minha boceta. Ele tinha o meu prazer na mão.

— Isso, esfrega bem gostoso, Zoe — ele gemeu. A glande do seu pau roçou na minha bunda.

Normalmente eu fazia com algum lubrificante, mas estava tão excitada que não precisava.

O tesão era o bastante para querer sentir Ed inteiro atrás. Duro, potente e com força.

— Estou louco por você. — Mordeu meu maxilar, puxando o meu gozo da boceta até a bunda, abrindo-a. — Quero você bem aberta aqui. — Tocou-me na outra entrada e penetrou o dedo. — Para mim, meu amor.

— Sim... — Revirei os olhos. Ed se agachou, mordeu minha carne, lambeu, voltou a me morder repetidas vezes e babou na minha bunda, deixando-me encharcada com a sua saliva. Voltou a colar minhas costas no seu peito. Mesmo com a camisa e a blusa entre nós, sentia o seu peitoral musculoso. Seus braços me envolveram, sua mão pousou na minha vagina outra vez, e a cabeça do seu pau se enfiou no meio da minha bunda. Grosso, potente e muito duro.

— Gosta de anal, Zoe?

— Você não imagina como.

— Então gozará comigo?

— Oh... Meu Deus — gemi. Seu polegar se esfregava no meu clitóris. Atritava deliciosamente, sua mão apertou meus grandes lábios, se encaixando perfeitamente. Rebolei. Minha boceta pingava na sua palma e ele forçou o quadril. Abriu minha bunda mais, senti sua glande me invadir, grande e deliciosa.

A dor de ser tomada por trás começou, mas Ed não se enfiou inteiro.

Parou no início, ronronou ao sentir o quanto eu estava apertada e saiu parcialmente. Voltou a me penetrar. Minha bunda abraçou seu pau mais, gulosa, querendo ser fodida com força.

Relaxe contra o seu corpo. Joguei a cabeça para trás. Ele trabalhava tão bem com a mão que fazia o meu corpo se contorcer. O arrepio era enlouquecedor. Assim era fácil relaxar, se deixar levar.

— Tão apertada — gemeu, estocando mais profundo. Em um vaivém,

abrindo espaço, tomando-me por completo.

E se enterrou até o talo.

Gemi. Ele era enorme enterrado na minha bunda, com o ventre colado em mim, mantendo-me dentro dos seus braços. O ar fugiu, tentei respirar, me acostumando com a sua presença. A ardência era uma mistura deliciosa. Ed gemia, devastado de tesão. Olhei-o sobre o ombro, seu rosto banhado na luxúria, seus lábios entreabertos, afundado no prazer que eu dava.

— Posso, Zoe... — tentou perguntar e rebolei, entregando-me. Engoli a dor, deixei-a se transformar aos poucos, até não existir mais. Só o pau de Ed latejando dentro de mim, enorme e enlouquecido, buscando espaço. Ed segurou o meu quadril com força, puxando minha bunda. Empinei-me contra seu pau, apoiando os braços no parapeito, e ali, na sacada, fui fodida.

Arremeteu violento, batendo seu ventre com força contra a minha bunda, rasgando-me, possuindo-me, implorando que meu corpo o devorasse como ele me devorava. Nossas respirações se tornaram ofegantes. Sentia seu membro latejando dentro de mim, ocupando todo o espaço, resvalar para fora, tocar a glândula na entrada, e se enterrar até as bolas.

— Oh... Ed... — comecei a gemer seu nome sem parar. Meus peitos balançavam contra a blusa, sua mão apertava meu quadril, e a outra voou. Estalou contra a pele da minha bunda.

— Posso te deixar vermelha, bem deliciosa... Para mim? — Ele estava ofegante.

Rebolava junto com suas estocadas, deixando seu pau me explorar, tocar-me em todos os cantos. Uma das minhas mãos estava no meio das minhas pernas e logo a de Ed a substituiu. Apertou meus grandes lábios e penetrou-me com o indicador.

Eram tapas, mãos, apertos, o suor deslizando entre os nossos corpos, os gemidos preenchendo o silêncio da noite.

Transávamos como loucos, lambuzava sua mão, que em um instante se esfregava, no outro avançava até o meu ponto e por fim me comia desse jeito.

Estava doida de prazer.

Senti meu ventre queimar. Minha bunda latejava. Minha boceta estava ardendo.

Meu coração pareceu parar. O ar faltou e perdi a noção, a completa lucidez. Gozei, esfregando-me em Ed, besuntando sua mão com a minha goza. Seu pau me devorou, forte, violento. Bruto. Com tanta urgência como se fôssemos morrer. Apertava-o por trás.

O vento sobre nós soprou, e a sensação de foder ali era maravilhosa.

E eu estava longe, em um mundo de sensações. Ondas inebriantes me devastavam, me levavam para um paraíso de prazer. Gemia palavras desconexas, sentia o arrepio arrebatador. O suor deslizava pelo corpo, sentia-o afundado em mim. Sentia suas carícias, o fogo se alastrando por toda a pele, incendiando-me de dentro para fora, queimando cada terminação nervosa. Eu estava vivendo o prazer.

Um orgasmo insano e sublime, que aniquilava minha razão. Não conseguia pensar, só sentir. E sentia muito.

Era delicioso. Gostoso e estonteante. Eu era de Eduardo, completa e para sempre.

Espasmos percorreram o meu corpo.

Fechei os olhos, marejados de lágrimas. Tentei puxar o ar, sendo devorada. Ed continuava a estocar e então estremeceu atrás de mim. Envolveu os meus cabelos com a mão e puxou minha cabeça com força, gozando comigo.

Suas investidas diminuíram o ritmo, profundas e intensas. Nossas respirações eram harmoniosas.

Engoli em seco, transtornada pelo êxtase que passou por mim. Estava exausta, e Ed saiu de mim.

Abraçou-me, coberto de suor.

— A melhor foda...

— De todas — complementei, boba de paixão.

Virei-me, observei Ed tirar a camisinha, e me agachei, pegando as minhas roupas. Contudo, ele não me deixou continuar, puxou-me e jogou-me no seu colo, carregando-me para dentro.

— Esse é apenas o começo da nossa noite — sussurrou contra os meus lábios. Envolvei o seu quadril com as pernas e seguimos para o meu quarto.

Ele não mentiu. Depois de algum tempo, nos afundamos um no outro novamente. Era tanto desejo que não aguentávamos.

Adormeci com Ed envolvendo o meu corpo por trás, protegendo-me de um mundo que faria de tudo para não me deixar sonhar.



Capítulo dezoito

Eu vou te falar e deixar isso bem claro
Tentar continuar com isso não parece tão simples.

The Hill - The Weeknd.

Eduardo Constanzer

Não sabia o momento certo em que deixei de amar Alice. Mas sabia que isso aconteceu. Quando vi a foto da revista revelando que ela estava próximo a dar à luz, diferente das outras vezes, não me atingiu.

Sorri, queria saber se estava feliz com toda a nova vida.

E foi isso.

Simples e sincero. Não queria mais ela. Não. Outra mulher estava tomando posse do meu coração, devagar, sem pretensão.

E talvez sem querer. Sem ter certeza se ficaria ou se corresponderia ao sentimento.

Era recíproco? Tinha medo. Muito medo de quebrar a cara outra vez, contudo, Zoe invadira minha vida, meus sonhos, se tornara parte do homem que eu queria ser.

Temia confessar. Sabia que poderia me dar mal. Se Zoe não retribuísse, faria como fez com aquele otário: iria beber em uma boate e transaria com outro.

Não podia cobrar isso também. Ainda estávamos com a ideia de ficar sem compromisso. Ela não respondia às minhas perguntas, e ao menor sinal de um envolvimento mais profundo, fugia.

Se transava com outros caras eu já não sabia. Nunca deixou resquícios no apartamento, e a maioria das noites eram minhas.

No entanto, eu não transara com outra. Desde o término com Mercedes,

Zoe tomou tudo de mim. Todos os meus pensamentos e prazeres. Sabia que se contasse isso para ela, tornaria a situação complicada, então preferi mentir que estava me envolvendo com outras.

Não havia outras. Nunca houve.

E pensar em Mercedes me assustava, porque ela estava quieta demais. Para uma mulher que não media esforços, dizer que me amava, e ceder... Era estranho.

As semanas se passaram. E em quase todos os dias, eu terminava a noite no apartamento de Zoe. Em outras, eu a levava para o meu, e a viagem para a cabana havia sido maravilhosa. No final eu a convencera, e vê-la se deixar levar, embriagada e correspondendo aos meus carinhos, me fez cair de quatro por aquela mulher.

Já estávamos nessa loucura há quase dois meses. Zoe, às vezes, dizia que se sentia vigiada, e temia que fosse Ray. O processo estava em andamento, sem vazsar para a mídia, e queria que continuasse assim. Não sabia como Zoe conseguira, mas estava dando certo.

Em silêncio eu temia que fosse Mercedes.

Voltara a trabalhar com Armando, assumindo menos responsabilidades, e conseguia vislumbrar a sua confiança em mim voltar aos poucos.

Estava voltando aos trilhos, e para a minha vida ficar perfeita, eu precisava apenas de um *sim* da mulher que me deixava acordado a noite inteira. Era ilusão, sabia. Zoe não parecia querer um relacionamento.

— Estará no apartamento hoje à noite? — Armando me acordou do devaneio e levantei o olhar. Estava sentado diante da minha mesa.

— Vou estar na Zoe.

— Quando irá apresentá-la para nós?

— Ainda não sei — sorri. Era o que eu mais queria. — Não sei se ela estaria de acordo.

— Não estão namorando ainda?

— Não sei se ela quer.

Armando suspirou e se levantou.

— Não deixe se arrastar muito, Ed. Poderá quebrar a cara depois.

— Mais do que eu já quebrei? — ri da própria desgraça.

— Tomara que não — disse, piscando um olho e saiu da minha sala.

Armando tinha razão. Precisava mudar a situação. Abri a gaveta e fitei a pequena caixa aveludada. Comprara dias antes. Queria chamá-la de meu amor. *Minha*.

Até o momento Zoe não permitia. Corrigia-me todas as vezes que deixava escapar a palavra amor.

E também não descobri de que lugar ela me conhecia.

— Depois de amanhã — murmurei para a caixa, eufórico. — Depois de amanhã... — Ergui o olhar. — Vou pedir que seja só minha.

Precisava ser depois, pois amanhã haveria Pandora. Era o único lugar que continuava a frequentar para espiares. Me tornara um Voyeur.

Não transava com as mulheres, apenas observava. Já não queria outro corpo, e só ia porque havia alguns sábados, assim como outros dias, que Zoe simplesmente me mandava embora, e se eu ficasse em casa, pensando no que estava fazendo. Ou com quem. Eu morreria. Surtaria em ciúme.

Então Pandora se tornou um escape outra vez.

Sem sexo. Apenas para olhar.

Amanhã era um desses dias. Zoe disse que tinha um compromisso o dia todo, e só nos veríamos no domingo. Já tinha confirmado a minha presença no evento.

Fechei a gaveta e segurei o celular. Digitei o número dela e a mensagem.

Eu: Já está no apartamento?

Amor: Estou no ballet. Saio depois das seis.

Eu: Chegarei às sete.

Amor: Prefere comida japonesa ou italiana?

Eu: Prefiro você. Pode ser na bancada da cozinha mesmo.

Amor: Estou com fome já! Ando comendo demais!

Sorri.

Eu: Podemos engordar juntos.

Amor: Não. Eu não posso engordar.

Eu: Continuaria linda. Teria mais lugares para eu morder.

Amor: Preciso voltar para a aula.

Amor: Beijos.

Segundos se passaram. Comecei a digitar.

Amor: Adoro você!

Eu: Beijos. O que sinto é bem mais do que adorar!

Zoe não respondeu. Entretanto, sabia que ela não era totalmente fria comigo.

Desde que comecei a ficar mais tempo com ela, certas atitudes mudaram. Várias vezes, durante a noite, sentia seus lábios em mim. Beijava-me enquanto eu dormia... E quando eu não estava dormindo, fingia muito bem para que não parasse. Se a paixão era recíproca ou não, não sabia, mas certo carinho aumentou.

Várias vezes a pegava me olhando em silêncio. Quieta em seus tantos pensamentos que eu daria a vida para saber.

E muitas vezes me surpreendia com abraços apertados.

Eu estava apaixonado. Daria o que ela pedisse. Meu mundo girava em torno daquela mulher, e fitei o porta-retrato que eu deixava de canto na minha sala.

Zoe jamais imaginaria que eu tirara uma foto dela.

Não. Ela nem sonhava que eu tinha uma foto dela dormindo, tranquila, sem o escudo de segredos. Relaxada e entregue. Muito menos que eu deixava sobre a mesa da minha sala. O telefone tocou.

— Sr. Constancer? — A secretária falou.

— Sim?

— Há uma mulher que gostaria de falar com o senhor.

— Qual o nome?

— Gisele Fernandez.

— Gisele? — Olhei para as portas duplas. Não conhecia essa mulher.

— Falou sobre o que gostaria de conversar?

— Disse que não marcou horário, contudo, seria um assunto pertinente. Algo sobre eventos aos sábados.

Pandora.

Era a única coisa que significava.

— Pode entrar.

Desliguei. Meu coração acelerou e suei frio.

Algo estava muito errado, e assim que bela mulher, alta, com um corpo escultural e os cabelos louros, adentrou, reconheci.

Uma mulher de Pandora.



Capítulo de renova

É você, é você, é tudo para você
Tudo que faço
Digo a você todo o tempo
O céu é um lugar na Terra com você.

Video Games - Lana Del Rey.

Zoe Brooks

Mentir no início era fácil. Mesmo apaixonada, eu conseguia enganá-lo, assim como enganava todas as outras pessoas.

No meio do caminho, passei a amar. E a mentira se tornou o meu inferno. Não suportava fugir das perguntas, mantê-lo distante.

Arriscara o meu trabalho e o meu coração. E entre dinheiro e amor, escolhi o segundo. Pandora perdera o brilho, não conseguia mais trabalhar, muito menos me entregar. Desde que nosso envolvimento sem compromisso continuou, não fiz mais espetáculos. Anya não percebeu, pois já tinha feitos vários meses antes, mas não mais. Não conseguia seduzir os sócios, ou participar de algo. Transitava como uma mulher-sexual, me deixava ser observada, mas minha completa atenção era sobre um sócio que fazia o mesmo que eu: apenas olhava.

Eduardo continuava indo. Sabia que não transaria mais lá.

Tínhamos ultrapassado o limite estipulado, e isso me dava medo. Muito medo, porque ele estava apaixonado pela Zoe, sem saber que eu era uma mulher de Pandora.

O que mudaria quando descobrisse?

Eu perderia tudo?

A aposta era alta. Estava abdicando de Pandora por amor, mas não sabia se Eduardo aceitaria toda a verdade. Ray parecia um fantasma na minha cabeça

com suas palavras. *Prostituta*.

Não era isso. Mas transava com estranhos, recebia dinheiro por isso, recebia dinheiro para me exhibir. O quanto Eduardo aceitaria do meu passado?

Fitei as horas no celular e outra vez sua mensagem. Não a respondi, pois se fizesse, seria com um *eu te amo*.

A tela piscou com outra mensagem. Era Anya. Despedi-me da professora de ballet, e com a mochila nas costas, saí do prédio. Uma Mercedes-Benz estava estacionada no meio fio. Completamente preta.

A janela do passageiro desceu e Anya sorriu.

— Tudo bem? — perguntou e o motorista abriu a porta para mim. Entrei, Anya sustentou o olhar, em silêncio, e quadras passadas já, falou. — Espero que não seja nada grave o assunto, Zoe.

— Obrigada por aceitar conversar.

Aquela mulher me deixava preocupada. Tinha uma áurea intimidadora, e seus olhos arredondados pareciam ler toda a minha mente. Sua boca extremamente carnuda estava sempre de batom vermelho, e sorriu diante da minha resposta.

— Sou sua chefe, jamais me negaria a conversar — Olhou para frente. — Lembro-me da menina que era.

— Eu também.

— E tenho orgulho da mulher que se tornou.

Em alguns aspectos eu também tinha, mas não respondi.

— Estamos indo para um restaurante. Podemos jantar...

— Tenho um jantar mais tarde — murmurei.

Anya me olhou de canto, com um sorriso que deixava claro que sabia que era com um homem.

— Então podemos ir para a minha cobertura. Thomas, dirija direto para lá — ordenou para o motorista.

Meu coração parou. Nunca tinha ido para algum lugar pessoal de Anya. Aguardei em silêncio. Adentramos em um bairro luxuoso, e o carro parou diante do prédio mais elegante que tinha. As portas foram abertas e descemos.

Acompanhei-a pelo hall, e durante todo o percurso, permaneci calada.

Anya abriu a porta do apartamento, dando-me passagem. A sala era carregada. A decoração toda feita em preto e vermelho.

— Gostaria de beber algo? — perguntou, fechou a porta e me ofereceu um dos sofás de couro.

— Não. Obrigada.

Sentei. Anya fez o mesmo na poltrona à minha frente e sorriu.

— Vejo que está assustada, Zoe. E com pressa.

— A aula atrasou um pouco.

— Podemos ser rápidas.

— Obrigada.

— Sobre o que precisa conversar?

Respirei fundo. Engoli em seco e tentei me acalmar. Estava suada, tremia e sentia vertigem.

— Quero pedir demissão de Pandora.

Anya não respondeu. Analisou-me como se eu fosse uma nova espécie de ser vivo. Ficou quieta por minutos, deixando-me em torpor.

— Você é uma das que eu mais confio de lá. E uma das minhas favoritas — declarou.

— Obrigada.

— Por que quer sair? — Ergueu a cabeça, sem piscar uma única vez. Tão concentrada em mim que fiquei sem ar.

— Por.. — gaguejei.

— Sei que posso assustar você, Zoe. Faço isso com todo mundo. Sei a imagem que passo, e gosto de mantê-la assim. Contudo — hesitou. Semicerrou os olhos. — Você pode confiar em mim. Quero o melhor para você. Se precisar sair, me conte o motivo. Não quero imaginar que saiu, depois quebrou a cara e passará necessidades. Gosto de você. Muito.

Fiquei desconcertada.

— Eu — suspirei. — Eu amo um homem, Anya.

— Você quebrou o contrato, então.

— Sim. E não foi agora.

— Ele vale a pena? — Encarou-me um tanto surpresa. — Vale a pena abrir mão de uma estabilidade financeira?

— Espero que sim.

— E está segura disso? Ele não tem ideia sobre...

— Ele é um dos sócios.

Anya deixou o choque transparecer.

— Isso é arriscado, Zoe.

— Sei que ele pode pensar o pior por causa disso.

— Quem é?

— Eduardo Constancer — contei sem titubear.

— Irmão de Armando?

— Sim.

— Ele amava Alice, você sabe disso? — Anya estava mais a par da situação do que eu imaginava.

— Sim... Nos envolvemos há dois meses, mas eu o conheço de antes. Conheci Eduardo em Pandora, quando Alice foi convidada. Depois, vi o estado em que ele ficou. Tentei ajudá-lo. Ele amava tanto Alice que ficou cego para o resto. Nunca percebeu que era eu. Nos encontramos meses depois em uma boate, nos envolvemos. E agora estou mais do que apaixonada.

— E ele?

— Também.

— Contará sobre Pandora?

— Sei que é contra as regras...

— Contará ou não? — pediu autoritária.

— Contarei.

— Então conversarei com Armando.

— Como assim?

— Eduardo não gostará quando souber, Zoe. Você tem consciência disso, não tem?

— Sim.

— Armando poderá ajudar. Posso pedir que converse com Eduardo depois — explicou.

— Faria isso?

— Gosto de você, já disse — sorriu. — E o que pretende fazer depois de sair?

— Tentarei qualquer outro emprego.

— Nenhum outro sustentará a vida que tem agora.

— Eu sei. Pretendo vender a cobertura.

— Houve quebra de contrato — Anya começou.

— Eu sei. Não deveria ter me apaixonado...

— Mas não considerarei na sua demissão. Darei todo o dinheiro que você precisa para se sustentar de início até conseguir algo.

Não sabia como responder. Acreditava que iria sair com o salário do mês apenas.

— Por quê?

— Porque, diferente de outras, você nunca me causou problemas, Zoe. Nunca se deixou levar pela ganância desse mundo. Quero mostrar como o mundo é bom para quem... — pausou. — Tem um bom coração.

— Mas...

— E também porque sei que o futuro é incerto. Não sabemos o que nos espera na porta seguinte. Talvez o melhor, talvez o pior. Tenho experiência própria em confiar nos homens errados. Em amar nos piores cenários. É melhor ter alguma segurança financeira — disse, se inclinou para frente e fechou o semblante. — Amanhã será a sua última noite. Posso contar com você para amanhã?

— Pode.

— Domingo estará livre... — Sorriu. — Para amar.

— Obrigada.

— Posso recomendá-la para alguns escritórios também — continuou e não conseguia acreditar no ato de bondade. Todos diziam sobre Anya ser o diabo na Terra. Contudo, ela sempre ajudou. Ajudou-me no caso de Ray, ocultando da mídia, mantendo o processo em andamento. E agora. — Mas. — Uniu as sobrancelhas, pensativa. — Há algo que eu quero saber, Zoe.

— O quê? — pedi educada.

— Mercedes.

— Como você sabe?

— Mercedes é uma antiga amiga. Ela abriu mão de Eduardo?

— Acabaram há dois meses.

— Acabaram? — Arqueou as sobrancelhas. — Ou ele tentou acabar?

— Ele...

— Mercedes ainda está na cidade. Conheço-a, Zoe. Ela não abre mão do que tem. Gosta dos homens sob seus pés, e escolhe exatamente aqueles que não largará a coleira.

— Mas...

— Ela não aceitou. Tenho certeza.

— E o que poderá fazer?

— Tudo. Tudo o que imagina, Mercedes é capaz de fazer — Anya disse maliciosa. — Ela aprendeu comigo que não há limites.

— Por que ela quer tanto Eduardo?

— Não sei. Mas mês passado outro submisso dela...

— Submisso? — Interrompi-a, chocada.

— Mercedes tem vários.

— Ed sabia disso?

— Provavelmente não. Ela trouxe o antigo submisso para cá. Soube porque os encontrei.

— E isso pode significar o quê?

— Que é preciso tomar cuidado, Zoe. Posso tentar ajudar sobre isso, mas Mercedes não tem medo de mim mais. Eu teria que pedir favores à outras pessoas para ter algum resultado eficaz — falou como se fosse um negócio.

— Já se passaram dois meses.

— Muito pouco tempo. — Levantou-se, me encarou por segundos e deu as costas. — Deixarei um cheque com todo o valor que você receberá. Do mês, e de tudo o que pretendo dar a mais para você — explicou, apoiada contra um balcão. Anya escreveu vários zeros, me deixando atordoada, e assinou, me entregando. — Esse é o meu desejo de boa sorte para você. Que, de uma maneira ou de outra, Zoe, você conquiste todos os seus sonhos.

Peguei o pedaço de papel, fitando-o.

— É muito...

— É pouco para mim.

— Não sei como agradecer — estava lívida.

— É seu por direito.

— Obrigada. — Me contive em abraçá-la. Anya percebeu e sorriu, me acompanhando até a porta. Abriu-a, e me deixou passar.

— Até amanhã, Zoe. E se precisar de mim, tem o meu número.

Respirei fundo assim que fechou a porta. Ainda não conseguia acreditar em tudo o que conversamos. Anya não poderia ser um demônio como diziam. Algo dentro dela era bom.

Tinha certeza disso.

Fui com um sorriso bobo para o meu apartamento, querendo contar tudo para Eduardo. No entanto, eu deixaria Pandora passar. No domingo, sentaria com ele, e me abriria. Contaria sobre Pandora, sobre como o conheci, e sobre o meu amor. Em como abandonara essa vida por ele.

Cheguei no apartamento antes dele. Organizei o closet, pendurando algumas roupas que ele estava deixando lá. Tomei um banho, coloquei a nova lingerie vermelha, destacando-se contra a minha pele bronzada das sessões de bronzeamento. Pedi uma comida italiana, e assim que chegou, comecei a desembrulhá-la. O cheiro forte da massa atingiu o meu olfato, e larguei a travessa. Recuei. Meu estômago embrulhou, deu uma reviravolta e corri para o

banheiro. Joguei-me contra o vaso, vomitei o que comera de tarde e limpei a boca.

Já fazia uma semana em que sentia náusea diante de cheiros comuns.

Sentada no banheiro, temi o pior. Algumas vezes nos protegíamos, eu tomava pílulas. Lembrei da falha que tive semanas atrás e consultei o celular. Quinze minutos para as sete horas.

Limpei o rosto, deixei as travessas na cozinha, e peguei minha bolsa ao passar na sala, rumando em direção à uma farmácia.

Em dez minutos estava de volta, e corri para o banheiro. Enquanto desembrulhava o exame, ouvi a voz de Eduardo.

— Zoe? — Chamou-me. Esperei que entrasse no quarto, repetindo o meu nome.

— Estou aqui.

— Está tudo bem? — Pediu carinhoso do outro lado.

— Está... — Respirei fundo. — Está tudo bem.

Não. Não estava.

Dois riscos no exame.

Eu estava grávida.



Capítulo vinte

Pés, não me falhem agora
leve-me até a linha de chegada
Todo o meu coração se rompe a cada passo que dou.

Born To Die - Lana Del Rey.

Zoe Brooks

Não consegui comer direito. Estava tão nervosa que Eduardo percebeu.

— Mal tocou na comida, Zoe. Está tudo bem?

Devia ser coisa da minha cabeça, mas ele parecia me olhar diferente. Muito diferente, como se estivesse... Decepcionado.

— Está. Estou cansada, só isso.

Empurrei o prato. Queria abraçá-lo, estava com vontade de chorar. De medo. Não tinha planos de engravidar, não tinha nem emprego mais. Como faria com tudo isso?

Levantei, recolhendo ambos os pratos e os deposei na pia. Suas mãos envolveram o meu quadril e ele beijou os meus cabelos. Suspirei, aliviada com o carinho.

— Ei, você não está bem. Por que não conversa comigo?

— Estou sim. É impressão sua. — forcei um sorriso e me arrependi de olhá-lo, pois mesmo com o carinho, lá estava aquela sombra nos olhos. Como se ele quisesse também falar algo.

— E você, como está? Como foi o trabalho?

— Normal — respondeu curto. Deu as costas e se acomodou no sofá.

— Domingo pensei em ir ao parque, o que acha? — sugeri. Ultimamente estávamos saindo mais. E precisava contar sobre a gravidez. Sobre o que ele aceitaria. Iria contar tudo. E se ele dissesse que era demais, que meu passado

seria um peso. Iria embora. Seria um novo recomeço, mesmo com o coração em mil pedaços. Não forçaria a barra e jamais iria pedir dinheiro para ele. Se negasse a gravidez, se pensasse qualquer merda de mim, o filho seria meu, apenas meu. Amava-o e Ed não parecia ser assim... Mas no limite, as piores faces eram mostradas. Estava tão apaixonada por ele, que só o simples pensar que poderíamos acabar, me desesperava mais.

— Domingo... — pareceu ponderar e me olhou. Também forçou um sorriso.

Tinha um elefante no meio da sala e fechávamos os olhos para ele, deixando passar. Dizendo que estava tudo bem.

— É, domingo. Amanhã não estaremos...

— Por que não podemos amanhã?

— Porque trabalho — fui sincera.

— E não pode trocar de dia? — ele insistiu pela primeira vez.

— Sabe que não funciona assim, Ed — tentei me esquivar.

— E como funciona, Zoe? — pediu educado. Estendeu a mão, me chamando. Sentei ao seu lado, deitei no seu peito e senti suas mãos frias. Ele também estava nervoso.

— Funciona do jeito de sempre. Sabe disso.

— Sim — resmungou. — Vou tomar um banho — escapou do nosso contato e foi rápido demais para o quarto, me deixando sozinha.

As lágrimas surgiram logo depois. Chorei em silêncio. Estava assustada demais.

Como iria contar tudo? Ele parecia diferente. Algo aconteceu.

Algo que o fez ficar assim.

Esperei alguns minutos e quando fui para o quarto, encontrei o closet bagunçado. Ele procurara por algo, as gavetas do quarto também estavam entreabertas.

Abri a porta do banheiro, fitei o seu vulto atrás do box e me escorei no batente.

— Está tudo bem, Ed?

— Sim.

— Estava procurando alguma coisa?

— Pensei ter deixado o meu relógio por aqui.

— Está na sala. Deixou-o ontem lá.

— Obrigada — respondeu curto.

Arrastei-me de volta à sala, e quando ele despontou por lá, estava quieto. Não conversamos muito, na verdade, ele adormeceu pela primeira vez na sala.

Acordei-o para que fosse para a cama, na esperança de que voltássemos ao normal. Ed me acompanhou, deitou e adormeceu outra vez, sem carinho. Sem atenção.

Não dormi. Meus olhos ficaram cravados no teto branco. Pensei sobre Pandora. Sobre demissão e sobre filho. Uma criança no meio de um casal que na verdade não era um casal. Que poderia ser, contudo, havia uma verdade no meio de nós que poderia nos fazer desmoronar como um castelo de cartas contra o vento.

Adormeci no final da madrugada e quando acordei pela manhã, Eduardo já não estava ali.

Tinha ido trabalhar e só nos veríamos no domingo. Levantei, com dor de cabeça e corri para o banheiro. Vomitei a comida da noite anterior e chorei embaixo do chuveiro. Não queria sair de casa, me sentia depressiva, para baixo. Não tinha com quem conversar e sabia que no final, se precisasse, iria recorrer a mesma pessoa de sempre.

Abracei minhas pernas, sentada na cama, e pensei sobre Pandora.

Eu o veria de noite. E estava com medo. Muito medo do que poderia ver.

A sensação não passou de manhã, piorou durante a tarde, e quando o carro preto do clube parou diante do meu apartamento, eu tremi dos pés à cabeça. Minha boca secou e orei em silêncio para que tudo desse certo. Pelo menos essa vez. Uma única vez na minha vida.



Observei o espetáculo ao longe, quieta na penumbra.

Uma máscara cobria o meu rosto, preta. Deixava à mostra os meus lábios, e no alto da cabeça formava duas orelhas de coelho.

Uma coelhinha erótica, com direito a um corpete colado, erguendo os meus seios, deixando-os escondidos e arredondados, afinava minha cintura,

escondia minha intimidade e finalizava com um rabo de coelho na minha bunda. Meias escuras cobriam as minhas pernas.

Foi a primeira fantasia que usei em Pandora, e seria a última.

Depois, nunca mais colocaria os pés no clube.

Sorri. Tinha certo alívio nisso, e medo. Medo pelo que o futuro poderia reservar, pois agora teria dinheiro por algum tempo, e nesse período precisaria colocar a cobertura à venda e encontrar outro trabalho.

E tinha um filho na minha barriga.

Como eu conseguiria lidar com tudo?

Havia Eduardo, o amor da minha vida, o homem que dormia na mesma cama e que roubara o meu coração desde o início. E se ele não soubesse lidar com tudo isso?

Estava assustada, não conseguia prestar tanta atenção no espetáculo. Só conseguia pensar e pensar. Temia que tudo desse errado.

E se desse, eu sofreria, pois, meu amor iria se partir, teria um futuro incerto pela frente, e toda a estabilidade acabada.

Respirei fundo.

De nada adiantava pensar tanto. Não estava mais em minhas mãos, tudo o que eu poderia fazer, estava tentando. E o que Eduardo sentisse não era possível controlar.

Leonara finalizou o espetáculo, se envolvendo sexualmente com Matt, que quase sempre era o escolhido para a apresentação principal, junto com Julian. Os três encenavam sobre a história de Ártemis e Órion.

Diferente da lenda, em Pandora o caçador não morria, mas transava com Ártemis junto com Apolo, realizando um ménage e também incesto. As cortinas se fecharam no alto da escada, a música se tornou grave, e os corredores foram liberados.

Uni-me aos sócios, deslizando entre eles. Alguns olhares me seguiam, banhados em lascívia, e como todas as outras vezes nesses dois meses, ignorei.

Não tinha interesse.

O sócio que havia feito aquele oral delicioso de tempo antes me seguia várias vezes. Tentativas infrutíferas, e desistiu quando compreendeu que jamais repetiríamos.

Não vi Eduardo no salão principal daquele lugar. Vaguei para os quartos abertos, observei os espetáculos. Bailarinas seminuas, mulheres sobre fogos, orgias e diversas apresentações diferentes que eu já estava acostumada.

Os sócios não imaginavam toda a preparação. Os ensaios durante a

semana, as diversas aulas e o esforço em ser atrativa. Os homens precisavam seduzir tanto quanto as mulheres, e a maioria das pessoas terminava se tornando bissexual.

Mas quem estava ali, amava o trabalho.

Até se apaixonar ou amar alguém.

Então Pandora precisava acabar.

Parei em um dos últimos quartos, já se passara mais de uma hora. Na penumbra avermelhada, procurei-o, olhei cada sócio. Mesmo com máscara eu conseguia reconhecer Ed.

Ele também não estava ali. Uma sócia, loura e alta, sorriu para mim, sendo beijada por um homem-sexual. Cumprimentei-os e dei as costas.

Restava o segundo andar inteiro.

Perderia toda a noite procurando por Ed, e enquanto atravessava o corredor escuro, tomado de preto, com as luzes fracas e avermelhadas, a substituta de Gisele chamou a minha atenção.

Heidi era nova em Pandora. Contratada a dedo por Anya semanas atrás. Ruiva natural, as sardas chamavam a atenção contra a pele clara, seu corpo, diferente de Gisele, não era tão curvilíneo. Era magra e alta. O macacão de couro estava colado em seu corpo, escondia o rosto com uma máscara do mesmo material, e desfilava sobre saltos exóticos, guiando na coleira os dois homens-sexuais.

Era nova, tinha vinte anos apenas. Uma russa que chegou sem emprego, caiu nas graças de Anya e agora desfilava com bolsas caras, carros luxuosos e conhecia homens estonteantes.

Heidi sorriu ao passar, buscando agradar a todo custo. Puxei-a pelo braço, interrompendo sua postura.

— Posso dar uma dica? — sussurrei. Alguns sócios e sócias nos olharam com desejo, provavelmente imaginando uma mulher bronzeada e uma ruiva na cama.

— Claro — Era ingênua ainda.

— Não sorria.

— O quê?

— Sua posição é de Dominatrix. Não tem que sorrir, você manda. Você não agrada. Os outros precisam agradar. Esse é o seu papel. Se escolheram você para representar, precisa entrar de cabeça.

— Não posso sorrir então?

— Não. E se sorrir, tente parecer a mais ordinária possível.

— Funciona?

— Gisele foi assim por mais de oito anos.

— Obrigada.

Sorri, dando-lhe passagem. Alguns homens travaram, observando-a. Queria que se desse bem, que caísse realmente nas graças de Pandora e de Anya.

Respirei fundo e continuei. Não sorri, não por causa de papel, mas porque não estava com cabeça para ser simpática. Não precisava mais. Era minha última noite.

Eduardo era o mais importante. Saí do corredor e avistei a escadaria que levava para o segundo andar, um que normalmente eu não transitava.

Subi devagar, retardando qualquer surpresa, com o coração tão pesado que precisei parar. Olhei para baixo. Pessoas cruzavam o salão, saía de um lado para o outro.

Alcancei o topo e escolhi o lado esquerdo, onde a maioria dos quartos estavam sendo usados. Alguns com portas abertas, um convite para quem quisesse participar.

Parei em um que estava com apresentações. Uma mulher estava amarrada, pendurada no teto. Um homem-sexual introduzia um vibrador em seu ânus. Era impossível ouvir os gemidos, pois estava amordaçada e a música grave se sobressaía.

Olhei ao redor.

Os sócios transavam em um sofá, outros admiravam a técnica de BDSM.

Eduardo não estava ali.

Continuei a procurá-lo em outros quartos de sadomasoquismo. Não era o estilo dele, no entanto, desde a noite passada ele estava estranho.

Suspirei. Era uma tortura.

Quase uma hora se passou e passei por todos os quartos daquele corredor. Dirigi-me para o outro lado. Uma mulher loura engatinhava. Seu rabo de gato arrastava no chão, e uma coleira de ouro brilhava no seu pescoço. Segurada por uma corrente, era comandada por um sócio sem máscaras.

Era Armando.

Mordi o lábio. Esperei que passasse, sem me notar no canto, seduzido pela bunda marcada pela roupa de gato da mulher. Adentraram em um quarto, e caminhei outra vez pelo corredor. Passei por onde estavam, e Armando fodia a mulher de quatro. Gemiam alto, de portas abertas, para todo mundo ver.

Ele adorava ser visto no sexo. Muitos gostavam disso: olhares desejosos, luxúria e erotismo.

Ali podiam tudo, eles realizavam suas fantasias.

Continuei, mortificada, pois sabia que Eduardo estava em um dos quartos. Passei pelos primeiros, sem vê-lo. Avancei.

Adentrei em um de paredes vermelhas. Velas, também da mesma cor, eram a iluminação do lugar.

No centro do quarto, um homem completamente nu estava algemado no teto e no chão, exposto e com o pênis banhado em lubrificante. Uma Dominatrix entregou o chicote para uma sócia, que satisfeita, chicoteou o peito do homem.

Beijou-o na boca. Ele retribuiu, sendo chupado e tocado por outras pessoas. Sócios entraram na prática.

Estava prestes a sair do lugar quando meu olhar cruzou com um rosto conhecido.

Meu coração saiu pela boca.

Minhas mãos congelaram. Estava petrificada, e não percebia mais a presença ao meu redor. Era como se estivéssemos sozinhos naquele quarto banhado em vermelho e fumaça de velas. Ouvi o gemido do homem-sexual vindo de algum canto. Estavam usando cera... Mas nem isso tirou o meu olhar de Ed, que era retribuído com tamanha intensidade que parecia me despir.

Parecia saber...

Apavorei-me.

Ele estava sentado em uma poltrona preta, com o colarinho aberto, a gravata borboleta caída e sem máscara. Parecia bêbado.

Uma mulher rebojava na sua frente, entre as suas pernas. Subia e descia, sem encostar, apenas seduzindo-o. O espartilho escondia parte do corpo negro, os cabelos cacheados volumosos chamavam a atenção, e a máscara cobria os olhos. Sua bunda arredondada chacoalhava para os lados, com uma minúscula calcinha. Chifres subiam pela máscara, altos e grossos.

Engoli em seco. Ed não olhava para ela. Encarava-me com fúria. Sequer tocou na mulher. Suas mãos estavam apertando os braços da poltrona.

Não conseguia dar as costas, meus pés não respondiam à minha mente, meu corpo parecia abandonado. Ele tocou na bunda da mulher, empurrando-a e falou algo que a fez sorrir e assentir. Em seguida, ela se afastou.

Dei as costas.

Não podia ficar ali.

Algo não estava certo.

Contudo, não consegui dar dois passos. Uma mão agarrou o meu pulso, firme e com a certeza do que fazia. Virou-me com veemência e encontrei Ed. Ele

segurava o meu pulso, os lábios franzidos, o maxilar marcado pela força que exercia nos dentes. O aperto se intensificou e ele não hesitou.

Puxou com força a minha máscara. Vi as orelhas pelo canto do olho, o meu anonimato na sua mão.

E a decepção estampada em seu rosto.

As lágrimas escorreram pela sua face, estraçalhando o meu coração.

— Eu...

— Não fale! — rosnou baixo.

— Eu... — Queria dizer que pretendia contar. Que nada mais tinha acontecido dentro de Pandora nesses dois meses, apenas ele tomava o meu corpo... Que o amava, que esperava um filho dele.

Que eu abrisse mão de qualquer segurança para amá-lo, que o amei desde o primeiro momento.

E que não tinha contado antes por medo. Medo daquele olhar que agora via.

Não aguentei o nó que ardia na garganta, muito menos a tristeza que me afogou. As lágrimas se formaram.

— Pretendia contar? — pediu, entretanto, não me deixou responder, emendando: — Ou fui só mais um otário na sua vida? Por isso não queria compromisso. Por isso dizia que não era para fazer perguntas. Me fez de idiota.

— Não foi...

— Foi aqui que me conheceu — afirmou. Tinha um misto de raiva e decepção no seu olhar. Chorava em silêncio como eu. E diferente de mim, conseguia falar. — Aqui que vem aos sábados, quando me dispensa e diz que tem compromisso. A sua rotina de aulas... De treinos. Estava na minha frente, esfregava na minha cara — suspirou. — E eu fechava os olhos para isso. Não, Zoe era a mulher da minha vida, dizia para mim mesmo.

— Eu pedi...

— Eu ia te pedir em namoro. Namoro que significava mais, muito mais para mim — continuou, ignorava minha tentativa de explicar. — Meu coração era seu, confiava que depois de tanto quebrar a cara, tinha escolhido a mulher certa para a minha vida inteira.

Tentei engolir, mas minha boca estava seca. Tremia, o calafrio percorria minha espinha e soluzei.

— Por quanto tempo mais iria me fazer de trouxa, Zoe? — pediu com muita raiva na voz, arrastada pelo álcool. — Quando iria me dispensar e foder com outro sócio? Ou melhor, com quantos sócios transou enquanto eu só

pensava em você? Gemeu para quantos? Gozou quantas vezes aqui, se esfregando em outro homem? Por dinheiro ou por desejo?

— Pare!

Encontrei minha voz.

E entre raiva, desespero e tristeza, puxei o meu braço.

Não aguentava ouvir tudo aquilo. Não depois de tanto planejar, de tanto lutar para que desse certo.

No fundo, eu sabia que fracassaria, não sabia? Apenas me negava a ver que Ray sempre estivera certo. Eduardo não aceitaria esse passado, não se envolveria com uma mulher que trabalhava dessa maneira.

Fugi. Dei as costas, corri pelo corredor, esbarrando em sócios, criando uma cena rara em Pandora.

— Zoe — gritou. Eu já estava distante, avançava mais e mais, me afastando de tudo.

Queria chorar sozinha. Gritar para o mundo que novamente ele tinha vencido. Outra vez fracassava na minha vida.

Parei no alto da escadaria. Não podia ir embora assim. Normalmente, esperávamos terminar Pandora, nos trocávamos e íamos para casa.

Não. Não podia esperar até o final.

E não podia ir vestida de coelhinha, com as lágrimas que molhavam a máscara e a dor que destruía cada parte de mim.

Odiava pedir ajuda. Queria poder me virar sozinha, mas de novo me dirigi a quem poderia me amparar.

Segui, sem olhar para trás, para o quarto número um de Pandora. Sempre aberto, e que sempre tinha um dos donos dentro. Queria poder sonhar que Eduardo estava me seguindo, pedindo desculpas, me deixando explicar.

Contudo, eu estava sozinha. Precisava aprender que sempre estaria.

Estagnei na porta do quarto.

Uma sócia gritava gemidos, chorava de prazer, sentada em uma poltrona. Seu vestido estava erguido, e um homem-sexual estava com toda a mão, enluvada, introduzida em sua vagina, abrindo-a. Seu orgasmo escorria pelas dobras, pingava.

Algumas mulheres e sócios acariciam os seios expostos, aprofundando o seu prazer.

No centro do quarto, duas mulheres estavam de quatro, lambendo algo dentro de potes, iguais a animais. Dois sócios estavam com elas, assistindo-as. Próximo, Matt estava com uma mordaca que imitava freios de cavalo. Uma sócia

estava montada sobre uma sela nas costas dele.

Encontrei com o olhar de Anya, que em um canto, apenas observava. Com uma máscara negra, rendada, batom vermelho e os cabelos castanhos presos no alto da cabeça, com fios soltos.

Assim que me viu, percebeu que tinha algo errado, pois se levantou. Chamou a atenção com sua presença intimidadora. Seu corpo estava escondido por um vestido preto, com uma enorme fenda na perna e um decote nas costas.

Caminhou na minha direção.

— O que aconteceu? — perguntou impaciente.

— Eduardo — choraminguei.

Sua mão envolveu a minha, me puxou para fora do quarto e me levou para um vazio. Trancou-nos lá. Na penumbra permaneceu de costas por alguns segundos até tirar a máscara.

— O que ele fez?

— Me descobriu, Anya. Alguém contou.

— Mais pessoas viram?

— Ele retirou a minha máscara.

— Ele tocou em você sem a sua permissão? — pediu.

— Sim.

— Eduardo será expulso de Pandora.

— Essa não é a minha preocupação.

— Como assim? — Olhou-me sobre o ombro.

— Você estava certa, ele não lidou bem.

Anya suspirou, encarou-me e assentiu.

— Dê um tempo para ele, Zoe. Foi um choque.

— Ele não me perdoará, Anya. Se machucou com Alice, e depositou toda a esperança em mim. Fiz o mesmo, esfaquei o seu coração. Ele... — Lembrei das palavras que usou. — Pediu com quantos transei... Por quanto tempo pensava em enganá-lo. — Ergui o olhar para ela. — Ele não tem mais motivos para se envolver comigo. Não construirá uma vida com uma mulher como eu.

— Uma mulher que aceitou sentir o máximo de prazer que podia. Que nunca fez nada de errado. Que conseguiu o dinheiro que precisava, que viveu intensamente e nunca fez mal para uma pessoa. Você não é ruim, Zoe. Você não conhece o mal. Não se enquadre em mulheres que não valem a pena, porque você vale. Sexo não é feio. Quebrar pudores não é errado.

— Enganei-o.

— Você não transou com mais ninguém desde que esteve com ele, transou?

— Desde que ele acabou com Mercedes... Não.

— Você não o traiu. Esse era o seu trabalho, e precisou de tempo para criar coragem de abrir mão do seu sustento. Você não vem de uma família rica, não tem pais ou um empreendimento que a sustente. Ele não pode julgá-la por seus medos.

— Eu pretendia contar amanhã. Poderia ter sido diferente, se eu tivesse contado. Ver-me aqui, tirar a minha máscara... Foi demais — chorei.

— Não falará com ele?

— Não quero ouvir aquilo de novo. Eu o amo, Anya — não conseguia acreditar que estava me abrindo com ela, dentro de um quarto de Pandora, sentada na cama, aceitando os seus conselhos. — Não quero ouvir aquelas palavras e saber que nada mais será como antes. Não terei seus carinhos, muito menos o seu amor. Eu o amei tanto, desde o primeiro momento em que me apaixonei.

— O que fará?

— Não sei... — Estava perdida.

— E se ele quiser falar com você?

— Tenho medo de ouvir. Do fim — abaixei os olhos ao dizer. — Dói demais.

Anya se aproximou. Parou diante de mim e se agachou. Segurou as minhas mãos.

— Permita que ele fale, se a procurar. Uma conversa pode ajudar.

— E se não?

— Então siga a sua vida, Zoe.

— Vou embora — falei em um impulso. — Se ele não me perdoar, começarei pela terceira vez minha vida.

— Você consegue.

Encarei-a.

Meu coração parecia morto no peito.

Pensei em como, em segundos, a minha vida ruiu.

— Estou grávida, Anya — falei em voz alta pela primeira vez o que estava me assustando também. — Estou grávida de Eduardo.

— Grávida? — Arqueou as sobrancelhas e anui.

— Não contei para ele. Descobri na noite passada.

— Quanto tempo?

— Não sei, faz algumas semanas que estou com mal-estar, com sintomas.

— Fez o teste?

— Sim — suspirei. — Não quero contar para ele.

— É o pai, Zoe.

— Conhecendo-o, aceitará assumir por ser o pai, e sofrerei em todos os momentos. Sofrerei por algo que jamais terei. Não quero que ele assuma a responsabilidade por pena, culpa ou...

— Não é certo.

— A vida nunca foi certa comigo.

— Ao menos pense, deixe-o ter esse direito.

Assenti. Ela estava certa, mas não tinha coragem de dizer. E se ele pensasse que eu estava usando o filho para ter dinheiro, ou conquistá-lo? Não. Eu daria um jeito.

— Vou pedir para que levem você.

Anya se levantou e olhou para o quarto.

— Suas roupas ficaram em que quarto?

— No oitavo desse andar. Está trancado.

— Fique aqui, irei buscar.

Esperei. Anya cumpriu com o que falou, trouxe as minhas roupas e me acompanhou para a saída. Dentro do carro, me vesti, e parti com Anya ao meu lado.

— Pedirei que deixem um carro para você, Zoe — contou assim que o motorista estacionou em frente ao meu prédio.

— Por quê?

— Se pretende recomeçar, darei o que precisa. Pandora, às vezes, rouba a nossa vida, eu sei.

— Não é culpa do clube.

— Eu sei — Anya sorriu, com certeza no olhar. — Deixe-me ajudá-la.

Puxou a bolsa que estava dentro do carro, e percebi que era o carro dela.

— Aqui está uma quantia em dinheiro vivo — entregou-me o maço. — Se precisar seguir em frente, terá o suficiente para recomeçar. Não pare a sua vida por um homem ou por um amor. Você é forte, Zoe, e tem uma criança no ventre. Quero que viva.

— Obrigada — aceitei. Sabia que o caminho seria difícil.

— Tem o meu número.

— Obrigada por me ajudar.

— Às vezes preciso ser boa para equilibrar quem sou.

Não entendi sua frase, e sem perguntar, saí do carro. Entrei pelo hall destruída. Cheguei ao meu apartamento aos prantos.

O perfume de Ed invadia o lugar, e mesmo no chuveiro, não conseguia parar de chorar. Adormeci depois de tanto lamentar. Desliguei o celular e ansiei por esquecer da minha vida.

Quando acordei pela manhã, Eduardo não estava lá.

E não apareceu pela tarde, muito menos mandou alguma mensagem ou ligou.

A noite me engoliu com a sua solidão, precisei me alimentar e na segunda-feira, o mesmo se repetiu. Não tive sinal dele.

Acabei cedendo e enviei uma mensagem. Não recebi resposta.

Na terça-feira, devastada pela dor, pelo desespero, arrumei as minhas malas.

O Audi branco estava estacionado em frente ao prédio, e as chaves foram deixadas com o porteiro.

Não iria hesitar.

Tinha um filho para criar.

Tinha uma vida pela frente. Eduardo fizera sua escolha, e eu arcava com as consequências das minhas.

Era como tinha dito para ele: às vezes encontrávamos o amor, mas era preciso fechar os olhos e deixar passar.

Quando coloquei as minhas malas no carro e pisei no acelerador, meu coração ficou na cidade, dentro das mãos de um homem que não poderia me amar.



Capítulo vinte e um

Agora eu preciso de um milagre
Apreste-se agora, eu preciso de um milagre.

Don't Let Me Down - The Chainsmokers.

Armando Constance

Olhei para o relógio.

— Eduardo ainda não chegou?

— Não, Sr. — A secretária respondeu educada.

— Ligue para ele, Viviane — pedi. — Diga que temos uma reunião, estou contando com a presença dele.

Putá merda. Onde meu irmão estava?

Viviane sentou do outro lado da mesa, e discou. Negou com a cabeça, colocou o telefone no gancho e se levantou.

— Dá na caixa, Sr.

— Na caixa?

— Sim, como ontem.

— Porra, onde eles se enfiaram? — Estava puto. Odiava irresponsabilidade.

Se estava comigo, estava. Se estava fora da linha, não me comprometeria junto.

Levantei.

— Transfira a maldita reunião para amanhã, preciso resolver isso.

— Mas senhor...

— Eu dou as ordens, Viviane. Apenas transfira — rosnei. Dei as costas e me mandei da sala.

No caminho, disquei novamente. Nada.

Caralho. Onde ele tinha se metido com aquela mulher? No seu apartamento não estavam, pois na segunda tinha ido até lá. Eduardo não estava. Não sabia onde aquela Zoe morava.

Estacionei em frente ao prédio e fui até o porteiro.

— Sr. Constancer — sorriu.

— Viu meu irmão?

— Eduardo? Não.

— Poderia checar nas câmeras? — pedi.

— Claro, um momento.

Esperei quase meia hora naquele lugar.

— Sr. — Chamou-me ao retornar. — Seu irmão foi visto pela última vez nas câmeras no sábado à noite. Estava vestido socialmente e sozinho.

Pandora. Também tinha sido o último lugar que eu o tinha visto.

Significava que os motoristas poderiam me dizer onde o deixaram.

— Obrigado — murmurei e saí dali. No caminho para a empresa disquei para Anya.

— Algum problema?

— Anya, preciso de um favor.

— O quê?

— Não vi meu irmão desde Pandora.

— Eduardo?

— Sim.

Ela não respondeu.

— Poderia ver onde o deixaram após o evento?

— Preciso falar com você sobre isso.

— Como assim? — Parei na sinaleira. Franzi a testa. — O que aconteceu que não estou sabendo?

— Se puder vir ao meu apartamento, conversamos.

Desligou sem esperar resposta, porque sabia que não era um pedido. Ela ordenou.

Dirigi em alta velocidade para lá. Quando cheguei, Anya servia vinho em uma taça e dispensou o segurança.

— Prefere vinho ou uísque?

— Não, obrigado. — Sentei. Ela tinha um semblante preocupado e bebeu um longo gole.

— Precisava conversar com você sobre isso, mas acabei adiando. Tive...
— hesitou. — Problemas pessoais para resolver.

— Posso ajudar em algo?

— Não, não pode. — Sorriu maliciosa.

— E tem algo sobre o meu irmão?

Assentiu. Olhou ao redor, satisfeita por estarmos sozinhos.

— Eduardo estava saindo com uma mulher de Pandora, Armando.

— Como assim? — Um vinco surgiu na minha testa.

— Zoe, a mulher por quem Eduardo estava apaixonado, era uma das minhas mulheres. Trabalhava no clube há alguns meses. — Arregalei os olhos.

— Zoe não contou para o seu irmão. Pretendia contar domingo, mas ele descobriu no sábado à noite.

— Em Pandora... — Murmurei.

— Sim. Ele descobriu da pior maneira, digamos.

Balançou a taça, deixando o vinho chacoalhar.

— E onde eles estão?

— Zoe foi embora. Eduardo eu não sei. Pedi para que me enviassem as filmagens da porta de saída de Pandora. Estou esperando, poderemos ver como ele saiu.

— Como assim, aquela mulher foi embora? — perguntei confuso.

— Eduardo surtou, Armando. Falou palavras que Zoe não merecia ouvir — Anya contou calma. — No final, eu a ajudei, caso quisesse começar uma nova vida. Hoje recebi um aviso dela de que iria embora e que iria vender a cobertura onde morava.

— Meu Deus. — Coloquei a mão na testa. — Porra.

O celular de Anya vibrou e ela focou a atenção nele.

— Veja. — Ofereceu para mim. Visualizei a saída de Pandora. Uma escadaria da mansão escolhida. Eduardo desceu vendado, guiado por dois seguranças e entrou no carro.

— Mas... Ele foi embora, então.

Não entendia.

— Pedirei para o motorista que o levou embora, um momento — Anya explicou. Se levantou e discou um número. Caminhou para o corredor, e não pude ouvi-la.

Gostava de resolver as coisas com ela. Era rápida, objetiva e sempre tinha sucesso.

Poucos minutos depois, retornou.

— Ele o deixou no prédio de Zoe, não no dele. — Afirmou ao voltar.

— Como sabe?

— Porque eu sei o endereço. É o mesmo.

— Preciso ir até lá.

Levantei-me, já preocupado. Alguma merda tinha acontecido.

— Irei com você.

Travei na porta. Olhei-a sobre o ombro.

— Por que quer ajudar?

— Porque Zoe era parte do meu clube. Era minha responsabilidade. Ela partiu, e Eduardo ficou. Quero saber o fim disso.

— Como sabe que terá um fim?

— Eu sempre sei — sorriu ao responder.

Dirigi com Anya ao meu lado, calada, apenas observando pela janela fechada. Quando estacionei, temi o pior.

E o que pressenti estava certo. Eles não estavam lá. Anya foi autorizada a subir com a chave que Zoe deixou e quando retornou, confirmou as minhas suspeitas. O apartamento estava vazio.

Onde Eduardo estava?



Capítulo vinte e dois

Eu tenho morrido por você, baby
Quase todas as noites.

Pray - JRY.

Eduardo Constanter

Minha cabeça queimava.

Algo quente escorria sobre o meu olho, e quando tentei abrir, não consegui.

Não estava claro para mim o que acontecera. Tinha uma vaga lembrança de sair de Pandora.

Tentei acordar, e não conseguia. A dor me amortecia.

— Quer matá-lo? — A voz era estranha.

— Não. Ele é irmão de um submisso da Lehanster, se Anya se envolver, ou pior, colocar Enzo na jogada, foderá comigo.

— Enzo Lehanster? Porra, Mercedes, por que não contou isso antes?

— É claro que você sabia!

Mercedes...

Mercedes?

Tentei falar. Não conseguia, minha boca estava com algo colado sobre ela. Comecei a me desesperar.

— Não podemos matá-lo. Se Enzo entrar na jogada, estou fodido. Completamente fodido.

— Peter, se acalme.

— Por que não disse antes? Achei que ele estivesse em Moscou.

— Também não sabia que estava na cidade ainda.

— O que faremos com ele? — Senti o chute no meu estômago e tossi. Meus olhos ardiam, minha garganta parecia rasgar com cada engolida.

Senti dor pelo corpo inteiro.

— Jogue-o onde o pegou — Mercedes respondeu. Senti uma mão contra o meu cabelo, erguendo a minha cabeça do chão. O sangue pingou. Era o meu sangue. — Gosto de submissos, Ed. Gosto de homens que rastejam nos meus pés. Mas diferente de Anya, não costumo aceitar regras. Não sou uma dominadora, sou uma obcecada por domínio. É bem diferente. E não me importo com os seus direitos. Isso não é sobre sexo ou sobre fetiches. Isso é sobre poder. Você é meu.

— Era, meu amor — o homem disse.

— Ah, sim. Era. Agora deixo você ir, mas antes quis te dar uma lição. Não se mexe comigo, e me manda embora como se eu fosse uma qualquer. Não, meu amor. Gosto de estar por cima.

Queria dizer que ela era doente, louca.

— Ele poderá contar para Armando, não poderá? Porra, estamos ferrados!

— Calma, Peter — Mercedes sussurrou. Senti sua mão contra o meu rosto. — Eduardo não irá contar, porque senão caçarei a Zoe dele. Nem que seja no inferno, e ela não sairá viva como ele. Gisele fez um bom trabalho em contar a verdade.

— Melhor assim.

— Vamos embora — disse, largou minha cabeça contra o chão e a pancada me atordoou. Apaguei.

Quando acordei outra vez, sentia o sol quente contra mim. Não tinha a voz de Mercedes.

Consegui gemer assim que me mexi. Meu corpo parecia pegar fogo e já não tinha algo contra a minha boca. Barulho de carros e vozes distantes me chamaram a atenção e forcei as pálpebras.

Abri os olhos.

Eles ardiam, parecia que o ar queimava o meu rosto e tentei recobrar a consciência.

A lembrança veio com tudo.

Zoe.

Tinha sido enganado. Eu a amava, e quando a vi vestida de coelhinha em Pandora, como uma das mulheres, meu mundo desabou.

Tudo tinha começado antes, quando recebi Gisele no meu escritório. A

mulher que tinha se relacionado com Mercedes em Pandora.

Entrou e disse coisas que eu não quis acreditar. Não, era mentira.

Zoe não era uma mulher-sexual. Não. Gisele estava mentindo. Mandei-a embora, fiquei furioso e busquei me acalmar antes de ir para o apartamento.

Contudo, aquilo não saía da minha cabeça. Comecei a pensar sobre sua rotina, sobre a quantidade de dinheiro. Sobre as respostas vagas e os sábados.

Estava entalado. Queria perguntar, pedir explicações, e o medo não me deixou. Não consegui ser natural. Amava-a, mas a ideia me consumia. Tentei encontrar vestígios no seu quarto, no entanto, Zoe era discreta.

Esperei Pandora.

Seria meu inferno.

Se eu a visse transando, iria perder a cabeça, porque não suportava a ideia de que ela fodera com vários sócios enquanto eu a abraçava, amava-a e me dedicava exclusivamente para ela.

Não. Não conseguiria lidar com isso.

Em Pandora, não a encontrei tão cedo. Procurei nos quartos, nos espetáculos, mas não a vi.

Horas se passaram, em que me torturei pensando se ela estava ou não em algum quarto fechado, transando.

Meu Deus.

Iria perder a cabeça, e a bebida se tornou uma fuga. Bebi, deixei que mulheres dançassem na minha frente, sem um pinga de vontade de tocá-las. Não, eu não queria outra mulher.

Queria a verdade.

E ela apareceu quando vi uma coelhinha parada na porta daquele lugar. Olhava-me enfeitiçada e com medo. Seu corpo era pequeno, cabelos castanhos, o rosto escondido pela máscara. E me olhava. Olhava como se eu fosse o único cara dali.

Era Zoe. Eu tive certeza, e não hesitei. Tirei sua máscara, mandando para o inferno qualquer regra. Não queria mais Pandora mesmo.

Ela chorou, tentou explicar. Não sabia se eu chorava pela tristeza de ver o quanto fui enganado, ou por vê-la chorar. Foram ambos.

Eu estava perdido. Devastado.

Não quis ouvi-la. O álcool falava mais alto. Disse tudo o que estava me machucando, e por estar sangrando por dentro, quis feri-la também.

Na defensiva, ela fugiu. Escapou das minhas mãos com o meu coração.

Quis ir embora. Não estava bem, precisava espairecer, encontrar um rumo e a razão. Contudo, dentro do carro, mandei outra regra para o inferno e retirei a venda. O motorista ficou furioso, e expliquei para ele o endereço.

Iria esperar Zoe no apartamento. Precisávamos conversar.

E pediria desculpas pelo que dissera a ela no calor da raiva. Estava errado, mas ela também estava. Por que tinha ocultado isso? Achava que eu a julgaria?

O que mais me machucou foi a mentira. Foi a maneira como ela ocultou. Se tivesse dito antes, poderíamos conversar sobre... E era claro que eu pediria que largasse, encontrasse outro emprego, eu daria o mundo para ela. Pandora não faria falta. Se ela aceitasse... Caso não, aprenderíamos a lidar com isso.

Só queria conversar. Entender.

No entanto, não consegui alcançar o hall de entrada do prédio. Mercedes estava dentro de um carro. Chamou-me, e quando a vi, me assustei.

Não tive tempo. Algo me nocauteou, e quando acordei, estava em um armazém.

Estava pendurado, amarrado em um gancho. Recebi socos, chutes, cortes no rosto, pelo corpo seminu, e um homem alto, louro e magro me acertou repetidas vezes com um taco de beisebol.

Minha boca recebeu uma fita para que eu não gritasse, e depois de tanto apanhar, apaguei.

Tinha visto Mercedes ali. Antes de apagar e depois.

Lembrei do que dissera.

Era um acerto de contas pelo término. Filha da puta.

— Cara, você está bem? — A voz de um jovem me acordou das lembranças e abri os olhos. O sol quente contra o sangue seco fazia a minha pele coçar.

— Const... — tentei falar. Minha língua doía, a mordera para aguentar a dor. — Constancer.

— É um nome?

— Ajuda... — gemi.

Forcei os meus braços contra a calçada. Estava apenas de calça social. Meu peito estava coberto de sangue seco. De quatro, ergui a cabeça.

Conhecia o lugar onde estava. Era a esquina do prédio da Zoe. Tentei levantar e caí novamente. O jovem, com a bicicleta encostada no muro, tentou me ajudar.

— Vou chamar a polícia.

— Não... — Tentei impedir e avistei, a metros de distância, uma mulher vestida com um macacão preto, acompanhada de um homem.

Eu os conhecia.

— Arman.. — tossi. Engoli a dor e tentei usar toda a minha força. — Armando! — gritei desesperado.

Ambos viraram as cabeças na minha direção, apavorados e sorri, aliviado.

Desabei outra vez, e meu último pensamento foi Zoe.



Capítulo vinte e três

Você tem apenas uma chance.

Lose Yourself - Eminem.

Eduardo Constanzer

Soube onde estava assim que abri os olhos.

O branco era assustador. Tentei recordar quanto tempo se passara, parecia um borrão. Não tinha clareza na passagem de tempo. Estava amortecido, aéreo, e ergui as mãos.

Fios estavam pendurados nos meus braços.

— Zoe... — Seu nome escapou dos meus lábios.

— Ele acordou, Armando — A voz de Anya me sobressaltou e a vi pelo canto do olho. Sentada em uma cadeira, ao lado da poltrona onde Armando dormia.

— Ah, o quê? — ele resmungou.

Olhei para Anya. Havia algo nela que eu não conseguia gostar. Desde a merda que acontecera com Alice.

Ela não era boa. Contudo, também não era completamente má.

Retribuí meu olhar na mesma intensidade, sem medo. Sem hesitar.

— Eduardo — Armando acordou, colocando-se ao lado da cama.

Tentei esboçar um sorriso e senti dor.

— O que aconteceu? — Minha voz estava rouca, cansada.

— Encontramos você.

— Vou chamar o médico — Anya deixou claro que iria nos deixar sozinhos.

— Obrigado — Armando murmurou, com paixão nos olhos. Ele a amava.

Faria tudo por ela. Era o seu completo submisso.

— Vocês me trouxeram?

— Estou tão aliviado que está vivo — suspirou. — Nossos pais estão chegando em breve de Santa Lúcia.

— Faz quanto tempo? — Fechei os olhos, atordado.

— Doze horas.

— Doze...

— Você ficou desaparecido quase três dias.

— Três... Três dias? — Arregalei os olhos.

— Na segunda, achei que estivesse com Zoe. Deixei passar, mas na terça-feira percebi que algo estava errado.

— Sim — suspirei. Fitei minhas pernas cobertas pelo lençol branco. Armando pegou minha mão, apertando-a.

— Cara, estava tão preocupado.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu... — gaguejei.

— Armando, estarei no meu apartamento. Espero notícias — Anya me interrompeu, parada na porta. — Seus pais estão subindo.

— Obrigado.

— Eles chegaram? — Estava feliz por vê-los. Não eram os pais mais presentes da face da Terra. Na verdade, tinham passado por problemas, quase assinaram o divórcio, até minha mãe desistir e pedir uma segunda chance para resolverem as coisas.

Depois disso, aproveitaram o dinheiro da família e foram viajar, quase morar em Santa Lúcia praticamente. Estávamos felizes por eles, mas sentia falta.

Falta de quando os tinha por perto.

— Não comente sobre Zoe, Ed. A mãe ficará preocupada.

— Tudo bem.

— E nem sobre Anya.

— Eles não sabem, depois de tanto tempo? — Ergui o olhar, encarando-o.

— É melhor.

— Eles conheciam Otávio.

— Eu sei.

— Tudo bem — concordei. — Mas — hesitei. Respirei fundo. — E Zoe, Armando? Onde ela está? — Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Tinha medo de Mercedes, do que poderia fazer.

Armando não respondeu de imediato, criando as piores ideias dentro da minha cabeça.

— Ela foi embora, Ed. Anya deu tudo o que ela precisava para partir.

— Embora?

— Sim. Depois do que aconteceu entre vocês...

— Você sabe? — Interrompi-o.

— Sim. Anya me contou.

— Anya. — Estreitei os olhos. Ela estava metida até os cabelos naquilo.
— Como ela sabe de tanto?

— Porque Zoe contou para ela. Confiava nela. E Anya fez o possível para ajudar.

Não era a mulher que eu conhecia. Não. Anya Lehanster era terrível.

— Não acho que foi...

— O importante não é Anya aqui, Ed. Mas você.

— Não. O importante é Zoe, Armando. Para onde ela foi? Ela não pode ter partido assim.

— Posso tentar descobrir, mas você precisa se recuperar primeiro.

A porta foi aberta abruptamente, e minha mãe, bronzeada e de cabelos quase brancos, surgiu na porta.

— Ed. — Estava com lágrimas nos olhos. Meu pai entrou em seguida, acompanhado do médico.

Deixei que me abraçassem, que me enchessem de perguntas, e o médico me examinou.

Estava com duas costelas quebradas e meu rosto estava com vários cortes.

Precisei de pontos no abdômen, algo tinha me perfurado.

Mercedes não tinha me matado apenas por medo, porque por desejo, eu já estaria em uma vala.

Pensei em tudo o que tinha ouvido. Eles poderiam fazer com Zoe.

Depois do médico sair, meu pai puxou uma cadeira, e com seus quase dois metros de altura, sentou do lado da cama. Os cabelos negros, o rosto oval e o nariz fino mostravam de quem tínhamos herdado os traços.

Minha mãe conversava com Armando no pé da cama, ambos com os

olhos sobre mim.

— Filho — meu pai acariciou minha mão e sorri. — Diga para mim, quem fez isso? Entrei em contato com os meus advogados.

— Não. — Uni as sobrancelhas. — Acabou, pai.

— Quem fez isso, Eduardo? — Minha mãe foi autoritária.

— Mãe...

— Está com medo, é isso? — Meu pai continuou. — Ameaçaram você?

Olhei para Armando. Queria ajuda para sair da situação, no entanto, ele se manteve quieto.

— Ameaçaram outra pessoa.

— Quem foi?

— Pai, por favor.

— Não precisa ter medo — Insistiu. — Podemos resolver.

— Advogados não resolveriam — fui franco. — Não desse modo.

— Você se envolveu com quem não devia? Por quê? Por dinheiro?

— Pai, não é isso.

Ele não parava.

Insistia como se fosse a coisa mais importante do mundo. E não era. Zoe era mais importante.

— Se não disser, iremos procurar, Eduardo. Não deixarei passar...

Estava de saco cheio. Não iria contar.

— Pai...

— Com licença — uma voz grossa me interrompeu. Volvi o olhar para a porta, como todos do quarto, e um homem alto, de cabelos curtos e louros, adentrou. Vestia um blazer preto, tinha tatuagens nas mãos, e os olhos verdes. Tão intimidador quanto Anya.

Meu pai se levantou.

— Enzo — Foi Armando quem anunciou o visitante.

— Sr. Constancer — ele se dirigiu para o meu pai, apertando-lhe a mão.

Minha mãe o olhava com desconfiança. Armando, com raiva. E meu pai com um completo choque.

— Lehanster? O que faz aqui? — pediu educado, um tanto apavorado, imaginando que eu estivesse envolvido.

— Minha irmã me contou sobre um amigo dela. — Seus olhos pousaram em mim, impondo que todas as suas palavras eram verdades. Não deveria questionar. — Pediu que eu oferecesse minha ajuda.

— Não — hesitei. — Não irá precisar.

Sorriu calmo.

— Gostaria de conversar com você, Eduardo. Se possível. Sr. Constancer. — Voltou-se para o meu pai. — Se o senhor permitir.

— Vou buscar uma água — minha mãe falou apressada e hesitou na porta, chamando Armando com o olhar. Meu irmão media Enzo, fuzilava-o com os olhos. — Armando — chamou-o, o obrigando a sair. Meu pai os acompanhou.

A porta foi fechada e Enzo continuou a me encarar, parado no pé da cama.

— Não sei o que Anya falou — comecei. Não entendia o motivo para aquele filho da puta do Peter e Mercedes terem medo de Enzo. Muito menos da atmosfera pesada que o quarto tomou quando entrou. Ou o motivo do susto dos meus pais. Não conhecia Enzo direito. E não entendia o que pretendia fazer. — Mas não precisa...

— Mercedes Stahuss, ex mulher de Ivan, um antigo amigo meu, falecido por sinal.

— Não sei sobre isso...

— Conhecida em Viena como uma mulher de muitos homens, inclusive um dos meus fornecedores de armas, Peter.

Fornecedores de armas? Olhei incrédulo para aquele homem parado no quarto. Que porra era essa?

— Você não tem ideia sobre as pessoas com quem se meteu, não é, Eduardo? — Enzo sorriu devagar.

— Não estou envolvido com isso.

— Mercedes esteve com você por alguns meses. Como uma mulher louca, que é o que é. Não mede esforços para ter os homens, já que foi submissa de Ivan. É uma vingança. — Fiquei quieto, deixando-o continuar. — Monitoro os passos dela desde que entrou na cidade, em respeito à memória de Ivan. Ela não é uma mulher normal, muito menos fácil de lidar.

— Eu sei.

— Você deu as costas para ela. E Mercedes fez o que sabe fazer de melhor: apunhalar. Foi ela, não foi?

Não respondi. Temia por Zoe.

Faria o que fosse preciso para que ela ficasse bem.

— Ela te ameaçou, Eduardo? — Enzo arqueou uma sobrancelha. Continuei mudo. — O que está em jogo para que você fique em silêncio?

Colocou as mãos nos bolsos da calça jeans e aguardou minha resposta.

— Zoe — sussurrei.

— Uma das mulheres do meu clube.

— Como...

— Temos várias pessoas envolvidas com Pandora, e eu sei o nome de cada uma delas. Conheço a história, o rosto e a índole. Não contrato qualquer pessoa, Eduardo. Talvez, uma passou — hesitou. — Gisele foi visitá-lo?

Estava em choque. Como ele sabia de tudo?

— Encontrei-a no aeroporto. Estava com uma mala de dinheiro, o que fez o meu infiltrado suspeitar.

— Seu infiltrado?

— Apenas preciso que me confirme. O homem com Mercedes era Peter?

— O que você irá fazer? — sussurrei.

Enzo sorriu.

— Zoe está segura, Eduardo. Assim como você.

Deu as costas em silêncio e saiu do quarto.

Não conseguia entender.

Meu pai entrou em seguida, lívido.

— O que um Lehanster está fazendo aqui?

— Pai...

— Foi Anya, pai — Armando intercedeu. — Ela é uma amiga próxima minha. Provavelmente pediu um favor ao irmão.

— Então ficaremos devendo? — Meu pai estava preocupado.

— Não. Não devemos nada. — Armando afirmou.

— O que Enzo fará, Armando?

— Fará com que os culpados não machuquem mais Eduardo.

Eu continuava mudo.

— Aquele menino tem a presença de Otávio. E tão maluco quanto o pai — meu pai murmurou.

— Por que é amigo de Anya? — Minha mãe estava suspeitando, e o alvo já não era mais eu.

— Mãe... — Armando suspirou.

— Aquela mulher não fará bem para você.

— O machucado sou eu — tentei livrar a barra do meu irmão. — Obrigado por se preocuparem mais com a família dos outros.

Os três voltaram os olhares para mim.

— Depois daquele homem, terá que me contar o que aconteceu.

— Pai — pausei.

— Eduardo se envolveu com uma mulher que não aceitou o término. Ela o pegou, e quase o matou. É isso — Armando falou de uma vez.

Suspirei e fiquei com o coração na mão. Esperava não colocar Zoe em perigo... E onde ela estava?

— Armando — olhei-o, quase implorando. — Descubra sobre Zoe, por favor.

— Primeiro você tem que se recuperar.

— Zoe? Quem é Zoe? — Minha mãe pediu.

— É a namorada do Eduardo.

— Não...

— Quando pensou em nos contar? — Minha mãe me fuzilou com o olhar.

— Eu apenas preciso saber onde ela está, por favor.

Fechei os olhos, exausto. Deixei que conversassem entre si. Armando os colocou a par, discutiram algo que não compreendi.

E adormeci com os medicamentos.



Capítulo vinte e quatro

Consegue sentir para onde o vento sopra?
Consegue senti-lo passar
Por todas as janelas
Deste quarto?

Dusk Till Dawn - Zayn feat Sia.

Eduardo Constancer

Entre os remédios que tomava, enquanto me recuperava, meus pais me visitaram, Armando montou acampamento no hospital e quase uma semana depois, recebi uma visita que não esperava.

E que me mostrou que sim, era possível amar outra vez.

Era de manhã. Armando estava trabalhando, meus pais estavam descansando, quando a porta abriu e uma grávida sorridente invadiu o quarto.

Alice segurava um grande buquê de flores brancas, um sorriso radiante e uma barriga contornada por um vestido azul. A segui com o olhar, surpreso, e Tom Haltender entrou em seguida, com os olhos fixos na esposa.

— Vocês... — Não conseguia entender.

— Sei por tudo o que passamos — Alice falou, depositou o buquê na mesa ao lado da cama e parou ao meu lado. — Sei tudo o que aconteceu, Ed.

— Vocês não precisavam vir.

Tom não era meu amigo. Pelo contrário, deveria me odiar.

— Você ficou ao meu lado quando precisei, e eu não fui uma boa amiga, de certa forma.

Então Alice tinha decidido vir.

— Não precisava — encarei-a, temeroso em sentir todo o amor retornar. Olhei para o seu rosto levemente arredondado, as maçãs rosadas, os lábios com um batom rosa, e os longos cabelos louros soltos sobre os ombros cobertos por

um blazer azul. Sua mão pousou na barriga, inclinada na minha direção.

Diferente do que imaginei, Tom não foi de imediato até ela, como se precisasse marcar presença. Ele parou do outro lado da cama.

Engoli em seco e o encarei. Seus cabelos louros estavam ajeitados para trás, os olhos azuis cravados em mim, e um sorriso era contornado pela barba loura.

— Minha mulher sabe como dobrar um homem, Eduardo.

Sorri, imaginando a discussão que tiveram.

— Já se passaram meses, não é? Acho que podemos colocar tudo no passado — Alice tomou a iniciativa.

— Estraguei o casamento de vocês.

— Nos casamos igual, não casamos, amor? — Alice olhou para Tom.

— Com alguns imprevistos — pausou e seu olhar recaiu sobre mim. — Sei que amou a minha mulher, Eduardo — retesou a mandíbula ao dizer. — E sei que pode ainda amá-la. — Não. Não era mais esse sentimento. — Mas Alice queria falar com você, precisava conversar. Eram amigos... Antes de tudo. Não seria correto eu impor algo sobre isso. — Afirmou, meio relutante. — Apenas... Não se envolva mais com gente como Mercedes.

Eles estavam a par de tudo.

— Anya nos contou — Alice explicou.

— Conversou com ela? — deixei escapar.

— Sim. — Sorrii diante da minha surpresa. — Amor, poderia me trazer um café? — Alice mandou em Tom, que pareceu relutar. Olhou-a por segundos e assentiu. Enfiou as mãos nos bolsos e saiu do quarto.

— Não precisava — repeti.

Alice não falou, sentou e ficou me encarando.

— Temos muita coisa para conversar.

— Não fui um bom amigo também.

— Você não estava bem.

— Deveria ter ficado feliz por sua felicidade.

— Cada um é cada um, Ed. Nem todos sabem lidar com os sentimentos. — Sua mão se encaixou na minha, e ela a acariciou. — Me preocupei com você no início. De verdade. Fiquei sentida quando invadiu o meu casamento, mas quando vi você com Mercedes... Sabia que não estava bem.

Lembrei daquela época, meses atrás.

Tentei não chorar por tudo aquilo.

— Depois Anya me acalmou. Disse que Armando tentaria mantê-lo na linha... Até que perdeu o controle — Continuou e vi que os seus olhos também estavam com lágrimas. — Eu tenho uma parcela de culpa, não tenho?

— Não, Alice. Você não tem culpa. Sempre foi clara comigo, e nós tentamos — suspirei. — Tentamos. Não era recíproco o sentimento, nunca daríamos certo.

— Podia ter sido diferente com você.

— Eu precisava superar.

— E superou? — Tinha ansiedade em seu olhar. — Ou fiz mal ter vindo?

— Superei. — Sorri aliviado. — Estou muito feliz que veio, porque assim consegui confirmar.

— Não me ama mais? — Sorriu também, e riu baixo. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— Não, ainda a amo. Mas como uma amiga, como uma mulher incrível. — Retribui o aperto na sua mão. — A mulher que amo de verdade, para ter ao meu lado... Não é mais você.

— É ela, não é? — sussurrou.

— Como assim? — Semicerrei os olhos.

— Aquela de Pandora.

— Como você...

— Eu a vi uma vez lá — contou. — Não entendi na época. Apenas agora, que Anya nos contou, que compreendi tudo. Ela também me pediu — hesitou — para que eu contasse tudo o que ela me disse sobre Zoe. Para que você entendesse a mulher que ama você.

Alice contou tudo sobre Zoe. Todas as informações que Anya sabia, desde como elas se encontraram, como, aos poucos, foi levada para Pandora. Em como aceitou o novo mundo, e em como se apaixonou. Soube sobre seus medos, o modo como agiu.

Não consegui responder e precisei de minutos em silêncio para compreender. A realidade caiu como um soco no meu estômago e só sabia pensar em como amava Zoe. Nada mudara ao saber de tudo, o amor permanecia intacto. Entendia suas escolhas, o modo como agiu.

Alice respeitou o meu tempo, e quando sorri, agradecendo por ter contado, ela retribuiu o sorriso.

— Estou tão feliz por você, Ed. Nem acredito que está tão bem, longe daquela mulher.

— Mercedes...

— Dana também sentiu muito a sua falta. Acabou se mudando, não soube mais de você. Às vezes ainda pergunta.

A nostalgia explodiu dentro de mim, lembrando-me da época em que nós três éramos amigos.

— Verdade...

— Espero que possamos ao menos, recuperar um pouco da nossa amizade — hesitou. — Se você permitir. Adoraria conhecer Zoe.

— Espero que ela goste de você — murmurei, ainda sem acreditar em tudo.

— Se ela me perdoar pelo que fiz você passar — deu risada.

— Olha só quem está aqui — Armando nos interrompeu ao abrir a porta e Alice se levantou, sem largar a minha mão. Tom entrou em seguida, carregando dois cafés.

— Quando Alice soube que Eduardo estava no hospital, não deu paz até que viesse vê-lo — Tom comentou com o meu irmão. — Se sentiu mal por não ter vindo antes, por não ter tentado...

— Estou tão feliz por você — Alice não se controlou de emoção, e envolveu o meu pescoço com os braços, esquecendo-se dos meses, de todos os problemas entre nós.

E retribuí o abraço, também deixando no passado.

Demoramo-nos assim, um dentro dos braços do outro. Não mais como um amor platônico. Admirava-a, sentia carinho, mas não despertava em mim o desejo de antes.

Quando abri os olhos, Tom nos olhava de canto, tentava disfarçar o incômodo, e só relaxou a expressão quando Alice se afastou.

Ela me encheu de perguntas, e quase vinte minutos depois, Tom a interrompeu.

— Amor, você passou a manhã inteira de pé, vamos descansar um pouco — murmurou, envolvendo-a em um abraço.

— Tudo bem. — Alice voltou a atenção para mim. — Voltarei, Ed.

— Vou esperar.

Novamente me abraçou, e se despediu de Armando. Assim que saíram, me dei conta de que estava melhor do que nunca.

Alice tinha se tornado passado.

Na verdade, meu amor por ela tinha se transformado em carinho, e estava feliz por isso. Feliz por ela, e por ter vindo.

Armando se acomodou ao meu lado, e respirei fundo.

Não estava completamente feliz. Parte de mim faltava.

Durante o dia, e todos os outros que se seguiram, só consegui pensar em Zoe. Falava dela, pedia sobre ela.

Precisava me recuperar, já não aguentava imaginar o que ela pensava sobre mim, se sofria. Queria saber como estava.

Seu número já não existia, e quando finalmente recebi alta, voei para o meu apartamento como um louco.

Armando chegou em seguida, me pegando no flagra. Eu estava com uma mala, dinheiro e a decisão de percorrer o mundo todo se precisasse, para encontrar Zoe.

— Tão rápido? — pediu, adentrou no meu quarto e sentou na cama.

— Não posso mais esperar.

— Então me escute.

— Sei que dirá que é loucura, que preciso ter calma.

— Não, não é isso. — Sorriu e esperou que eu sentasse ao seu lado. — Quero ajudá-lo. Estou feliz de ver o meu irmão de volta.

— Obrigado — murmurei. — Tudo parece tão irreal. Como se passasse — expliquei, tão confuso. — Passasse diante de mim e eu não tivesse controle.

Armando pegou minha mão e anuiu.

Fitamos a mala, e pensei em como estávamos próximos de novo.

— Tenho notícias sobre Zoe — contou. — Cara, Zoe está bem — falou antes que eu perguntasse.

— Como sabe?

— Prefere mesmo saber?

— Como assim?

— Enzo cumpriu com a parte dele.

Aquilo me deixou apavorado.

— Como assim, cumpriu? Ele matou alguém?

— Não — deu risada. — Apenas mostrou que Zoe e você possuem mais amigos do que eles imaginavam.

— Não sou amigo de Enzo.

— Deixe assim, Ed. Engula um pouco o seu orgulho e aceite essa ajuda.

Abaixei o olhar.

— Enzo disse algumas coisas que não gostei de ouvir.

— Apenas esqueça o que ele disse.

— Por que ainda permanece com Anya? Sei que a ama... Mas, é perigoso, Armando.

— Sei onde me meto, Ed. Apenas se preocupe com si mesmo.

— Você é meu irmão.

— Quer saber sobre Zoe ou não? — Mudou de assunto. — Não sei como Anya consegue prever as coisas — começou. Anya como sempre. — Mas ela sabia que você voltaria atrás de Zoe.

— Era óbvio.

— Zoe disse a ela que iria embora, Ed. Contou os seus planos caso você não a procurasse... E como você estava com Mercedes, Zoe esperou e foi embora na terça-feira.

Franzi a testa. Eles me soltaram na terça.

— Ela foi embora com um carro que Anya deu. E como todos os carros dos Lehansters, tinha um rastreador. Anya sabe onde Zoe está, e me passou o endereço.

— Ela está bem? — Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Está.

— Estou indo atrás dela.

Levantei-me, com tanta pressa como se minha vida dependesse de encontrá-la.

Meu coração dependia. E os meus sonhos também.

Com a mala em uma mão, rumei para a sala, seguido de Armando. Abracei-o demoradamente.

— Vou encontrá-la. — Meu coração estava batendo louco no peito. Precisava de Zoe.

— Traga sua garota de volta, Ed — meu irmão sussurrou.



Capítulo vinte e cinco

Querido, estou em chamas, sinto isso em todo lugar
Nada me assusta mais.

Summertime Sadness - Lana Del Rey.

Zoe Brooks

A chaleira apitou, preenchendo o silêncio daquela casa.

Alugara-a no segundo dia naquela cidade, quilômetros de distância de onde eu deixara o meu coração.

Pelo preço, estava no padrão. Era pequena, de apenas um quarto, sala, cozinha e um banheiro, mas com a praia adiante. Era apenas o que eu precisava. O dinheiro precisava dar para tudo, e principalmente, eu o guardaria para o meu filho.

Não gastaria. Encontraria um emprego, o dinheiro da cobertura iria para a poupança, venderia o carro que Anya me deu.

Eu iria conseguir seguir adiante, mesmo com o coração despedaçado.

Contudo, no fundo, eu sempre soubera que acabaria assim, deixei os sonhos tomarem conta, deixei que o mundo me iludisse.

Esse era o preço a se pagar por ter sonhos de menina sobre o amor.

Fitei o celular novo que comprara, com outro número. Era tão difícil esquecer, deixar no passado. Tinha chorado todos os dias, sentia falta de Eduardo, da sua presença, do seu carinho.

Sentia falta de nós.

Esfreguei o rosto e desliguei o fogão. Coloquei a água na caneca e um sachê de chá.

O trovão retumbou e pela janela avistei as ondas violentas do mar. Estava

fora de cogitação voltar para a minha cidade natal, ou retornar a pedir ajuda a alguém. Eu precisava me virar.

Iria amar aquele filho com tudo o que eu tinha, e seria uma doce lembrança dos bons momentos.

Tomei um gole do chá, acalmando o meu nervosismo. As lágrimas estavam secas pelo meu rosto e pensei em como dirigir sem rumo. Passei por várias cidades até decidir por aquela.

Era longe o suficiente para recomeçar, mas nunca o bastante para esquecer.

Dei as costas para a janela e sentei no sofá. A televisão não me distraiu e a tarde se arrastou com um temporal que despencava sem dar descanso.

Tentei não chorar. Queria me manter forte.

Retornei para a cozinha e coloquei mais água esquentar. Precisava decidir o que iria comer. Olhei para fora outra vez. Fazia isso várias vezes por dia, como se fosse possível avistar alguma alegria naquela rua diante da praia.

A chuva estava começando a embaçar o vidro.

Esfreguei a mão, voltando a vislumbrar o lado de fora, quase escuro já.

Luzes iluminaram a penumbra, se voltaram contra a janela e semicerrei os olhos, cegada pelos faróis. Desliguei o fogão, sem tirar os olhos do carro, que estacionou com violência na rua.

Recuei, sem acreditar no que via.

Debaixo do temporal, Eduardo saiu do carro, fechando-o, e correu na direção da casa, sem se importar com a chuva que o molhava.

— Ed...

A campainha tocou.

Não consegui andar. Estava imóvel, aturdida.

— Zoe, sei que está aí...

Eduardo estava ali. Como? Por quê? Depois de tudo o que disse, era certo que ele não queria continuar comigo. Não depois de contar o que achava de mim.

Esperei por ele. Esperei dias. Ele não foi atrás. O que estava fazendo ali?

— Zoe — continuou a bater na porta. — Por favor, abra a porta.

Fui até ela, e encostei a mão na madeira. Ele estava do outro lado, ouvia a sua voz junto com o barulho da chuva.

— Por que está aqui? — perguntei.

— Como assim — hesitou. — O por que estou aqui? Por você, é óbvio!

O pior passou pela minha cabeça: Anya tinha contado sobre a gravidez, e ele veio querer ter a responsabilidade.

— Não precisa, Eduardo — tentei manter a voz firme, contudo, saiu falha por causa do choro entalado na garganta. Funguei.

— É claro que precisa, Zoe.

— Não. — Afirmei. — Você nunca desejou, nunca nem conversamos sobre isso. Não ficamos muito tempo juntos, e entendo que não é o que queria.

Ele ficou em silêncio. Cerrei os dentes, sem conseguir lutar contra as lágrimas.

— Zoe...

— Sei que Anya te contou, mas não precisa. Vou dar um jeito, o dinheiro que ela me deu será só para ele, não passará necessidades. Não precisa me ter na sua vida por isso, não é o seu desejo...

— Ele? — Interrompeu-me.

Limpei as lágrimas. O trovão ressoou e esperei que passasse para que pudesse me ouvir com clareza.

— Não seria justo com você negar ser pai, eu sei. Mas... Eu escondi que trabalhava em Pandora, nunca tivemos um compromisso e por mais que eu ame você — deixei escapar em meio ao choro. — Não o obrigarei a arcar com tudo, Eduardo. Por favor. Pense melhor. Não quero o seu dinheiro, muito menos a sua companhia, se acha que é por isso. Se realmente quer ser pai, seja por ele... — chorava tanto que não sabia se ele conseguia entender o que dizia. — Não foi proposital, então não me culpe ou pense algo ruim. Se não quer, vou assumir toda a responsabilidade. Nunca pensei em cobrá-la de você...

Não consegui mais falar, a voz falhou de tantas lágrimas.

O silêncio me devastou. Ele não falava nada. Minutos se passaram, estava destruída. Era isso, não era? Esse era o final. Eduardo não era o homem dos meus sonhos, e diante de tanta decepção que eu causei, ele daria as costas e iria embora.

— Meu Deus, Zoe... — rosnou transtornado. — Porra, abra essa porta! Como assim, você está falando... — Completo silêncio. — Porra, você está falando que eu vou ser pai?

Arregalei os olhos.

— Zoe, meu Deus. — Ouvi suas batidas enlouquecidas. — Abra essa porta. Zoe, não faça isso! — Ele implorava do outro lado, parecia enlouquecido. — Você está falando que está esperando um filho meu? — As batidas pararam. — EU VOU SER PAI, PORRA! ZOE, ABRA ESSA PORTA — gritou, mas não

de raiva. Era euforia.

Cobri a boca com as mãos. As lágrimas caíam continuas, e fitei a porta sem reação.

Ele não sabia? Anya não contou?

Eu contei!

— Ed...

— Juro que vou destruir essa porta se você não abrir... — ele estava desesperado. — *Meu amor*, por favor.

Corri até a fechadura e girei a chave. Abri.

Eduardo estava a alguns passos da porta, com as mãos nos cabelos, o rosto banhado em lágrimas e a expressão emotiva.

— Você não sabia? — balbuciei. — Não foi por isso que veio?

Ele riu, como se não acreditasse.

Correu na minha direção e não se importou com o meu recuo. Abraçou-me com força, erguendo-me do chão. Desabou contra os meus cabelos, em pranto e beijando cada parte do meu pescoço.

— Você está aqui — sussurrava repetidas vezes.

Não conseguia entender.

— Ed...

— Meu amor. — Segurou meu rosto pelas bochechas, encarando-me com fascínio. — Por que fez isso? Por que foi embora?

— Você é quem acabou — funguei.

— Não...

— Sim.

Afastei-me, quebrando o encanto. Fechei a porta, o perfume de Eduardo já dominava aquela casa.

— Zoe...

— Depois de tudo o que me disse em Pandora, Ed, o que esperava? Tenho o meu orgulho, o meu amor próprio — hesitei, de costas para ele. Fitei a porta. — Mesmo assim, esperei por você. Esperei para que pudéssemos conversar, mas seu celular estava desligado, e quando não me procurou, entendi. Somos diferentes... Compreendo que eu ter sido uma mulher-sexual foi muito para você. — Não obtive resposta e continuei. — Além de esconder durante todo o tempo. Só quero que saiba — travei. Engoli o choro. — Que não traí você fisicamente. Depois que nos envolvemos... Depois que acabou com Mercedes, só estive observando em Pandora, não encostaram em mim, não transei com as

pessoas, não participei de apresentações. Então, o filho é seu, mas podemos fazer o teste se....

— Por que está falando isso? — pediu horrorizado. Olhei-o sobre o ombro e me surpreendi com o amor estampado na sua face.

— Porque acabamos. Você mesmo disse em Pandora que eu o decepcionei. Depois de tudo o que falou, de todas aquelas palavras...

Ele caiu de joelhos. As lágrimas escorreram pelo rosto.

Abri a boca, com a emoção causando arrepios pelo corpo.

— Desculpe-me pelo que disse, Zoe — fechou os olhos, sussurrando: — Erramos. Não tiro a sua culpa por ter me escondido, por ter... Me decepcionou, não nego. E também decepcionei você quando reagi daquele modo. Poderia colocar a culpa na bebida, na emoção do momento... No entanto, a culpa é minha também. Errei. Não entendi na hora tudo o que aquilo significava, estava magoado por você fazer parte de Pandora e pensei no pior... Mas, diante de perder você, nada seria pior do que isso. Suportaria o que fosse, para pelo menos ter você dentro dos meus braços. Sou meio louco quando amo. — Sorriu. A barba castanha, molhada assim como o seus cabelos e corpo, sombreou o seu sorriso e ele abriu os olhos. — E eu amo você. Independente se foi parte de Pandora. Independente se tentou sustentar a gente com um relacionamento sem compromissos... Era sua vida antes de eu entrar nela, era a sua forma de viver e ser independente. Não deveria ter mentido, mas entendo o medo que deve ter sentido depois da situação com aquele seu vizinho idiota. Não sou ele. Não sou um cara que julga, Zoe. Muito menos que abre mão do amor. Pensei tanto enquanto dirigia para cá. Não sabe o quanto fiquei ansioso, o quanto sofri por você ter partido assim. Eu a quero, Zoe. Quero você inteira, com o seu passado, com tudo o que tem.

Cobri a boca, sem conter o soluço do choro.

Entreguei-me ao amor. Cedi ao medo. Corri na direção de Ed e deixei que abraçasse o meu corpo. Beije os seus cabelos, abraçando-o. Ajoelhado ainda, beijou a minha barriga e ergueu a cabeça. De perto, vi marcas em seu rosto. Seu olho estava levemente inchado. Passei a mão.

— Esse é o motivo de eu não ter aparecido como um louco no seu apartamento — murmurou. — Não me deixaram. Mercedes me sequestrou com outro homem e me mantiveram preso. Ela realizou sua vingança por eu ter acabado...

— Ed.

Estava horrorizada. Acariciei o seu rosto.

— Estou bem agora.

— Eu não sabia... — Sentia-me horrível. Ele passou por aquilo, e eu acreditando que tinha me deixado. Pensando o pior dele. — Desculpe-me. — Agachei-me, em agonia. Toquei todo o seu rosto. — Eu não sabia. Você se machucou...

— Shhh. — Colocou o dedo sobre os meus lábios. — Já passou. Você não sabia, não tem culpa sobre isso.

— Você está bem — sussurrei, amando cada parte do seu rosto.

— Agora sim. Finalmente... Estou bem, Zoe, porque estou com você. Passei um inferno, e quando soube que tinha ido embora, não conseguia me controlar.

— Desculpe-me por isso...

— Erramos, e nos desculpamos. Amo você e é isso que importa. — Não controlei o choro e Ed sorriu, também emocionado. — Agora, me diz... — Respirou fundo. — Você está grávida?

— Sim — fechei os olhos. As lágrimas resvalaram pelo rosto. — Descobri um dia antes daquele último evento de Pandora.

— Por isso estava estranha...

— Você também estava.

Ed pareceu querer contar, e então balançou a cabeça.

— É passado.

— Não foi de propósito — tentei explicar. — Por favor, não pense...

— Você me tornou o homem mais feliz do mundo — me interrompeu. — Tenho você, e vou ser pai. — O sorriso foi tão sincero que me contagiou. — Pode não querer, Zoe. — Segurou meu rosto. — Mas eu quero. Quero ser pai dessa criança, quero amá-la como amo você, e jamais hesitaria. Desde o momento que contou, não consigo pensar em outra coisa a não ser nós três... Finalmente estou vivendo e vejo o que a vida está me dando. Estava por tanto tempo cego... E você estava ali, pronta para mostrar que é a dona do meu coração.

O amor percorria todo o meu corpo. Abracei Ed. Beije-o, tentei recuperar todo o tempo perdido, aceitei os seus carinhos.

— Amo você — sussurrei. — Amo tanto... Me apaixonei desde a primeira vez...

— Eu sei — falou contra os meus lábios. — Amo você como nunca amei antes, Zoe, e entrei para ficar na sua vida.

Ed me beijou, matando a saudade que tinha da sua boca. Sua língua

buscou a minha, louca, com urgência e necessidade. Suas mãos acariciaram o meu corpo, e me ergueu do chão. Carregou-me no colo.

— Preciso de um banho muito quente com você — rosnou contra os meus lábios, sem me dar tempo de respirar. Seu beijo me devorou.

E me senti amada como imaginei em todos os meus sonhos.

Dessa vez, não deixei o amor passar. Abri bem os olhos, e disse para ele que seria *meu*. Apenas meu.

Eduardo era o homem dos meus sonhos, que se tornou real, que realizou todas as minhas fantasias de menina, e supriu todo o meu amor de mulher.



É só você e eu
E eu estou de joelhos.

Pray - JRY.

Eduardo Constanzer

Um ano depois.

— Shhh — murmurei com o choro enchendo os meus ouvidos. — Estou aqui... Estou aqui, Armi.

Fitei a janela parcialmente coberta pela cortina azul. Ao fundo, as ondas do mar se arrebatavam na praia, iluminada pelo deque que se ligava à nossa casa.

Balancei meu filho no colo e fitei os seus olhos. Castanhos como os meus, os cabelos começando a nascer, também castanhos. Mas algo no seu rosto me lembrava de Zoe e sorri.

Armi colocou um dedinho na boca, encarando-me de volta.

Era meu filho, minha família.

Se me contassem como eu estaria depois de todo o sofrimento e por tudo o que passara, não iria acreditar. Não, diria que a pessoa estaria sendo muito otimista.

Mas Zoe apareceu na minha vida. Deu-me uma razão para correr atrás do meu futuro, voltar a sentir orgulho de mim mesmo, pelo simples fato de me amar até nas minhas piores falhas.

Esse amor genuíno, puro e intenso foi o que me tornou um homem e pai. Foi o divisor entre o fundo do buraco e toda a escalada para ver o sol surgir outra vez.

Quando amamos, perdemos a cabeça, tornamo-nos inconsequentes e cegos. Uma paixão arrebatadora, quando alimentada pela loucura, nos destrói.

Contudo, um amor que coloca os pés no chão, com uma doce paixão, que ao invés de destruir, constrói... Essa é eterna, nos enche de esperança e sonhos.

Precisei construí-los com Zoe. Precisei da sua força.

E Zoe era a mulher da minha vida. Não havia dúvidas. Amava-a de todas as maneiras, pois ela emanava essa presença, essa segurança que aprendera a ter.

E desejava que Armi tivesse esse gênio dela.

Ele tentou falar, balançando os bracinhos, e o ninei.

Sussurrei uma canção que ouvia quando criança, quando Armando e eu éramos novos. Coloquei o pequeno urso verde em sua mãozinha, balançando-o contra o meu peito.

Não poderia estar mais feliz.

Não, nunca estivera como estava agora.

— Irá dormir com Armi, ou virá para cama? — Zoe murmurou na porta, de braços cruzados, uma pantufa branca e o roupão fechado. — Acho que você não caberá no berço.

— Não dormiria longe de você, *meu amor*.

— Você se perde com Armi. — Sorriu. — Já tirei tantas fotos que você nem percebe.

— Eu sei — suspirei. — É tão bom segurá-lo.

— Sua mãe virá aqui amanhã, está ansiosa para preparar o aniversário de um ano.

— Imagina se não estaria. Seu único neto...

— Ela quer que tenhamos mais. Disse que quer uma menina.

Ri. Essa era a minha mãe.

— Começo a pensar que foi uma péssima ideia nos mudarmos para cá.

— Eu amo Santa Lúcia, Ed — Zoe negou. — Gosto de ter os seus pais por perto, acabam sempre nos ajudando.

— Isso é bom — concordei.

— E tem coisa melhor do que acordar com o mar na porta da sua casa? Sábua decisão da sua mãe quando nos convidou para morarmos perto deles!

Não podia negar. Depois de tudo o que passamos na família, o casamento foi um alívio. Meus pais decidiram morar de vez em Santa Lúcia, e meses depois, Zoe, entre um telefonema e outro com a minha mãe, decidiu por nós.

Precisávamos de um pedaço do paraíso para nós.

Precisávamos acreditar que tudo daria certo.

Armi nasceu pouco tempo depois, e foi o que todos necessitavam para seguir em frente.

— Ela mima demais ele — murmurei. Armi já estava adormecido, contudo, quis segurá-lo mais um pouco.

— Seu pai também. — Zoe se aproximou. — Na verdade, ambos mimam demais.

— Minha mãe pediu quando iremos para Nova Iorque — comentei. Zoe olhou-me quieta por alguns segundos. Tocou a ponta dos dedos no rostinho do nosso filho.

— Não sei se quero deixar Armi. Pensei em levá-lo...

— Você estará na corrida atrás de editoras, *amor*. E eu estarei para lá e para cá com Tom, que também estará por lá.

— Eu sei...

— Mesmo que Alice tenha dito que ficaria cuidando de Vivienne, os dois juntos...

— Sua mãe já convenceu você a deixá-lo aqui — ela descobriu toda a conversa que eu tivera outro dia.

— Sabe como ela é persuasiva.

— Sei bem — Zoe riu baixo. — Ele já dormiu.

Deixei-a que pegasse o nosso filho. Beijou-o na testa e o carregou até o berço, colocando-o nele. Verifiquei a babá eletrônica enquanto Zoe o cobria, e assim que terminei, ofereci a mão para ela.

— Vamos para o quarto, amor. Ele está bem.

Zoe assentiu, entrelaçou os nossos dedos e me acompanhou. Era pequena, baixinha, e com as pantufas grandes ficava engraçada. Fora presente de Alice no natal, e precisei me retirar junto com Tom, para que não déssemos risada.

Alice e Zoe, para o meu espanto, se deram tão bem, que era como se já se conhecessem. Na verdade, senti receio por parte de Zoe. Ela parecia temer que ainda existisse algum amor da minha parte por Alice.

Bastou um primeiro jantar, para que tanto Zoe como Tom tivessem a certeza de que o passado ficou onde deveria estar: no passado.

Eu amava a minha mulher, amava-a mais do que jamais amei Alice. Praticamente babava pela transformação de menina para mulher que em determinados momentos do dia acontecia... E não podia negar que na cama Zoe se tornava espetacular.

Ela também sabia dos meus pensamentos e dores. Não precisávamos de palavras. Mercedes desapareceu da minha vida. Nunca soube o que o Lehanster fizera, mas tinha dado resultado. Nem Mercedes, muito menos aquele Peter. Quando nos mudamos, Anya também ficou no passado. Zoe queria devolver o dinheiro, contudo, Anya não aceitou. Quis que Zoe tivesse garantias para si, para que começasse algum negócio próprio e fosse independente de mim. Nunca descobri o motivo de tanta bondade da parte de Anya, mas não gostava dela.

E Zoe respeitou isso. Afastou-se por completo. Pandora ficou no passado, nossas antigas vidas também.

E Santa Lúcia, além de um lar foi também um recomeço.

No entanto, o desejo de Anya foi atendido: Zoe se tornou independente de mim. Apoiei-a em todas as suas escolhas, desde quando se decidiu por dança, e não mais por literatura.

Depois de vários cursos, agora dava aulas de dança e ballet em seu próprio estúdio para crianças.

E o melhor de tudo, eu a tinha por completo. Sem segredos, com todas as perguntas e respostas que eu quisesse, e com todo o amor que ela me dava.

Diferente do que Zoe pensou, Pandora não era seu passado negro, e depois que parou de se importar, eu citava sobre determinados momentos em que eu a vira. Em que, depois, se tornou nítido na memória. E em como era linda. Em como era todo o erotismo da minha vida.

— Pensei em pintar essa parede — Zoe largou minha mão e parou diante da parede ao lado da varanda que deixava o nosso quarto de frente para o mar.

— Você já pintou a da sala de jantar... — comentei, entretanto, não como crítica, mas com paixão. Amava quando deixava florir seu lado criativo, quando se pintava mais do que pintava a parede, e no final me abraçava como tanta animação que poderia facilmente arrancar o meu coração do peito e pegar para si.

Zoe tinha tantos lados que a cada dia eu descobria mais um, e me encantava outra vez.

— O que acha? — pediu, olhando-me com ansiedade.

— Só se for de azul.

— Pensei em azul — sorriu.

— E o deque? Acabaremos quando?

Éramos assim. Aprendíamos juntos, tentávamos nós. A cada semana era um talento novo. O deque, no início, era para ser feito por profissionais, mas Zoe me convenceu a tentar. Estávamos na metade.

— Esse fim de semana, antes de irmos viajar na segunda, o que acha?

— Meu pai se dispôs a ajudar.

— Ah é? — Sorriu animada. — então será os Constancers contra as madeiras!

— E uma Brooks — concordei. — Que domina todos os outros.

— Não é assim... — ela respirou fundo e sentei na cama.

— Vem cá. — Estendi as mãos para ela.

— O que é? — perguntou curiosa, obedecendo. Parou no meio das minhas pernas e segurei suas mãos. Fitei os nossos dedos entrelaçados.

— Hoje no trabalho. — Tinha vendido cinquenta por cento da empresa da família para Tom, e assim, ele administrava na antiga cidade, enquanto eu abria uma filial em Santa Lúcia. — Conversando com Tom, pensei sobre algo, Zoe.

Encarei-a. Estava séria.

— O quê?

Zoe sempre pensava no pior, era pessimista por natureza. Quando Ray perdeu todos os contratos, há um ano, e caiu nas mãos dos Lehansters de vez, Zoe precisou me contar que Anya a ajudou, e aconselhei que continuasse aceitando ajuda. No fim, Ray acabou precisando prestar serviços, proibido de chegar perto de Zoe, e viu sua carreira afundar. Zoe pensou no pior, pensou que ele poderia vir atrás de nós, mesmo com Anya garantindo que isso não aconteceria.

E nada aconteceu. Seu pessimismo foi sem fundamento. Contudo, depois daquilo, qualquer conversa séria, ela sempre via o pior antes.

E não era o pior ali. Não, com certeza não.

— Faz algumas semanas que ando observando...

— Ed... — tentou me interromper, olhos nos olhos. A minha ansiedade se misturando com a sua.

— Sua agitação, suas mudanças de humor... — tentei continuar.

— Ed...

— Então, conversando com o Tom, comecei a considerar.

— Estou grávida. — Afirmou, se adiantando e respondendo à pergunta que eu iria fazer.

Abri a boca.

— Mesmo? — Arqueei as sobrancelhas.

— Mesmo. — Sorriu. — Nosso Armando ganhará um irmãozinho... Ou

uma irmã.

— Por que não contou antes?

Eu seria pai de segunda viagem, mas a emoção era a mesma da primeira.

Meu coração batia louco. Meu nervosismo me fez rir, e antes que Zoe respondesse, segurei seu rosto com ambas as mãos e a beijei. Beijeí tanto seu rosto, seus lábios, seu pescoço. Amei-a com a minha boca, e a abracei.

Dentro dos meus braços ela sempre estaria segura.

Ela sempre estaria protegida e cheia de amor.

— Não tinha certeza... — respondeu contra o meu ouvido, com as mãos nos meus ombros, sentada no meu colo.

— E iria contar quando? — cobreí. Zoe não lidava bem em contar coisas.

— Bem — sorriu. — Ia fazer uma surpresa.

— Já é uma surpresa.

— Não seria no pé da cama, com você já suspeitando.

— Foi maravilhosa mesmo assim. — Acaricieí o seu rosto. Ficamos assim por um momento: em silêncio, apaixonados, acariciando o rosto um do outro, mergulhados no amor que tínhamos.

— Obrigado — sussurrei.

— Pelo quê?

— Por ser essa mulher. — Roci os dedos em seus lábios. — Por ser minha força, minha segurança. *Meu amor.*

— Você sempre foi o meu.

— E o que acha de comemorarmos? — Levantei-me, agarrando-a em meu colo e a carregando varanda afora.

— Ed — Zoe gritou.

— Shhhh. — Cobri sua boca. — Acordará Armi.

Corri com ela no colo. Atravessei a varanda e passei pelo baixo portão que separava a casa da areia. Meus pés afundaram no chão, a areia fria os cobriu, e continuei a correr.

Era o nosso lugar, colado no nosso quintal, com a casa dos meus pais a metros de distância ao lado.

— A água vai estar fria — reclamou, debatendo-se no meu colo, e o meu riso se uniu ao dela.

O vento soprou sobre nós, e diante das ondas, a coloquei no chão, abraçando-a por trás.

— Não entraremos — sussurrei. Minhas mãos pousaram na sua barriga

sobre o vestido azul. — Apenas quero ficar aqui... Com você.

— Sempre ficaremos aqui — concordou. Ergueu o olhar e juntos fitamos o céu estrelado contra o mar escuro.

— Dessa vez eu escolherei o nome do nosso filho — afirmei e Zoe assentiu. — E se chamará Estrela.

— Não, nem pensar! — protestou, virando-se de frente. — Eu escolho — ergueu o dedo ao dizer.

— Estava brincando — zombei. — Ainda não decidi.

— Já está decidindo? Ed...

— Venha aqui. — Puxei-a pela mão, voltando a abraçá-la por trás.

Ficamos em silêncio, aproveitando a felicidade que tínhamos. Uma vida tranquila, normal, com nossa rotina, nosso filho, que futuramente teria um irmãozinho...

E o amor.

Puro e sincero. Um que tanto desejei, acreditando que poderia ter pela mulher errada, quando a certa já me amava.

Ficamos minutos ali, em silêncio, até Zoe correr para dentro da casa, me chamando para um banho delicioso. E aproveitei do seu corpo, de cada parte.

Saí do banheiro antes dela, e liguei a televisão.

Zoe demorou mais tempo do que o normal.

— Amor? — chamei-a.

— Por que ligou a televisão? — Ouvi sua voz após o barulho do secador cessar.

— Porque... — hesitei e semicerrei os olhos.

— Já está deitado? — Ouvi a voz de Zoe do banheiro. Já estava.

Conhecia a minha mulher.

Em um segundo, deslizei as calças do pijama para baixo

— Já! — Estava nu debaixo das cobertas, esperando por ela.

Zoe abriu a porta do banheiro, e sorri ao ver as orelhas. Sua roupa colada, preta, as meias e o batom vermelho nos lábios. Seus cabelos castanhos estavam com tonalidades de louro nas pontas, e minha ereção se ergueu assim que a vi.

Era gostosa demais.

— É uma comemoração? — suspirei.

— O que você acha? — Rebolou até parar de frente para a cama.

Seria uma noite insana, quente e arrebatadora.

Eu iria amá-la demais até perder a voz de tanto gemer o meu nome.

Zoe era a mulher dos meus sonhos, me fez abrir os olhos e ver que ela era o meu mundo de sensualidade, de desejos, e principalmente, estava me dando um mundo de amor.

FIM.

Em breve

Ficaram curiosas para saber sobre a criação do clube Pandora, e também sobre os seus donos? Querem saber o que Anya Lehanster fez e faz? O quão poderoso seria Enzo Lehanster? Qual o final de Mercedes, Armando, Gisele... E todos de Pandora?

O terceiro livro da série Pandora em breve chegará!

Um Dark Romance sobre máfia russa, sobre sedução, anonimato e muito mistério.

OS LEHANSTERS – SÉRIE PANDORA – LIVRO 3.

Nem tudo é o que parece, não se esqueça disso!

Segredos, máfia, clube Pandora e a história da destruição de um homem.

O extremo é apenas um limite a ser ultrapassado para Enzo Lehanster, um homem que cresceu com a consciência de que é quem pode manter sua família em pé ou a fazer ruir. Um segredo, um medo e uma história antiga demais para manter-se enterrada por debaixo da neve russa por muito tempo. E isso significa desenterrar segredos da máfia que, na espreita, espera a hora certa para fazer uma dívida e cobrá-la. Uma máfia crua, suja e impiedosa, nascida ainda na antiga URSS. Seus segredos tornaram-no um homem quebrado para gostos comuns, e de uma vida discreta de sadomasoquismo, possui o controle de todos a sua volta e da sua própria mente, que mesmo quebrada, o mantém na linha.

E seguir a linha e ordem nunca foi o suficiente para Anya Lehanster, a irmã que cresceu longe. Ao retornar como uma mulher dominadora, encontrará sua perdição e desafio na cama com Enzo, em uma noite extrema e conflitante demais para esquecer. Será que eles são irmãos mesmo?

Entre conflitos, vícios e segredos, Antone Lehanster, o caçula da família, busca proteger os irmãos, mesmo que isso signifique sua ruína e loucura. Porque família é mais do que apenas sangue, *é lutar por alguém até o fim*.

Entre poder, segredos e sedução, um clube de sexo anônimo nascerá, onde o prazer é o desejo e a máscara é a libertação. Uma caixa de Pandora aberta

para libertar o que é necessário. *Poder* é o sinônimo de segredos, seja dos outros ou deles próprios, e sexo é uma forma de obter o que querem: controle. *Sedução* é dominação, uma forma ter controle sobre a mente do outro. E *segredos* são os motivos para não haver limites para eles.

Agradecimentos

Sempre que chega nesse momento de algum livro, começo a recapitular todo o caminho, e fico emocionada. Emocionada pelas pessoas que conheci, e por terem permanecido na minha vida, me acompanhado em cada livro, em cada mundo criado.

Pandora foi a minha primeira série publicada nas plataformas, e ela existe graças às leitoras intensas, leais, que se tornaram amigas e que fazem parte dos meus dias. Sem elas, esse livro não existiria.

Primeiro, queria agradecer a todas elas – Pecadoras do meu grupo do WhatsApp e também a algumas que não fazem parte do grupo, mas que continuam no meu coração – MUITO OBRIGADA! Vocês são parte desse mundo! Esse livro é para vocês! Obrigada pelo “Pandore-se”.

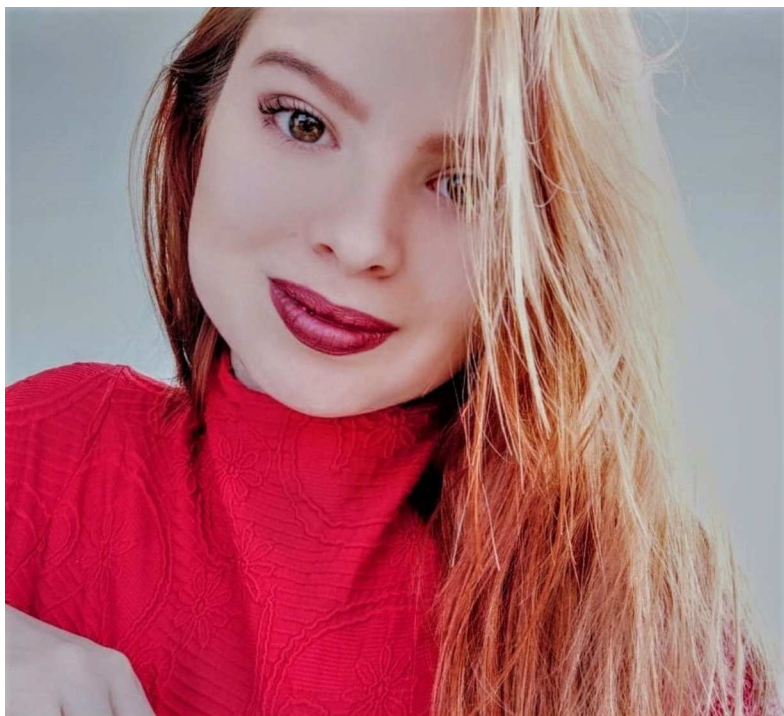
Agradeço também as minhas betas, tão animadas comigo, e por gostarem tanto do meu trabalho: Elizandra Forcellini, Francine Bernardes, Dalila Neves e Mirian Cardoso! Vocês são os meus anjos!

Obrigada a Sinéia Rangel pela paciência em me ensinar a diagramar. Foi meu primeiro trabalho, e você, como todas as outras vezes, me ajudou tanto! Não tenho palavras para agradecer.

Vanessa Bugliano, seu amor pela série só me faz sorrir feito boba! Obrigada pela parceria sempre incrível, adoro demais saber que cada livro conquista você um pouquinho mais.

Agradeço também ao meu namorado, por ter me aguentado tantas noites em claro, mergulhada nesse mundo ao ponto de esquecer de todo o resto. Obrigada por todo amor.

E queria dizer um muito obrigado a você, leitor (a), por dedicar um pouquinho do seu tempo nesse livro. Por adentrar em Pandora, deixar os sonhos aflorarem, e viver cada momento. Sua leitura é essencial para mim. Sem você, eu não existiria. MUITO OBRIGADA!



Paulista, mora no estado do Rio Grande do Sul.

Viu seu sonho se realizar ao ser lida e conhecer leitoras incríveis, podendo acreditar em seu sonho de ser autora. Sua vida apenas tem sentido se puder escrever, criando mundos dentro das páginas. Leitora assídua de clássicos, apaixonada por livros de autores como Anne Rice, Stephen King, Jane Austen e Sidney Sheldon.

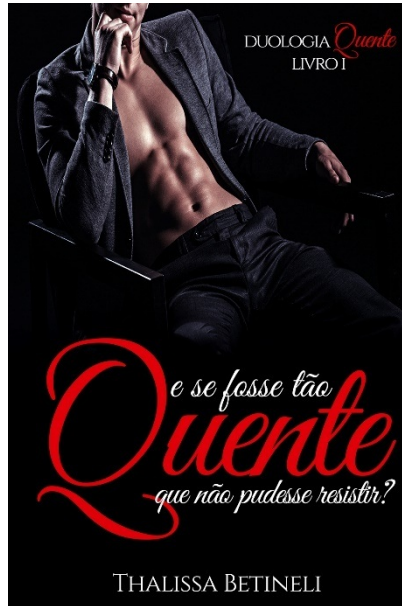
Thalissa crê que o mundo se torna melhor com palavras que possam transmitir emoções, e busca em cada obra sua colocar o seu coração, buscando transmitir todos os sentimentos para as leitoras.

Suas histórias são novos mundos, inspiradas em experiências, observações, e leitura, além de vir de uma imaginação que a fez desde pequena escrever.

Amante de história, busca sempre trazer um pouco de ensinamento e experiências únicas que façam suas leitoras adentrarem no livro e se desprenderem da realidade.

OUTRAS OBRAS





Quente – Série Pandora – Livro 1 DISPONÍVEL EM EBOOK

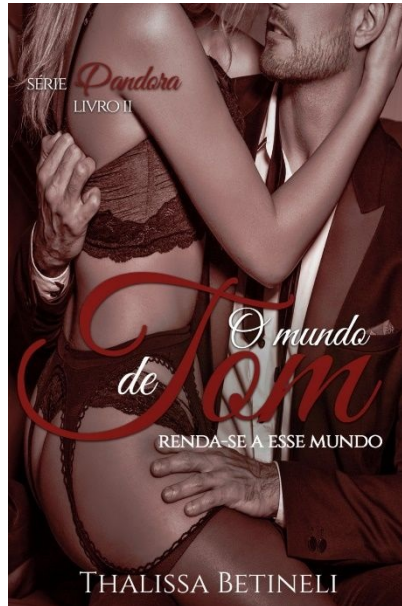
Alice estava como queria aos seus vinte e quatro anos, estudando jornalismo em uma grande cidade e começando seu novo estágio. O que ela não sabia era que o homem que conheceu em uma noite, era seu novo chefe e dono da empresa. O que havia sido uma pequena brincadeira, se transformará em um perigoso jogo de sedução, no qual Tom Haltender tem as habilidades e conhecimentos necessários para seduzir Alice. O quanto ficará quente, dentro e fora da empresa?

Tom Haltender herdou os empreendimentos dos pais aos dezesseis anos, e dez anos depois, triplicou seus negócios, mas separando sua vida profissional da pessoal. E essa é famosa por mulheres, iludidas por seu charme e sedução, além de festas escandalosas. Um mundo do sexo de Tom.

O quanto Alice resistirá a esse mundo? Tom precisará derrubar a barreira conservadora em que Alice está envolvida, extinguindo seu pudor e modo reservado, para envolvê-la em seu mundo do sexo, revelando seu maior segredo: ser sócio do clube Pandora.

Pandora, um clube secreto, um evento para os prazeres, um lugar para realizar as fantasias eróticas, adentrar ao mundo do sexo, onde apenas sócios sabem da existência e o anonimato de máscaras garante seu prazer secreto.

O quanto Alice resistirá a ir para Pandora? O quanto ela se envolverá? Descubra com Alice o quanto esse mundo pode ser quente e irresistível.



O mundo de Tom – Série Pandora – Livro 2
DISPONÍVEL EM EBOOK

Tom está sozinho no seu mundo do sexo.

Após perder Alice por segredos do seu passado, Tom se vê perdido em seu mundo que sem sua amada não tem mais o mesmo brilho de antes. Por outro lado, Alice se vê entre a cruz e a espada quando o seu amor por Tom é posto à prova com um novo concorrente no jogo. Se não bastasse, ainda tem a proposta de Anya que está a deixando confusa.

O amor que os dois sentem parece cada vez mais distante com o furacão de desastres que parece conspirar para mantê-los longe um do outro. O quanto Tom irá resistir longe da sua amada? E o quanto Alice resistirá ao seu lado escuro?

Pandora estará de portas abertas para Alice e seu lado escuro. Pandora estará na espreita, um evento para libertar e mostrar cada lado escuro que existe em nós. Adentre no mundo de Tom, seu mundo Quente, e viva o seu lado escuro com Alice.



Inabalável

DISPONÍVEL EM EBOOK

Ao retornar para a pequena cidade na enseada de uma praia, trazendo suas perdas e feridas de um passado amargurado, o escritor e antigo surfista Miguel Malacarte não esperava rever um passado doloroso ao encontrar seu antigo amor há muito abandonado. Eram tristezas demais, desencontros e motivos de se culpar em cada olhar. O seu rancor poderia ser ainda mais traiçoeiro com ele, assim como o seu romance.

E uma história que de ficção havia apenas o seu final.

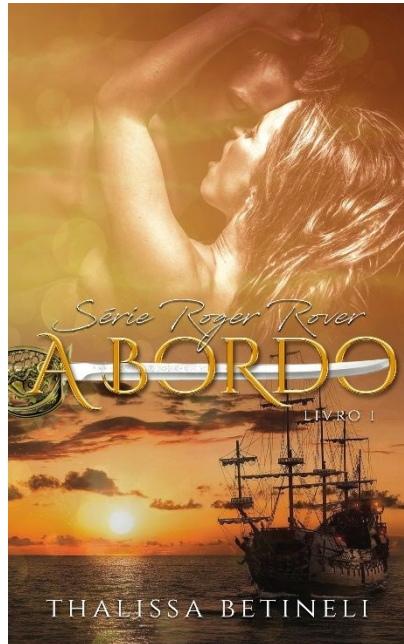
Camira é uma mulher forte, que enfrentou os seus problemas e traumas com garra e determinação, mas assim como o mar deixa as suas marcas na areia, ela também sofre. Sua necessidade de manter a ordem, de manter a organização do seu jeito e outras manias que aos olhos de desconhecidos e pessoas não tão próximas passam distantes, são mascaradas pelo rotineiro descaso muitas vezes, mas que na vida de quem sofre com o TOC é sufocante e exaustivo. Ela manteve o seu coração fechado por vinte anos.

Fechada demais, ela jamais repararia no romance lançado com suas lembranças ruins.

Mas o passado nem sempre permanece em silêncio e esquecido, e junto com a maré virá lembranças e encontros que tornarão o passado o presente, e o futuro incerto para quem estava decidido a mudar de rumo. Talvez Miguel já não seja o mesmo homem do passado, e suas lembranças sejam a certeza de que assumira o

caminho certo. E talvez no final, Camira descubra que em cada onda há uma chance de nunca mais sair dela inteira.

Uma história sobre amores antigos, sobre culpas e ressentimentos. Sobre um homem rancoroso e uma mulher disposta a seguir em frente. O que sobra do amor quando a vida já tirou tudo?



A bordo – Série Roger Rover – Livro 1

DISPONÍVEL EM EBOOK

A pirataria é mais apaixonante do que se imagina!

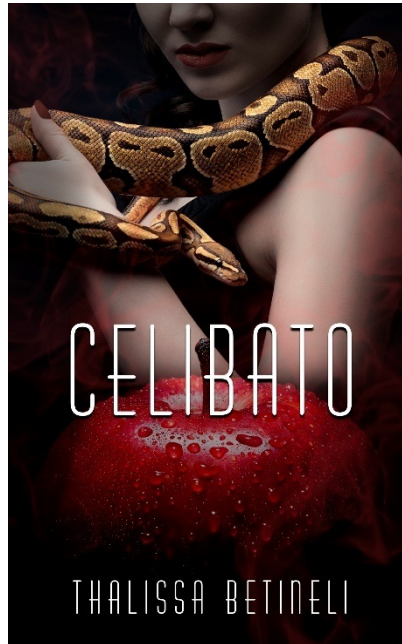
Dalila, uma forasteira em Tortuga, no mar caribenho, sozinha após perder seu noivo em um terrível confronto entre a Marinha e os piratas, será levada por engano para o convés do navio pirata Roger Rover.

Diante do vazio e exclusão da sua vida em uma sociedade do século XVII, perceberá que a pirataria poderá oferecer uma vida da qual nunca sonhou, uma liberdade que apenas os homens possuíam e sentirá uma paixão avassaladora. Comandada pelo capitão Bartholomew Kidd Sanch, descobrirá que o homem frio e extremamente implacável que é, guarda perdas que o deixaram sem um coração e com uma frieza em seus olhos azuis claros que lembrariam o quanto o mar é duro e cruel.

Moldada por ensinamentos da pirataria, Dalila se transformará em Dália, e junto com Primeiro Imediato de Roger Rover, aprenderá que um pirata jamais deve se apaixonar, encontrando em Arthur Charles Lowe um amor inexperiente, avassalador e único.

Dália se descobrirá como pirata, compreenderá como o amor é intenso e que cada pirata possui um coração escondido pela vida no mar.

"O mar cobra seu preço, determinando assim as consequências de cada escolha."



Celibato

DISPONÍVEL EM EBOOK

Ao retornar do seu retiro, Padre Armando buscará um caminho para manter-se na batina, com tormentos do passado e uma busca incansável pelo perdão.

O pecado nunca havia parecido tão tentador como fora naquela noite, e ao encontrar a médica Mônica Fattin novamente, compreenderá que a queda, vista de outro ângulo, era ainda mais bela.

A tentação o envolverá com palavras, com olhares e toques, e enquanto Padre Armando travará uma luta entre cair de vez ou manter-se puro, Mônica Fattin começará a ter suas convicções balançadas.

Mais do que uma história de amor, é uma história de vida sobre duas pessoas com problemas pessoais, sobre família, perdão, fé, crenças e morte. O Paraíso muitas vezes é dentro de nós mesmos, e o perdão é tão mais doloroso de sentir do que o ódio.

"Mônica era a serpente testando o quanto eu desejava a maçã".

Table of Contents

[prólogo](#)

[capítulo um](#)

[capítulo dois](#)

[capítulo três](#)

[capítulo quatro](#)

[capítulo cinco](#)

[capítulo seis](#)

[capítulo sete](#)

[capítulo oito](#)

[capítulo nove](#)

[capítulo dez](#)

[capítulo onze](#)

[capítulo doze](#)

[capítulo treze](#)

[capítulo quatorze](#)

[capítulo quinze](#)

[capítulo dezesseis](#)

[capítulo dezessete](#)

[capítulo dezoito](#)

[capítulo dezenove](#)

[capítulo vinte](#)

[capítulo vinte e um](#)

[capítulo vinte e dois](#)

[capítulo vinte e três](#)

[capítulo vinte e quatro](#)

[capítulo vinte e cinco](#)

[epílogo](#)

[em breve](#)

[agradecimentos](#)

[sobre a autora](#)